



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCACAO BÁSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO E GESTÃO DA ESCOLA
BÁSICA

**A ESCOLA DR. CELSO MALCHER NO BAIRRO DA TERRA FIRME
EM BELÉM DO PARÁ:** um estudo sobre o processo de mobilização e
luta dos jovens do ensino médio por uma educação de qualidade.

Belém-PA

2018

JESUS DE NAZARÉ DE LIMA DA COSTA

**A ESCOLA DR. CELSO MALCHER NO BAIRRO DA TERRA FIRME EM BELÉM
DO PARÁ BELÉM DO PARÁ: um estudo sobre o processo de mobilização e luta
dos jovens do ensino médio por uma educação de qualidade.**

Texto apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica, da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria José Aviz do Rosário.

Área de Concentração: Linha 01: Currículo da Educação Básica

Belém-PA

2018

JESUS DE NAZARÉ DE LIMA DA COSTA

A ESCOLA DR. CELSO MALCHER NO BAIRRO DA TERRA FIRME EM BELÉM DO PARÁ: um estudo sobre o processo de mobilização e luta dos jovens do ensino médio por uma educação de qualidade.

Texto apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica, da Universidade Federal do Pará.

Apresentado em: ____/____/____.

Conceito: _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria José Aviz do Rosário – UFPA/PPEB (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Clarice Nascimento de Melo – UFPA/PPEB (Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Matos de Souza – UFPA/PPEB (Examinadora)

Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino – UFOPA/PPGSAQ (Examinador Externo)

Prof^a. Dr^a. Jacqueline Cunha da Serra Freire - UNILAB (Examinadora)

Prof. Dr. Genylton Odilon Rego da Rocha – UFPA/PPEB (Suplente)

Aos meus incentivadores na existência e conquista, Benedita Borges da Costa (In memória-Avó) e meu avô Alexandre Borges da Costa.

Aos meus pais, exemplos na minha vida, exemplo de lutas e conquista, Elizabeth Barbosa de Lima e Antônio Borges da Costa; Meus Irmãos Marinete Lima da Costa e Antônio de Lima da Costa.

Aos meus sobrinhos que desejo que trilhem o caminho da busca do conhecimento, Ruan de Jesus; Renato Costa; Apoliana Costa e Maria Eduarda.

A minha dileta namorada e amiga, Thaís Pimenta Pimentel, pelos dias ao meu lado apoio e incentivo nos estudos.

A vocês, dedico esse trabalho, ainda que possuísse todo conhecimento do mundo, sem vocês eu nada seria. Com vocês a existência não é apenas um existir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelo Dom da Vida.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria José Aviz do Rosário (professora Zezé), pela paciência e orientação neste trabalho, pela parceria, amizade formada ao longo desses anos, pelo incentivo, nunca esquecerei, o dia o resultado dia resultado final da seleção de 2015, sua ligação feliz “Você passou, serei sua orientadora”. Na vida precisamos de pessoas generosas e amáveis que nos incentive a trilhar novos caminhos. A compreender os desafios dessa sociedade excludente e desigual.

A meus avós, Benedita Borges da Costa (*In memoria-Avó*) e meu avô Alexandre Borges da Costa, pela criação e ensinamentos.

Aos meus pais, exemplos na minha vida, exemplo de lutas e conquista, Elizabeth Barbosa de Lima e Antônio Borges da Costa.

A Meus Irmãos, Marinete Lima da Costa e Antônio de Lima da Costa.

Aos meus sobrinhos, que desejo que trilhem o caminho da busca do conhecimento, Ruan de Jesus; Renato Costa; Apoliana Costa e Maria Eduarda.

A minha dileta namorada e amiga, Thaís Pimenta Pimentel, pelos dias ao meu lado apoio e incentivo nos estudos, pelos dias juntos, pelos sonhos e desejos e por aquilo que ainda iremos conquistar.

Ao meu padrasto, pela convivência.

À minha banca de qualificação Prof^a. Dr^a. Jacqueline Cunha da Serra Freire; Prof^a. Dr^a. Clarice Nascimento de Melo; Maria de Fátima Matos de Souza e ao Prof. Dr. Wellington Ferreira de Jesus, pelas valiosas contribuições na minha pesquisa.

Ao Prof. Dr., Wellington Ferreira de Jesus, pelas sabias palavras “a construção de uma pesquisa é algo que exige, além do conhecimento, um processo de empatia e

afinidades entre orientador e orientando. São muitos os momentos de preocupação, angústia e tensionamento em uma relação norteadora pelo processo contínuo e constante de avaliação”.

Aos professores Prof. Dr., Genylton Odilon Rego da Rocha; Prof^a. Dr^a. Clarice Nascimento de Melo e Prof^a. Dr^a. Maria José Aviz do Rosário, pelas aulas de metodologia e outros assuntos.

A diretora, Daniele Balieiro e ao Vice-Diretor Raimundo Nonato Moraes Rabelo Mende da Escola Dr. Celso Malcher, pela acolhida e contribuição nesta pesquisa.

A professora, Rosana Ferreira dos Passos, pelas informações pela acolhida em sua casa, pelos ensinamentos, pela determinação e luta.

A Senhora, Maria Auxiliadora Freitas de Souza, pelas contribuições e informações. Todo carinho e atenção recebido.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/UFGA.

Ao meu dileto amigo, Alexandre Jorge Pimenta, sem sua ajuda as coisas teriam sido mais difícil e talvez impossível. Que sua vida seja cheia de graças e bênçãos.

Ao meu amigo, Jose Pereira Filho, pelos longos debates pelos caminhos da filosofia e da Educação.

A Ely Carlos, amigo e companheiro de luta e jornada, confundido muitas vezes no nome, afinal foram dois anos inseparáveis.

Ao meu amigo Wamphlys Carvalho de Almeida, bolsista do Conexões por toda ajuda na elaboração dos gráficos. Desejo sucesso nos seus projetos de vida e estudos.

Ao meu amigo e companheiro, Christian Miguel, pela companhia e apresentação do Bairro da Terra Firme, longos trajetos pelas coletas de dados. Desejo que em breve seja aluno da UFPA, neste espaço que é seu por direito.

Aos Colegas da primeira turma do PPEB/2016.

Aos amigos do Programa Conexões de Saberes: novo diálogo entre a universidade e as comunidades populares.

A jovem Thainara Mayara, por todas as informações dadas. Desejo todo sucesso em seus estudos.

Aos moradores entrevistados, meu muito obrigado.

E, não poderia deixar de registrar meus agradecimentos aos estudantes entrevistados, pelas informações dadas e acolhida. Desejo que os seus sonhos e os desejos de cada um se realizem.

E, a todos os meus professorxs desde o início do meu processo de escolarização, meu muito obrigado. Vocês foram importantes na minha vida. Em especial a minha primeira professora guardada eternamente na memória e nas lembranças da fase inicial dos estudos, Professora Cristina Gonçalves.

Além das barreiras sociais, econômicas e a falta de direitos básicos, o jovem de periferia enfrenta dificuldades de acesso ao conhecimento e lazer que decorre do descaso do poder público, que não incentiva e nem estimula o processo de aprendizagem, sociabilização e inclusão no meio social. Com isso, não se pode menosprezar os altos índices de violência e criminalidade que cercam o bairro, ocasionando uma segregação nos meios culturais, sociais e acadêmicos, lembrando que ainda existe discriminação/preconceito por parte da sociedade quando se revela o bairro em que se mora. Contudo, os jovens permanecem no processo de resistência diária, na luta por seus direitos, buscando outras alternativas de aprendizagem e lazer. O EXTERMINO DE JOVENS NEGROS, que na sua grande maioria residem nos bairros periféricos. Com a falta de alternativas públicas de lazer, o jovem cria soluções de recreação dentro do bairro, tentando com suas possibilidades criar e recriar formas de expressar e desenvolver atividades voltadas a pessoas de áreas periféricas. Ser jovem de periferia é lidar diariamente com sistema social excludente que nos invisibiliza todos os dias, reforçando a ideia que o jovem de área periférica não é capaz de conseguir seus objetivos, distanciando ainda mais de uma nova realidade de vida.

Christian Miguel, 2017 (O menino do Cabelo Azul - Jovem Morador da Terra Firme).

RESUMO

Esta dissertação tem como finalidade apresentar o resultado da pesquisa, com os jovens do ensino médio da escola Dr. Celso Malcher, realizada no âmbito do mestrado acadêmico no Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/UFPA. **objetivo analisar o processo de mobilização dos jovens do ensino médio da Escola Celso Malcher pelo direito à educação,** moradores das camadas populares e estudantes da escola Dr. Celso Malcher em relação a sua formação. Para isso, assentou-se numa base dialética, na perspectiva do materialismo histórico dialético. E apresenta-se uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo que buscou-se compreender as muitas fases que ocorrem dentro do processo de escolarização dos jovens pertencentes ao ensino médio da escola Dr. Celso Malcher. Optou-se pela análise qualitativa dos dados. A pesquisa abrangeu jovens estudantes da Escola Dr. Celso Malcher, uma aluna egressa, que estudou no ensino fundamental e Ensino Médio na escola, moradores do bairro da Terra Firme, uma técnica administrativa e uma professora da escola. Posteriormente, analisou-se as categorias: a) precarização da escola pública, b) trabalho, c) relação família e escola, d) relação com os professores, e) participação/mobilização. Assim, este estudo é um contributo para a história da Escola Dr. Celso Malcher, para o Bairro da Terra Firme é um trabalho que buscou a origem do bairro a partir das narrativas de seus moradores mais antigos e participaram do processo de ocupação e construção/consolidação do Bairro. E, principalmente, este estudo revelou alguns fatores (categorias) que influenciam nas trajetórias escolares e no processo de mobilização dos jovens moradores das camadas populares pelo direito a educação, por muito tempo alijados de seus direitos fundamentais.

Palavras-Chave: Escola. Ensino Médio. Mobilização. Escolarização. Jovens.

ABSTRACT

This dissertation aims to present results of the research with young people of the high school Dr. Celso Malcher school, carried out within the academic master's program in the Postgraduate Program in Curriculum and Management of the Basic School at Universidade Federal do Pará (Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-PPEB/UFPa). It aims to analyze the mobilization's process of the high school young, popular classes residents of Dr. Celso Malcher school students in relation to their education. For this, it was based on a dialectical basis, in the dialectical historical materialism perspective. We present a bibliographical, documentary, field research that sought to understand many phases that occur within the schooling process of young people belonging high school Dr. Celso Malcher school. Data qualitative analysis was chosen. Research included young students from Dr. Celso Malcher School, a student graduated, who studied elementary and high school at school, residents Terra Firme neighborhood, an administrative technique, a school teacher. Subsequently, following categories were analyzed: a) public school precariousness, b) work, c) family and school relation, d) teachers relation, e) participation / mobilization, f) being young. Thus, this study is a contribution to the Dr. Celso Malcher School history to the Terra Firme neighborhood is a work that sought neighborhood origin from the narratives of its older residents and participated in the process of occupation and construction / consolidation of the neighborhood. Mainly, this study revealed some factors (categories) that influence school trajectories and mobilization's process of the popular classes' young people for the right education, for a long time deprived of their fundamental rights.

Keywords: School. High school. Mobilization. Schooling. Young.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 PERCURSO METODOLÓGICO: DESENHO ESTRUTURAL DA PESQUISA	24
2.1 Lócus da Pesquisa.....	30
2.2 Os Sujeitos da Pesquisa.....	32
2.3 O Trabalho de Campo: Coleta de Dados.....	35
2.4 Entrevista.....	37
2.5. Processo de Análise dos dados.....	40
3. O BAIRRO DA TERRA FIRME.....	42
3.1. Terra Firme ou Montese: A Construção de um Bairro Emblemático Até No Nome.....	42
3.2. Terra Firme no hoje e participação da Juventude.....	52
3.3. Escola Dr. Celso Malcher e seus Jovens.....	55
3.3.1 Estrutura física	71
4. JUVENTUDE E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS DA PERIFERIA.....	75
4.1 Juventude e Classe.....	85
4.1.1 Juventude e construções conceituais: um olhar sobre as definições de juventude (s).....	91
4.1.2 A juventude brasileira.....	99
4.1.3 Juventude e ensino médio.....	102
5. O PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA DR. CELSO MALCHER PELO DIREITO A EDUCAÇÃO.....	108
5.1 Precarização da escola pública: Implicações no Processo de Escolarização de Jovens de Camadas Populares.....	109
5.2 Trabalho e sua Relação na vida do Estudante	113
5.3 Relação Estudante e Professor.....	119
5.4 Relação Família e Escola.....	121
5.5. Participação e Mobilização: luta pela educação.....	124
6. À GUIA DE CONCLUSÃO.....	129
7. REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICES.....	141
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS.....	144

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES.....	146
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA	147
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	148
APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA	149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do bairro da Terra Firme e suas mediações	43
Figura 2 - Terra Firme “aspecto das ruas”	44
Figura 3 - Terra Firme “aspecto das casas”	45
Figura 4 - Cidade de Belém – Bairros mais populosos (1950).....	48
Figura 5 - Cidade de Belém – Bairro mais populosos (1960).....	49
Figura 6 - Fatura de Energia Elétrica.....	51
Figura 7 - Fatura de pagamento de cartão de crédito.....	52
Figura 8 - Bairro da Terra-Firme – Belém do Pará.....	53

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Associação dos Amigos da Terra Firme “logo”	47
Foto 2 - Associação de Moradores Unidos na Luta “frente”	48
Foto 3 - UIPP/lugar onde funcionava o galpão que abrigava a escola.....	58
Foto 4 - Contrato de locação do espaço da Paróquia.....	63
Foto 5 - Anexo da Paróquia São Domingos de Gusmão.....	64
Foto 6 - Protesto em frente a Paróquia São Domingos de Gusmão/2012.....	65
Foto 7 - Caminhada em protesto exigindo o prédio da escola/2013.....	65
Foto 8 - Fio do bigode do Governador nas mãos da aluna egressa.....	65
Foto 9 - Imagem do contrato de comodato entre a SEDUC e Rede CELPA.....	67
Foto 10 - Prédio onde funciona a Escola Dr. Celso Malcher.....	68
Foto 11 - Momento de reunião para exigir aulas na escola.....	69
Foto 12 - Momento de Mobilização e Participação dos jovens.....	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação de Alunos Matriculados de 2010 a 2017.....	72
Gráfico 2 - Relação de Alunos Matriculados, Aprovados, Reprovados, Desistentes (Evasão), transferidos de 2016.....	73
Gráfico 3 – Dados INEP/ evasão escolar do ensino médio.....	80

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - População jovem de 15 a 29 anos, segundo etnia no estado do Pará, 2010.....	107
---	-----

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

UFPA	Universidade Federal do Pará
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
PPEB	Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica-
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
IDEB	Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
USA	Coletivo Casa Preta
GON	Grupo Ouro Nacional
IFs	Instituições Federais de Ensino Superior
EA-UFPA	Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
MPEG/MCT	Núcleo de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi
PCT	Parque de Ciência e Tecnologia
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ELETRONORTE	Centrais Elétricas do Norte do Brasil
HISTEDBR	Grupo de Estudo e Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil"
PPP	Projeto Político Pedagógico
EJA	Educação de jovens e adultos
PAS	Organização Pan-Americana da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
MS	Ministério da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará
ANF	Agência de Notícias das Favelas
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a juventude brasileira, mais especificamente sua relação com a escola pública, no âmbito da educação têm cada vez mais ganhado espaço nas pesquisas acadêmicas, isso, de algum modo, se deve ao fato deste tema ser pertinente para compreender as diversas relações que permeiam o chão da escola e a vida dos jovens neste espaço denominado escola.

O presente texto dissertativo, cujo título é **“A Escola Dr. Celso Malcher no Bairro da Terra Firme em Belém do Pará: um estudo sobre o Processo de mobilização e luta dos Jovens do Ensino Médio por uma educação de qualidade”**, tem como finalidade apresentar o resultado da pesquisa, com os jovens do ensino médio da escola Dr. Celso Malcher, realizada no âmbito do mestrado acadêmico no Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica - PPEB/UFPA.

A pesquisa teve como **objetivo analisar o processo de mobilização e luta dos jovens do ensino médio da Escola Dr. Celso Malcher pelo direito a educação de qualidade**, sendo orientada sob a seguinte questão: **Quais fatores têm influenciado no processo de mobilização e luta dos jovens do ensino médio da Escola Dr. Celso Malcher pelo direito a educação de qualidade?** Tendo como **objetivos específicos**: identificar a construção histórica da Escola Dr. Celso Malcher, seus dilemas e desafios; compreender as estratégias de mobilização adotadas pelos jovens para contornar os problemas sociais no seu processo de escolarização e investigar quais as problemáticas os jovens enfrentam na escola Dr. Celso Malcher.

Deste modo, nossa pesquisa tem como *lôcus* a escola Dr. Celso Malcher, situada no Bairro da Terra Firme, que para maior compreensão será caracterizada neste trabalho em tópico específico, a partir das narrativas dos moradores mais antigos do bairro, pois suas memórias serão importantes para compreender a dinâmica desse bairro. Deixamos claro que nosso objeto de estudo não é o bairro, mas sim os Jovens que estudam na referida escola, no ano de 2017. Mais precisamente os que cursam o ensino médio.

No âmbito das pesquisas nas áreas das ciências humanas, a temática sobre a juventude tem sido objeto de investigação e desejo de compreender seu significado

político-social e educacional, sobretudo o papel que o jovem deve e tem desempenhado na sociedade brasileira, uma vez que enquanto sujeito em processo de formação e de construção social tornasse sujeito ativo e participativo na conquista de direitos e igualdade social, já que a exclusão social e a pobreza afetam milhares de jovens brasileiros.

Segundo Sposito (2009) o debate sobre a juventude tem ganhado mais espaço nas discussões referentes às políticas públicas voltadas para este seguimento da sociedade brasileira, assim como por diferentes órgãos, tais como aqueles voltados à saúde, à cidadania, à segurança, à formação para o trabalho e para a formação acadêmica. Essa preocupação nasce principalmente a partir de 1990, onde esse grupo começou a vigorar como o “problema da juventude”, por sempre aparecer ligado a atos de violência.

Em torno da temática da Juventude, Sposito (2009), argumenta que existem confluências de demandas e de representações no campo político, que levam a constantes desentendimentos, ocasionando entraves sobre a questão juvenil e as concepções em torno desses sujeitos. Entender esse debate sobre os jovens e sua relação com a escola, tem três razões importantes, o acadêmico, o social e o pessoal.

Estudos de Barber-Madden e Abe Saber (2010, p. 23) apontaram que “nos países em desenvolvimento, houve um aumento significativo no número de matrículas de jovens em escolas”. Entretanto, o estudo alerta que muitos desses jovens não completam o ensino básico. Isso ocorre pelo fato dos jovens serem forçados a largarem a escola para conseguirem emprego/trabalho, na maioria dos casos esses jovens fazem parte do mercado informal, sendo por meio desta renda que sustentam a família e si. A questão trabalho é fator que influencia diretamente na sua permanência nos espaços escolares, conforme apresentaremos no resultado desta pesquisa. Assim sendo, o Brasil apresenta um alto índice de evasão e abandono escolar, e no estado do Pará, esse índice, segundo dados do Censo Escolar realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional Anísio Teixeira (INEP), em 2017, equivale a 16% dos jovens matriculados na Educação Básica. Esses dados colocam o Pará em situação desfavorável comparado a outros estados, em relação ao acesso e permanência desses jovens na escola.

Segundo Rossi, ao comentar um estudo da Organização Não Governamental (ONG) Todos Pela Educação, constata que:

O levantamento registrou uma grande disparidade ao se observar os indicadores por raça, cor, faixa de renda e áreas urbana e rural dos alunos. Entre os jovens que concluem o Ensino Médio até os 19 anos, há uma diferença de 20% em relação aos jovens que se consideram pardos. A disparidade também ocorre no recorte por renda: O percentual de jovens mais ricos apresenta uma taxa de conclusão de 83%, enquanto os entre os mais pobres, apenas 32% concluem o Ensino Médio até os 19 anos. Em relação à localidade, nas áreas rurais, o percentual de alunos que conclui o Ensino Médio dentro da meta de 19 anos é de 35%, enquanto nas áreas urbanas esse percentual atinge 57% (ROSSI, 2014, p. 01).

Apesar disso, para Arroyo (2014) nas últimas décadas os movimentos sociais e coletivos diversos têm exercido uma pressão maior sobre o Estado por políticas públicas mais igualitárias e democráticas, que visem e possibilitem maior inclusão de grupos historicamente excluídos, como as juventudes das camadas populares, como intuito de diminuir as barreiras das diferenças econômicas, sociais, educacionais e culturais.

Na busca por tais garantias, o jovem tem papel importante, tendo em vista o direito à educação não ser um benefício do Estado para com os seus cidadãos, e sim, obrigação constitucional. Assim sendo, o jovem tem se mostrado atuante em busca de tais fins, pois, como veremos, os jovens da Escola Dr. Celso Malcher serem citados como exemplo.

O problema das questões sociais, tais como educação, lazer, cultura, saúde, trabalho, justiça e saneamento básico, que envolve diretamente a vida dos jovens, têm levado governos a programarem políticas públicas voltadas para essa parcela da Sociedade, que segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010), equivale a 50 milhões de Jovens entre 15 e 29 anos. Deste modo, para atender tais demandas, vale mencionar, por exemplo, a criação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), em 2005, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, hoje vinculada ao Ministério da Justiça.

Essa secretaria tem como finalidade articular as ações e programas voltados para a juventude. Em 2010, a SNJ, por meio do Projovem integrado¹, articulou a implementação de projetos importantes para a população jovem brasileira, como

¹Em vigor desde 2008, o Projovem Integrado surgiu da unificação de seis programas já existentes e voltados para a juventude – o Agente Jovem, o próprio Projovem (conhecido desde então como Projovem Original), o programa Saberes da Terra, o Consórcio Social da Juventude, a Juventude Cidadã e o Programa Escola de Fábrica. Todas essas iniciativas foram reunidas em um único Programa, denominado Projovem, que se tornou o ‘guarda-chuva’ das principais ações voltadas para o público juvenil (BARBER-MADDEN; SANTOS, 2010, p. 175).

Projovem Adolescente, Projovem Urbano, Projovem Campo e Projovem Trabalhador, esses projetos possibilitaram um atendimento mais efetivo, no que diz respeito à reintegração à escola, qualificação profissional e a ações para a cidadania.

O contexto acadêmico paraense, ainda carece de estudos e pesquisas que revelem as potencialidades dos jovens, seus desafios e suas perspectivas, principalmente dos jovens das camadas populares, ou seja, o jovem morador da periferia, das áreas isoladas dos centros urbanos, e intimamente sua relação com a escola.

Dessa forma, é preciso compreender os jovens não de forma isolada dos contextos nos quais vivem, mas em suas múltiplas particularidades e dimensões, sejam elas sociais, políticas, históricas, econômicas e culturais. Pois, no contexto brasileiro, se vive uma disparidade entre jovens de centros urbanos, principalmente aqueles que estudam em escolas particulares, em relação aos das camadas populares, que dependem da escola pública. No todo, verifica-se em relação à educação, saneamento, infraestruturas, lazer e garantias de direitos, relação e compreensão desigual entre os jovens brasileiros.

Nesta perspectiva, este estudo visa contribuir socialmente referente às pesquisas acadêmicas sobre juventude, na medida em que apresenta vários aspectos importantes sobre as ações dos jovens das camadas populares, (mais especificamente os jovens da escola Dr. Celso Malcher), destacando a atuação e participação destes na vida escolar e no processo de formação. Pois, a atuação dos jovens revela seu protagonismo dentro do ambiente em que vivem, o qual na maioria das vezes é invisível à sociedade, que tende enxergar a juventude como fase problemática marcada por conflitos, não a entendendo como o hoje, somente como algo para o futuro, assim como aponta Juarez (2003, p. 24) “[...] é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente [...]”. Negativando o que é ser jovem e desmerece ou desqualifica as ações da juventude.

Outro fator importante à relevância social da pesquisa é a existência de aproximação entre as realidades acadêmica e escolar com a do próprio jovem. Já que “pesquisa não se realiza fora da vida social, ela não é isolada da realidade, está presente nas atividades normais do profissional das ciências humanas e deve ser usada como instrumento de enriquecimento do conhecimento” Gomes (2001, p. 8).

Nessa perspectiva, ao compreender melhor os jovens, aproximar-se de sua realidade, é possível apresentar-lhes fundamentos que de algum modo lhes apontem novos olhares sobre a própria realidade da periferia e o ser jovem nela. Falando sobre a pesquisa, Toledo e Gimenez pontuam com muita propriedade que:

É preciso esclarecer o que entendemos por pesquisa. Evidentemente, compreendemos a pesquisa como um conjunto sistemático e sistematizador de conhecimentos e procedimentos que são necessários ao domínio do saber sobre um objeto ou sobre objetos previamente estabelecidos, não importando as suas especificidades como características particulares, mas sim, como diferenças que requerem abordagem e conhecimentos diferentes (TOLEDO; GIMENEZ, 2009, p. 111).

Nesse sentido, a pesquisa leva para fora do aparente e do perceptível aos olhos. A entrada no Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica é uma grande conquista para mim, por várias razões, uma delas é a possibilidade de prosseguimento nos estudos, sou o primeiro da família em muitas coisas em relação à universidade, o primeiro a cursar o nível superior, e assim, o primeiro a almejar o título de mestre, algo quase impossível para minha realidade marajoara, lugar onde nasci e fui criado, em meio a rios e pontes.

Um segundo motivo que pode ser apontado, é a possibilidade de uma realização profissional, pois enquanto professor da educação básica, é de suma importância à qualificação profissional, além do fato de cursar mestrado abrir portas alternativas e melhorias de vida, assim como um maior conhecimento das teorias e pesquisas que envolvem a educação básica.

Tem-se dito, a universidade é lugar da multiplicidade e diversidade de estudos e pesquisa, poder estar nela como discente, é motivo de muita alegria e ao mesmo tempo poder contribuir com a produção do conhecimento. Por esta razão, o estudo possibilita uma realização pessoal e profissional.

O interesse em dialogar e, por conseguinte, pesquisar sobre essa temática, nasce de experiências vivenciadas na graduação e dentro do Programa Conexões de Saberes, no qual se teve a oportunidade de desenvolver trabalhos de pesquisa e extensão dentro do espaço mencionado, tendo como público-alvo os jovens da mesma e de seu entorno, durante esse período foram desenvolvidas atividades sobre temáticas como juventude e educação, ações afirmativas, gênero, raça e etnia. Tal experiência foi fundamental para o acúmulo de leituras sobre o tema, e uma aproximação com a comunidade.

A primeira tentativa de pesquisa sobre o tema, além dos diversos materiais publicados em eventos científicos², envolvia a discussão sobre o acesso de jovens moradores de comunidades populares à universidade, no caso, a lei 12.711/2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio mais conhecida como lei de cotas, ressaltando o protagonismo desses sujeitos nessa “furada de cerca” entre as camadas populares e as instituições públicas de ensino, que foi o meu projeto de pesquisa para entrada no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica em 2016.

Entretanto, após as disciplinas de Ateliê I e II, essa proposta inicial se desvaneceu, a razão de tal, foram as diversas contribuições dos professores e colegas sobre a temática, argumentando que tal proposta não se adequava a linha de pesquisa Currículo da Educação Básica, assim como um melhor recorte e definição de objeto de estudo. Um dos motivos que me levou permanecer com tema juventude, porém com outro foco.

Outro destaque importante se deve ao contato com pesquisa realizada por Sposito (2009) com diversos pesquisadores, de diferentes áreas do conhecimento, e instituições de todo o país. Na referida pesquisa, os pesquisadores procuram levantar o Estado da Arte sobre Juventude na pós-graduação brasileira, entre os anos de 1999 a 2006, nas áreas de educação, ciências sociais e serviço social, contrastando com anos anteriores, com a intenção de subsidiar a elaboração, a

² a) JUVENTUDE E MOVIMENTOS POPULARES: CONECTANDO SABERES NO ENSINO MÉDIO. In: X Seminário Nacional do HISTEDBR, intitulado '30 anos do HISTEDBR (1986-2016): contribuições para a história e historiografia da educação brasileira, 2016, Campinas. X Seminário Nacional do HISTEDBR, intitulado "30 anos do HISTEDBR (1986-2016): contribuições para a história e historiografia da educação brasileira, 2016; b) CONECTANDO SABERES NO ENSINO MÉDIO: O PROGANONISMO JUVENILNA ESCOLA CELSO MALCHER TERRA FIRME/PA. In: V SEMINÁRIO NORTE DA ANPAE e VI ENCONTRO ESTADUAL DO PARÁ, 2016, UFPA- Campus Guamá. Cadernos ANPAE, 2016. v. 42; c) Juventude e Temas transversais: Construindo Saberes. In: 6º CBEU - Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2014, Belém. Anais do 6º CBEU, 2014. v. 1. p. 01-01. d) A Troca De Conhecimento Na Educação Básica Construindo Novos Caminhos. In: X JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTIFICA DOS GRUPOS PET, 2014, BELÉM. ANAIS DA X JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DOS GRUPOS PET, 2014. v. 10. p. 63-68; e) Juventude e o Protagonismo juvenil nas comunidades populares. In: IX Jornada de Iniciação Científica dos Grupos PET, 2013, Belém-Pa. Jornada de Iniciação Científica dos grupos PET. Belém: UFPA, 2013. v. I. p. 1-3. f) A CONEXÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E A JUVENTUDE DE ORIGEM POPULAR: A TROCA DE SABERES NA FORMAÇÃO DE PROTAGONISTAS JUVENIS. In: 65ª Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 2013, Recife- Pe. Anais/Resumos da 65ª Reunião Anual da SBPC. Recife: SBPC©2013, 2013. v. 65. p. 1-3; g) A FALA DA JUVENTUDE: PERCEPÇÃO E ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS DE JOVENS MORADORES DE COMUNIDADES POPULARES DE ANANIDEUA-PA. In: Jornada de Extensão 2012, 2012, Belém. Jornada de Extensão UFPA, 2012. v. XV.

implementação e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem da escola pública.

O estudo constatou que as pesquisas realizadas nesse período concentraram-se, conforme Dayrell (*et al.*, 2009, p. 58) nas seguintes temáticas:

Indisciplina e violência da/na escola e juventude; significados atribuídos à escola e seus processos; programas e propostas educativas sob a ótica dos alunos; as relações sociais no cotidiano escolar; sucesso e fracasso escolares; identidades/subjetividades juvenis e escola; culturas juvenis e escolares.

Nesse sentido, a pesquisa envolve a temática do processo de mobilização e luta pelo direito a educação, no que diz respeito a escolarização dos jovens de comunidades populares e alguns dos fatores que influenciam nesse processo.

Ao longo de minha trajetória acadêmica, como estudante de Filosofia, bolsista do Programa Conexões de Saberes e minha entrada no mestrado, tive a oportunidade, e também o privilégio, do ingresso no Grupo de Estudo e Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil" – HISTEDBR/Seção-PA, grupo este, que procura estudar a História da Educação no Brasil, mais especificamente na Amazônia, neste grupo, comecei aprofundar com mais detalhes o materialismo histórico-dialético e os estudos históricos, ao longo do texto, o leitor notará a aproximação devido aos autores apresentados no transcorrer da leitura. O grupo tem estudado com detalhes a história escrita em fontes de arquivos quase esquecidos no meio acadêmico, e revelado a riqueza que estes documentos guardam e revelam da história educacional paraense.

Ainda sobre essa incursão pela temática da juventude, no transcorrer do levantamento biográfico sobre juventude e ensino médio, tive a oportunidade de encontrar várias pesquisas sobre juventude e educação, realizadas no âmbito do mestrado acadêmico, cita-se duas pesquisas correlatas a esta, claro, com objetivos e propostas diferentes, mas que tratam da juventude e apontam conceitos importantes, contudo, meu objetivo é contrastar com a que estou por ora a realizar.

A primeira, do discente Ricardo Augustos Pereira, que na dissertação, "Juventude do campo e Quilombola: Educação e identidade Cultural na comunidade Quilombola de Itaboca – Inhangapi – PA", defendida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/UFGA, tendo como objetivo investigar a relação entre educação e identidade cultural de jovens que vivem na referida comunidade, a

conclusão de Pereira foi que, a identidade é aderente aos sujeitos, sofrendo muitas atribuições por partes dos jovens, ou seja, tem vários sentidos ou significados.

A segunda, pesquisa intitulada “Significado e sentido da escola para jovens estudantes da classe média”, defendida no Programa de Pós-graduação em educação da USP/SP, da discente Rosana da Silva Cuba, hoje professora do Instituto Federal Catarinense, teve como objetivo compreender os sentidos dados pelos estudantes da classe média da zona urbana à escola de uma escola de São José do Rio Preto, em sua pesquisa Cuba, conclui que os estudantes gostam da escola e descrevem este espaço como importante pra suas vidas.

Exposto um pouco sobre algumas pesquisas já realizadas com temáticas aproximadas, defende-se que a pesquisa aqui feita, orientadora e eu, buscamos compreender o processo de mobilização e luta dos jovens moradores de comunidades populares, que como citado em outro momento, são marginalizados, estereotipado e vítimas das diversas formas de violência e de uma possível precarização da escola básica.

A presente dissertação secciona-se em cinco (5) partes, a saber: na primeira (1) intitulada **Introdução**, apresentam-se as bases da pesquisa, a justificativa, seus objetivos e o objeto do estudo;

Na segunda seção (2), nomeada de **percurso metodológico: desenho estrutural da pesquisa**, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa.

Na terceira seção (3), intitulada: **O bairro da Terra Firme** discorre-se sobre o bairro, já presente na introdução, buscando-se caracterizar melhor este território, marcado por estereótipos e visões negativas, mas com muita história; Análise de documento como o contrato da escola com a igreja, prédio onde a escola funcionou por apenas dez (10) anos encerrado por motivos de mudanças de Padre e questões burocráticas internas da instituição; sobre as produções relativas ao bairro.

Na quarta seção (4), que se apresenta denominada: **“Juventude e o processo de escolarização de jovens da periferia”**, discorre-se sobre os principais conceitos da juventude, sua caracterização, apresentando aspectos gerais dessa camada social e o processo de sua escolarização.

Na quinta seção (5), definida como **“O processo de mobilização dos jovens do ensino médio da escola Dr. Celso Malcher pelo direito a educação”**, apresentam-se os dados relativos à pesquisa de campo do estudo, que teve como objetivo investigação do processo mobilização e luta dos jovens pelo direito a

educação, no que diz respeito a escolarização dos jovens da Escola Dr. Celso Malcher, entendendo este processo como paulatino na vida de cada sujeito, marcado por muitas idiosincrasias características e peculiares de cada grupo conforme o espaço, o tempo e as condições dadas aos vários agentes.

E, por fim, expõe-se conclusão, a qual dialoga sobre os achados da pesquisa, entre eles, as categorias que envolvem o processo de mobilização e luta dos jovens, tais a relação trabalho/escola, como isso interfere na vida escolar dos estudantes que desenvolvem as duas atividades, a participação da família no processo escolar entre outros, e o conjunto referencial utilizado na construção.

2 PERCURSO METODOLOGICO: DESENHO ESTRUTURAL DA PESQUISA

Uma noite de quarta-feira

*Voltando para casa
prestei atenção
no que estava ocorrendo
Ao meu redor
Pessoas trabalhando,
Pessoas conversando,
Algumas indo
Para a escola
outras voltando
Pessoas observando a rua
da janela de suas casas
Pessoas andando em grupo,
Ou casais de mãos dadas
E outras, até mesmo,
Solitárias
A cada esquina
Tinham igrejas
De diferentes religiões
No céu, haviam algumas estrelas
Era uma noite de quarta-feira
Muito agradável
Numa cidade, num bairro,
Há todo tipo pessoa,
Há todo tipo de pessoa,
Fazendo diferentes atividades
E, assim, a vida continua...*

Lucas Oliveira (ex-aluno)

Essa seção tem como objetivo apresentar o percurso metodológico utilizado na pesquisa, o método, o paradigma que norteia o estudo, as técnicas de pesquisa e, por último, a análise dos dados. Tenta-se fugir das tantas armadilhas, tais como incoerência do método, visões pessoais e generalizações nas quais se está sujeito, enquanto pesquisador, na produção de um trabalho científico, frisando que nossa meta não é buscar respostas prontas e acabadas ao problema, mas sim, contribuir com novas indagações que possibilitem reflexões críticas e com a produção de novos conhecimentos advindos da condição de sujeitos em constante processo.

O método do trabalho científico é uma parte importante, pois é ele que guiará todos os passos para a produção de um novo olhar sobre o objeto. Segundo Aróstegui (2006), o método é um conjunto de regras e procedimentos, sua descrição não é um processo sequencial real, assim, nos orienta para aquilo que o pesquisador deve fazer em uma pesquisa, não é prescritivo, mas sim orientador dos passos de um estudo, conduzindo o pesquisador para as construções de hipóteses.

Neste sentido, já salienta-se que esta dissertação assenta-se na perspectiva do materialismo histórico-dialético. Pois, compreende-se que os fenômenos e os sujeitos estão em constantes transformação e movimento. O mundo não é estático, imóvel e fechado, logo as ações humanas estão em processo de devir. Com isso, para compreender melhor a questão desse processo de devir faz-se necessário questionar-se sobre o que venha ser concreto e abstrato, ou seja, o método do pensamento.

Conforme acentua Kosik, (2002, p. 36):

O método da ascensão do abstrato ao concreto e o método do pensamento; em outras palavras, é um movimento que atua nos conceitos, no elemento da abstração. A ascensão do abstrato ao concreto não é uma passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional); é um movimento no pensamento, e do pensamento. Para que o pensamento possa progredir do abstrato ao concreto, tem aí que mover-se no seu próprio elemento, isto é, no plano abstrato, que é a negação da imediatez, da evidência e da concreticidade sensível. A ascensão do abstrato ao concreto é um movimento para o qual todo início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade. O progresso da abstratividade à concreticidade e, por conseguinte, em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto.

Entende-se deste modo, que a compreensão da realidade dá-se por uma relação dinâmica entre o abstrato e o concreto, ou seja, do abstrato ao concreto. Assim sendo, a realidade torna-se perceptível em todas suas dimensões e totalidades, possibilitando ao investigado um afastamento e retorno à realidade objetiva.

Nesta perspectiva, o pensamento não se limita transformar o todo caótico, mas, possibilitar o pesquisador não confundir a mudança do real com as categorias encontradas e analisadas, e ao mesmo tempo as reconheça em suas múltiplas dimensões compreendendo os fatos, ou seja, a realidade, uma vez que, a realidade é um conjunto de fatos e de elementos, visto assim,

os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético - isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída - se são entendidos como partes estruturais do todo. O concreto, a totalidade, não são, por conseguinte, todos os fatos, o conjunto dos fatos, o agrupamento de todos os aspectos, coisas e relações, visto que a tal agrupamento falta ainda o essencial: a totalidade e a concreticidade. Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta - que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos - o conhecimento da

realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si (KOSIK, 2002, p. 44).

Entende-se, então, que o conceito de totalidade para Kosik não é acúmulo de fatos, mas a possibilidade de compreensão da realidade nas suas conexões internas, de forma clara e racional. Nesse sentido, todo método vem de embasamento teórico prévio, ou seja, do lugar de fala do pesquisador, de suas orientações epistemológicas, e assim sendo, para Aróstegui (2006) o método indica os procedimentos que permita ao especialista avançar na elaboração do conhecimento de forma simples, completa, fiável e, principalmente, conhecimento constataável. Deste modo, buscando essa compreensão que se desenvolve esse estudo partindo da seleção de um método ajustado à nossa problemática de pesquisa.

O método ajudará a compreender o fenômeno educacional referente ao processo de mobilização e luta dos jovens estudantes do ensino médio da escola Dr. Celso Malcher, pois permitirá um desenho metodológico que guiará os passos até as possíveis respostas para o problema da pesquisa, o qual conectará a parte teórica produzida sobre o assunto com os achados desse estudo.

A primeira etapa da pesquisa realizada foi o levantamento teórico que a fundamentam, onde destacam-se teóricos usados nas conceituações das categorias, tais como Dayrell (2009); Forquin (1999); Groppo (2000); Libâneo (2016); Novaes (2000); Paes (2003); Sposito (2009); Thomé (2009), Carrano (2013, 2014), Lombardi (2011), Frigotto (2004, 2008) entre outros. Em relação aos documentos, utilizou-se legislações pertinentes à temática como: Constituição Federal (CF) (1988); Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1993); Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), também fez-se uso do projeto político pedagógico da escola, documentos referentes às matrículas dos alunos e reportagens sobre a escola. A partir desse levantamento foi escolhido o método, a abordagem e os instrumentos de investigação mais adequados à pesquisa, assim como ao tipo de análise aplicada aos dados levantados.

A segunda etapa foi realizada a partir da pesquisa de campo, por entender-se a pesquisa de campo possibilitar aproximação com o contexto no qual está o objeto do estudo, favorecendo relação direta do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, já que este vai no *loco* onde as relações sociais e os fenômenos acontecem, como apontam Ghedin e Franco (2011, p 193), “o trabalho de campo constitui um conjunto de ações orientadas dos procedimentos de pesquisa a ser realizada em determinado

contexto com o objetivo de compreender um objeto de investigação [...]”. Com isso, elegeu-se a pesquisa de campo com o objetivo de desenvolver uma metodologia mais adequada que pudesse dialogar com os referenciais eleitos para subsidiar esse estudo e responder aos objetivos dessa pesquisa.

Nesta perspectiva, por meio da pesquisa de campo podemos compreender as problemáticas que envolvem o processo de escolarização dos jovens pertencentes ao ensino médio da escola Dr. Celso Malcher, tendo em vista que a pesquisa de campo conduz o pesquisador a um conhecimento não dado como pronto, certo e acabado, no processo de investigação científica, o conhecimento é produção humana de mulheres e homens ao longo da história, conforme versa o autor Aróstegui (2006, p. 432), “a historicidade dos fenômenos sociais que impede que se fale de verdadeira redundância, a imersão na temporalidade que faz com que experiência humana seja cumulativa, não repetitiva”.

Por conseguinte, como mencionado, a pesquisa se fundamenta em referencial de abordagem no enfoque do materialismo histórico e dialético. A escolha do materialismo deve-se a muitos fatores, o primeiro, é pelo fato da escola ser considerada uma categoria, ou seja, um espaço de profundas contradições sociais e construída na história, pelo fato dela reproduzir uma divisão de classes, como salientado em outro momento, a escola torna-se no sistema capitalista o lugar da reprodução de desigualdades e de perpetuação do sistema. Além de o materialismo histórico-dialético possibilitar elucidação de conceitos como aborda Trivinos (1978, p. 52) “[...] *ser social* (relações matérias dos homens com a natureza e entre si que existem em forma objetiva, isto é, independente da consciência); ‘*consciência social*’ (são as idéias políticas, jurídicas, filosóficas, estéticas, religiosas etc.)”.

Em segundo lugar, é fato do materialismo histórico e dialético possibilitar a compreensão e a relação entre sujeito e objeto, conforme Pires (1997, p. 84) “compreender a relação sujeito-objeto é compreender como o ser humano se relaciona com as coisas, com a natureza, com a vida”. Sendo o materialismo histórico e dialético nesta investigação o meio pelo qual possibilita nossa interpretação sobre a realidade pesquisada, assim como sobre os fenômenos envolvidos nesse processo, porém não de forma pronta acabada, e sim, como algo em constante transformação, ou seja, apoiado na prática social como caminho para possíveis verdades. Assim como aponta Trivinos (1987, p. 51):

Talvez uma das ideias mais originais do materialismo dialético seja haver ressaltado, na teoria do conhecimento, a importância da *prática social* como critério de verdade. E ao focar historicamente o conhecimento, em seu processo dialético, colocou em relevo a interconexão do relativo e do absoluto. Desta maneira, as verdades científicas, em geral, significam graus do conhecimento, limitados pela história, mas como já dissemos em outro lugar, esse relativismo não significa reconhecer a incapacidade de o ser humano chegar a possuir a verdade.

Portanto, usar do materialismo histórico e dialético para estudar sobre os o processo de escolarização da juventude que faz parte da Escola Dr. Celso Malcher, ancora-se na possibilidade de olhar essa categoria social, juventude, nas particularidades e em sua totalidade, dentro de um ambiente que é a escola na qual é vivenciada grande parte da vida desses sujeitos, e o que acrescenta uma bagagem de experiências de cunho social, político, cultural e ideológico, pautadas aqui, da ideia de categorias buscada, posta em discussão e apresentada por Trivinos (1987, p. 54) “[...] não são expressões subjetivas nem apriorísticas da consciência humana. Elas se formam no processo de desenvolvimento histórico do conhecimento é da prática social, características da humanidade”.

Então, eleger o método marxista para desenvolver esse trabalho é pretender compreensão da realidade, de modo, ir além do aspecto aparente dos fenômenos, ter como meta, obter a essência de fato.

Em relação ao processo de investigação feito em campo deste estudo, optou-se pela análise qualitativa dos dados levantados que, segundo Martins (2010), a pesquisa qualitativa não é uma análise daquilo que o homem é na sua essência, mas uma análise sobre homem em sua positividade, ou seja, busca compreender o homem a partir de sua própria condição humana, em outras palavras, esse procedimento metodológico considera, em sua análise, a existência da relação dinâmica entre o mundo e o sujeito.

De acordo com Martins (2010), a pesquisa qualitativa trabalha com a descrição, os dados são descritos e analisados à luz de precisão conceitual rigorosa. Logo, por meio de interpretação busca-se tomar consciência dos problemas e das condições que as geram, e assim poder encontrar mecanismos que venham contribuir na resolução ou minimização do mesmo (CHIZZOTTI, 2006).

Segundo Schwandt (2006), a pesquisa qualitativa começa a retornar para o debate acadêmico na década de 1970, cujas concepções estão pautadas na crítica

à pesquisa experimental, procedimento usado pelos pesquisadores do campo social. Já para Denzin e Lincoln (2006 p. 23):

A palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma), em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado

A relevância e a importância dos estudos numa perspectiva qualitativa se devem ao fato de que a mesma possibilita ao pesquisador o manuseio dos dados e a valorização dos sujeitos da pesquisa, ou seja, o pesquisador não é um sujeito inerte na pesquisa, ele analisa os fatos, a sociedade levando em consideração as múltiplas possibilidades de relações existentes na esfera da vida e história. Aróstegui (2006) aponta que a pesquisa qualitativa descreve as variáveis em processo, entretanto, não é sua preocupação medir, ou seja, mensurar dados em busca dos valores e resultados, isto é, para o autor, as técnicas qualitativas são aquelas que trabalham com dados não expresso de forma numérica.

Com isso, acredita-se que a pesquisa qualitativa possibilitará um olhar que se preocupa não com o quantitativo de sujeitos entrevistados, mas sim com as questões apresentadas por eles em seus diferentes significados. Haja vista que a partir dos dados coletados, juntamente com os referenciais bibliográficos, pode-se apresentar possíveis respostas que enriqueceram o trabalho, gerando novos conhecimentos.

Salientamos que, nesta pesquisa, recorreremos constantemente ao uso de imagens para explicar e ilustrar fatos da realidade e do cotidiano do bairro, da escola e dos estudantes. Compreendemos que além do texto, as imagens auxiliam compreender fatos e narrativas por diversos ângulos, já que

as imagens podem ser trabalhadas de formas diferenciadas, dependendo do recurso tecnológico utilizado. A imagem de uma foto, por ser imóvel, recorta um fato e isola de seu contexto. Dessa forma, uma única imagem pode ser aproveitada como material pedagógico dentro de várias temáticas. Ao contrário disso, as imagens em movimento estão inseridas num contexto do qual não podem ser desvinculadas, pois retratam as particularidades da situação ou do fato que apresentam (PENTEADO, 1991, p. 58).

Assim, infere-se o uso da imagem ser instrumento importante facilitador à compreensão de determinadas situações, sendo, portanto, possível usá-la em diferentes momentos, como na pesquisa educacional, por exemplo.

As imagens carregam história e momentos sejam para denunciar, registrar o que deva ser lembrado ou não esquecido. Portanto, as fotos aqui usadas ajudam compreender melhor os processos de ocupação do Bairro da Terra Firme e de escolarização dos jovens da Escola Dr. Celso Malcher. Assim sendo, a escolha por elas é corroborada tendo em vista que

as fotografias contam histórias, revelam o ambiente, falam sobre as pessoas. Funcionam como artifícios para fixar a memória, evitar o esquecimento, garantir um lugar na posteridade. Emolduram o tempo. Organizam experiências. Acusam a passagem vertiginosa da vida. (MIGNOT, 2001 p. 73).

As imagens, na compreensão de Mignot, são o registro fiel de um momento que, por meio delas não será esquecido. Ou melhor, é um documento marcante da passagem dos sujeitos nos espaços da vida terrena e não será esquecido.

2.1 O LÓCUS DA PESQUISA

A escolha do campo de pesquisa não foi feita aleatoriamente, pelo contrário, partiu de vivências no período da graduação, de 2013 a 2015, no qual houve a oportunidade de participar de atividades de extensão realizadas pelo programa “Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e as comunidades populares”, na escola estadual de ensino fundamental Dr. Celso Malcher, o qual foi a base principal para o desenvolvimento deste estudo, como já citado. Pois, foi exatamente nas vivências das atividades do programa, em especial nas atividades do conectando saberes, que era uma das ações que os bolsistas desenvolviam com os jovens do Ensino Médio, dialogando sobre ações afirmativas, juventude e educação, acesso e permanência na Universidade Pública e gênero, raça e etnia. O que possibilitou o pensar em relação ao objeto, haja vista que esse contato abriu caminhos para a aproximação com os jovens estudantes egressos, além de ter possibilitado os primeiros questionamentos sobre o processo de mobilização para garantia de sua escolarização desses educandos.

O primeiro ponto a ressaltar, é sobre o Bairro em que fica localizada a escola supracitada, pois, o mesmo faz fronteira com a Universidade Federal do Pará (UFPA), entretanto, é visto por muitos como um lugar de conflitos, o qual figura muitas vezes na mídia por diferentes casos envolvendo violência ou falta de saneamento básico, ou seja, um bairro que poderia facilitar o deslocamento dos moradores para estudarem na instituição, acaba por apenas carregar sonhos de muitos pelo ingresso ao ensino superior ou nem chega a se tornar perspectiva para outros moradores. O bairro também abriga a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Adentrar nesse bairro tão mal apresentado por alguns meios de comunicação ou por pessoas que desconhecem aquela realidade de perto é um equívoco, pois o mesmo é um dos bairros que configura um número significativo de movimentos sociais de resistência evidenciado nos grupos de capoeira, tela firme, casa de cultura, grupo de jovens e etc. (PIMENTEL, 2015). O que nos leva a refletir sobre o olhar que é dado às periferias e sobre a necessidade de desconstruções estereotipadas.

Quando se tem a oportunidade de conhecer a escola Dr. Celso Malcher, dentro de todo seu contexto, não tem como deixar de perceber mais um pedaço de “luta” de seus jovens, pois conhecer aquele espaço, com uma trajetória histórica referente à sua fundação e à não consolidação de um prédio próprio, foi um dos motivos que levaram a pensar naquela instituição como um lugar diferente e merecedor de estudo em todo seu contexto, destacando o local como lugar de resistência, que surge e se mantém pela persistência e mobilização que carrega raiz de luta arraiga à própria constituição da comunidade do bairro. Tendo em sua juventude um “poder” protagonista que ajuda a nutrir sua força.

Com isso, a referida escola é emblemática no bairro da Terra Firme, por muitas razões, uma delas, é o fato de não ter um prédio fixo, ou seja, uma estrutura própria e permanente, que tem levado a constantes mudanças de espaços e transtornos aos estudantes, tal situação tem motivado a comunidade escolar (em parte os estudante do ensino médio) a unir forças para conseguir um espaço definitivo e garantir o direito à educação, uns dos mecanismos usados pelos estudantes são as constantes paralisações e protesto:

Estudantes e professores da escola estadual Dr. Celso Malcher, na Terra Firme, interditaram três vias do bairro numa caminhada em protesto por um novo prédio para a instituição, na manhã de ontem. Os manifestantes carregavam cartazes e usavam narizes de palhaço. Há 10 anos, a unidade não tem prédio próprio e sempre funcionou em anexos ou espaços emprestados. Nos últimos sete anos, o funcionamento tem sido num espaço cedido pela paróquia de São Domingos. Antes, era no galpão onde, hoje, funciona a Unidade Integrada do Pro Paz (UIPP), na avenida de mesmo nome da escola (JORNAL AMAZÔNIA, 24 DE JANEIRO, 2013, p. 1).

Essas manifestações têm demonstrado como a escola tem se organizado efetivamente, algo um pouco estranho para muitos, tendo em vista que não é tão comum, nas comunidades populares, esses tipos de manifestações, ao mesmo tempo essas passeatas têm demonstrado a organização política dos professores, estudantes e seus familiares em prol de um bem comum à educação.

Essa organização e, por conseguinte, essa resistência, tem conseguido manter o funcionamento da escola que muitas vezes se viu ameaçada pelo fechamento ou remanejamento dos estudantes para outras escolas do bairro. Assim, é possível afirmar que os estudantes dessa escola têm efetiva participação na construção desses atos, assim sendo, são sujeitos participativos e atuantes na vida da escola.

Assim, a escola se tornou lócus dessa pesquisa, sendo realizadas visitas ao local para entrega de ofício pedindo autorização à direção para o processo de investigação ser realizado na instituição, além de visitas para colher fontes históricas que permitissem compreender o processo de fundação da escola, assim como informações que auxiliassem sobre o percurso escolar dos sujeitos da pesquisa dentro do período de 2017.

Também foram realizadas visitas em outros locais que também fazem parte da história da escola para captação de outros documentos que pudessem ajudar na reconstrução histórica desse espaço, assim como em órgãos oficiais, o que será descrito com mais detalhes na parte da análise documental.

2.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Em 2016, houve uma demonstração da importância da juventude, referente ao papel social desta classe na busca da garantia de direitos, levando-se em consideração as ocupações de muitas escolas e universidades brasileiras. No caso específico pode-se mencionar a Escola Estadual Brigadeiro Fontenelles, situada no

Bairro da Terra Firme, em Belém/PA, que foi ocupada por jovens, conforme levantamento feito de reportagem do Jornal Diário do Pará do dia 23 de novembro de 2016: “Cerca de 300 pais e alunos ocuparam a Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, no bairro da Terra Firme, em Belém, desde a última quinta-feira (17). Eles reivindicam contra a PEC 55, estrutura do colégio e segurança”. Esse movimento que envolveu os estudantes contra a PEC 55 demonstra como a juventude tem se destacado em muitos aspectos da realidade brasileira, seja ela no meio acadêmico, político, cultural ou social. Assim sendo, os estudos que envolvem a temática da juventude devem buscar valorizar tais fatos.

Em 2014, a capital paraense, Belém, viveu o que o jornalista Lucio Flávio Pinto chamou de “Guerra na Periferia”, na madrugada de 04 para 05 de novembro, de 2014, após o assassinato de um cabo da Rotam, sucedeu-se nos bairros de Terra Firme e Guamá, uma “onda” de execuções de jovens, vitimando 11 pessoas, segundo Saboya (2015) dados do Unicef têm revelado que a violência se transformou em uma das causas principais de morte de jovens da periferia, segundo eles, o relatório do Unicef, destacam que pessoas entre 15 e 18 representam 86,35% das vítimas.

Essa realidade de violência e impunidade tem levado os jovens a se organizarem em busca de justiça para as vítimas, mas também como resistência contra o extermínio da juventude da periferia, tais como as marchas de 2014, a exemplo, a intitulada “Do luto à luta: a periferia resiste!” Que teve como objetivo sensibilizar a sociedade e os governos para a triste realidade que assola os jovens pobres das comunidades populares, e que são necessárias políticas públicas que visem garantir o bem-estar desses jovens.

Em notícia veiculada pelo site Agência Jovem de Notícias (2014 e 2016), destacaram-se em suas reportagens as formas de resistências e o sentido das manifestações desenvolvidas pelos jovens da periferia, nas falas dos jovens fica evidenciado como a juventude vem se organizando e se mobilizando. Entre as falas registradas pela matéria, destacam-se duas:

- Venho participar porque eu sei que todos os finais de semana têm adolescentes morrendo, esses assassinatos têm cor e têm geração. A nossa geração está sendo exterminada, é por isso que estamos na rua e não vamos desistir, mesmo sendo o alvo da polícia e marcado para morrer;
- Fazer com que a população procure seus direitos como cidadãos de

periferias e principalmente porque a maioria são negros, pois estão sendo o principal alvo da violência (AJN, 2014-2016).

A luta dos jovens das comunidades populares é constante e desafiadora, uma vez que as condições dadas a esses jovens são mínimas, a saída é resistir. Existe um imaginário na sociedade brasileira, que os jovens das periferias, quase todos, são envolvidos com o tráfico e que muitos não têm perspectiva de vida, não é por acaso, o número de jovens mortos nas periferias só aumenta, nesse imaginário “é mais um que se foi”.

Segundo dados do Mapa da Violência de 2011, no Brasil há uma taxa de 39,7% de homicídios envolvendo os jovens. Os dados são alarmantes. Entretanto, é preciso pensar no que há além do aparente, naquilo que é “naturalizado” ou reificado.

Na periferia, como em outros lugares, a contradição está posta, logo, há de se pensar, na existência de valores na periferia, como os vários grupos, criados por jovens, para os jovens, o que mostraremos no texto. Nesta perspectiva, este estudo visa contribuir socialmente, à medida em que pretende-se demonstrar os vários aspectos importantes dos jovens das camadas populares, sua atuação e participação na vida da escola, em seu processo de formação.

Assim, os jovens estudantes da escola Dr. Celso Malcher não diferem dessa realidade ora mencionada, pois, a maioria são moradores do próprio bairro da Terra Firme, ou seja, vivem a realidade dessa periferia, os conflitos cotidianos da sua comunidade e que são refletidos em sua trajetória escolar. Esses jovens estudantes, em sua maioria, são protagonistas nos processos de mobilizações, lutando por seu espaço escolar e por melhores condições de ensino, organizando-se e desenvolvendo atos, manifestações e caminhadas. Destacando aqui, os educandos que estudaram desde o ensino fundamental até o ensino médio tendo grande parte de sua trajetória escolar marcada pelos processos de mudança que a escola passou no decorrer de sua fundação.

Vale enfatizar aqui, a militância desses jovens que foram protagonistas nas mobilizações sociais de sua escola lutando por melhores condições de estrutura físicas. Organizando um jornal interno na escola, o qual denunciava as mazelas da escola e do bairro, assim como informações referentes à cultura, lazer e etc., tendo também a participação ativa nas passeatas, atos, reuniões, ou seja, nos movimentos de enfrentamento e luta por um espaço.

A aproximação com jovens estudantes do ensino médio, a partir das experiências no Conectando Saberes, antes expressadas, e posteriormente nas visitas à escola possibilitaram um pensar em relação aos sujeitos que seriam investigados em suas práticas sociais, sendo definidos alguns critérios para a participação dos que fariam parte da amostra desta pesquisa.

Para tanto, foram definidos alguns critérios referente a quais jovens iriam participar da pesquisa sendo compreendidos da seguinte forma: a) idade de 15 a 29 anos; b) jovens estudantes do ensino médio que se matricularam no primeiro ano dessa etapa de ensino, em 2015; c) jovens que sejam moradores do bairro da Terra Firme; d) em relação ao gênero ou sexo a ideia é a participação de 50% homens e 50% de mulheres³; e) jovens egressos que estudaram no ensino fundamental até o médio.

Logo, acredita-se que os critérios adotados, nos permitirão amostra real referente à realidade não de um todo, mas que se apresente o mais próximo possível dos sujeitos que fazem parte do mesmo espaço, dividindo experiências no decorrer de suas trajetórias escolares, porém como diferentes histórias vida.

2.3 O TRABALHO DE CAMPO: COLETA DE DADOS

A escolha das fontes documentais referentes à fundação da Escola Dr. Celso Malcher utilizadas na pesquisa se deu ao fato de entender-se que o documento é “[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continua a viver [...]” (LE GOFF, 1984 *apud* COSTA; MELO; FABIANO, 2010, p. 103). Com isso, permitindo a identificação de informações secundárias que possibilitariam a construção das possíveis respostas referentes às hipóteses ou questões constituídas a partir do interesse da pesquisa, mesmo que não obtivesse uma resposta absoluta sobre todo processo de constituição do campo de pesquisa. Pois, como explicam Melo e Fabiano (2010, p. 15) “[...] o entendimento de fonte histórica inclui toda e qualquer peça que possibilite a obtenção de notícias e informações sobre o passado histórico educativo”. Desse modo, cada fonte

³ Isso não significa dizer que os entrevistados estarão sujeitos a heteronormatividade. Podendo ter orientações diversas sobre sua sexualidade.

encontrada ajuda na aproximação dos elementos necessários ao entendimento da questão-problema.

Numa primeira etapa, o objetivo era localizar diferentes fontes e, nelas, os documentos necessários para embasar a pesquisa. Não existia uma preocupação em relação às análises até então, o que seria visto em uma segunda etapa, pois, o primeiro passo era encontrar todos os documentos possíveis tais como: projeto político-pedagógico, relatório de matrícula, contrato de locação e etc., a partir do próprio arquivo da Secretaria da Escola Dr. Celso Malcher, Secretaria de Estadual de Educação (SEDUC), Unidade SEDUC na Escola (USE), de sites da internet, enfim, reunir a maior quantidade possível de documentos referentes ao processo de construção da escola, desde a fundação até a inauguração do espaço.

Assim, o levantamento se deu em seis etapas, a primeira aconteceu na própria escola, na secretaria e na coordenação pedagógica, nas quais foram coletados documentos escritos, entre tais, o projeto político-pedagógico e o número de matrículas no período de 2013 a 2017, a ideia era levantar tudo que pudesse ajudar compreender o processo de fundação da escola e o processo pedagógico em relação aos jovens que estudaram nesse período, por isso, também foi solicitado o caderno de ocorrências referentes às questões que envolvessem os jovens dentro desse período, fotos de momentos referidos às mobilizações e atas de reuniões.

A segunda etapa, feita na secretaria da Paroquia São Domingos de Gusmão⁴, pois durante um período a escola funcionou no prédio anexo da igreja, a meta era conseguir documentos escritos que ajudassem entender a reconstrução desde o início histórico da fundação da escola até a chegada ao atual prédio. Foi disponibilizado o contrato de locação feito entre a Paroquia e a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

A terceira etapa se deu na Unidade SEDUC na Escola (USE-6), na qual foram solicitados documentos escritos referentes à criação da escola, no entanto, não foi disponibilizado nenhum documento, pois segundo informação da secretária da unidade, não havia nada escrito especificamente sobre a escola, porém, a servidora em outro momento mandou e-mail informando que poderiam ser encontradas informações sobre a fundação da Escola e do Bairro, com o movimento social de jovens Tela Firme e TV Nazaré, os quais fizeram vídeo-documentário sobre o bairro

⁴ A paroquia foi um dos locais onde funcionou a escola no período de 2006 a 2012, localizada na rua São Domingos de Gusmão, bairro da Terra Firme.

e a escola. Além de indicar o centro comunitário como fonte de informações, já que, segundo ela, a escola nasceu de uma necessidade do próprio bairro da Terra Firme e, por fim indicando buscas no Diário Oficial do Estado direcionadas a documentos licitatórios sobre a escola.

A quarta etapa configurou a busca de informações sobre o bairro e a escola com os movimentos sociais existentes no bairro, entretanto, apenas sendo disponibilizadas algumas informações sobre o bairro e o próprio vídeo-documentário, o que ajudou a caracterizar o bairro, porém, sem informação ligada à construção da Escola Dr. Celso Malcher. Não conseguiu-se contato com a rede de Tv Nazaré e nem contato com centro comunitário.

A quinta etapa ocorreram as buscas no site da Secretaria estadual de Educação: *intranet.seduc.pa.gov.br*, com o intuito de conseguir mais informações oficiais sobre a formação da escola que auxiliassem na pesquisa. Contudo, só foram encontrados alguns documentos referentes a matrículas. Também foi investigada a página no *facebook* denominada “Diário do Celso”, a qual foi construída pelos alunos para fazerem reivindicações e divulgação de atividades culturais realizadas na escola. Outra ação executada, foi a busca na internet de trabalhos já publicados sobre a escola, como forma de identificar as fontes utilizadas e assim usá-las como meio de informações, assim como reportagens.

A última etapa foi destinada à realização de visitas ao bairro da Terra Firme com o intuito de buscar informação referente ao processo de sua constituição, assim como conhecer movimentos sociais existentes na comunidade, suas estruturas física e comercial presentes no dia a dia dos moradores, complementadas com buscas nos sites do IBGE e IP para identificar o quantitativo de moradores, em particular, de jovens, e outras informações pertinentes a esse estudo.

Assim, os documentos coletados e utilizados no trabalho foram o projeto político-pedagógico da escola, imagens, documentos com os números de matrículas, contrato de locação com a paróquia e vídeo-documentário sobre o bairro. Tais documentos possibilitaram maior compreensão do bairro e da Escola.

2.4 ENTREVISTAS

A estratégia investigativa utilizada no trabalho em campo, no processo empírico dessa pesquisa, foi a entrevista. Por ser este um dos recursos mais

cabíveis, e julgado adequado às pretensões do trabalho de campo, assim como aponta Minayo (2013, p. 261): “entrevista, tomada no sentido amplo da comunicação verbal, e no sentido estrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo [...]”, pois segundo a autora na relação entrevistador/entrevistado essa estratégia permite a construção de informações pertinentes ao objeto de pesquisa e aos objetivos.

Ainda, sobre métodos qualitativos e entrevista ressalta-se que

O uso dos métodos qualitativos e da entrevista, em particular, foi e ainda hoje é tido como um meio de dar conta do ponto de vista dos atores sociais e de considera-lo para compreender e interpretar as suas realidades. As condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora da perspectiva dos atores sociais. A entrevista seria, assim, indispensável, não somente como método para aprender a experiência dos outros, mas igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a suas ações (POUPART, 2014, p. 216-217).

Nessa perspectiva, a entrevista semiestruturada, “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formal (MINAYO, 2013, p. 261)”, técnica adotada à coleta de dados, possibilitou contato direto com os entrevistados permitindo-lhes discorrer de forma confortável sobre questões do cotidiano na escola, sua relação com a comunidade escolar e com o bairro da Terra Firme e a escola Dr. Celso Malcher conforme as entrevistas iam sendo desenvolvidas, sempre usando de perguntas e estímulos.

Nesta ótica, segundo Olsen (2015, p.43):

As perguntas são planejadas de antemão e tendem a ser perguntas abertas, como, por quê, o quê, quem, onde; ou mesmo perguntas menos estruturadas. Exemplos poderiam incluir afirmativas como “Diga-me como você começou a pensar em dar um passo em direção ao divórcio” [...] os estímulos são ainda menos definidos; uma lista de estímulos é valiosa ao planejar e se preparar para fazer uma entrevista: “E por que isso?” “Fale mais”, “Você se Lembra de mais Alguma coisa sobre isso?”, “E depois?” [...]. É útil simplesmente encorajar o entrevistado (e depois ficar em silêncio), como em: ‘Entendo...’

As entrevistas dos jovens orientaram-se por um roteiro constituído com 22 (vinte duas) perguntas, divididas em seis aspectos, sendo - o pertencimento dos alunos com a escola; relação dos jovens com os colegas de escola; relação dos alunos com os professores; dificuldades encontradas no desenvolvimento do ensino

médio; relação de sua família com a escola; relação dos jovens com o bairro da Terra Firme -, frisando que inicialmente o roteiro era formado por 10 (dez) perguntas e dividido em cinco aspectos, entretanto, com o decorrer das primeiras conversas percebeu-se a necessidade de modificar algumas perguntas e incluir outros aspectos.

A linguagem e forma de abordar os aspectos investigados foram pensadas de maneira simples e direta que pudessem contemplar o entrevistado, no caso o jovem. Tendo alguns aspectos contemplados em uma única pergunta, conforme o jovem respondia espontaneamente sobre sua vivência na escola e no bairro.

Após articulação com a direção, professores e com os próprios estudantes, conseguimos selecionar 15 jovens que se dispuseram participar da entrevista. Desse modo, a pesquisa abrangeu 15 jovens estudantes da Escola Dr. Celso Malcher que cursam o ensino médio, sendo alguns do terceiro ano, e estando na escola desde o ensino fundamental, e outros que ingressaram à escola a partir do ensino médio.

Inicialmente, a proposta era entrevistar apenas os que estivessem há pelo menos cinco anos na escola, porém, a partir da dificuldade de encontrar jovens dentro deste perfil, sentiu-se necessidade de dialogar também com jovens que estão em período menor na escola. Também fora entrevistada uma (1) aluna egressa, que estudou o ensino fundamental e o ensino médio na escola Celso Malcher, pois a educanda participou ativamente nos processos de mobilização que lutavam por um prédio fixo e por melhores condições para a educação. Para essa entrevista foi utilizado um roteiro com 27 perguntas, sendo realizada na própria casa da jovem.

As entrevistas com os jovens foram realizadas em duplas (a pedido dos próprios participantes) em vários momentos e lugares (cantina, sala de aula, pátio da escola e na sala da reprografia), isso se deu ao fato da insegurança de alguns jovens se sentirem intimidados a conversar com o entrevistador. Essa ideia permitiu aos jovens melhor desenvoltura à participação das entrevistas. As entrevistas realizaram-se em diferentes dias e horários, em mais ou menos um (1) mês de contato direto com os jovens.

As entrevistas se desencadearam em dois momentos: no primeiro, foram feitas perguntas seguindo o roteiro de entrevista, tendo os entrevistados total liberdade para responder conforme seu entendimento sobre a pergunta. Posteriormente, durante as respostas, conforme as necessidades, foram

acrescentadas perguntas que auxiliaram compreender algumas das falas dos entrevistados.

Dos jovens entrevistados, 08 eram do sexo feminino, e 07 eram do sexo masculino, todos estudantes do terceiro ano do ensino médio, sendo 13 entrevistados estudantes no turno da tarde, e 02 no turno da noite, de turmas diferentes.

Para a realização das entrevistas, houve o apoio de dois professores, os quais ajudaram no processo de convencimento dos jovens para participarem deste momento, esclarecendo a importância dessa ação, sendo uma possível fonte de visibilidade de suas realidades dentro da escola e do bairro em que convivem.

Também foram entrevistados 06 moradores do bairro da Terra Firme, sendo 04 do sexo masculino, e 02 do sexo feminino. As entrevistas foram realizadas no próprio bairro, e nas casas dos moradores. O instrumento à investigação foi utilizado roteiro de entrevista contendo 11 perguntas.

Por último, foram entrevistadas duas funcionárias da escola, sendo uma professora, e a outra, secretária do turno da tarde. Para a entrevista com a docente foi utilizado roteiro com 22 perguntas, já com a técnica administrativa, usado roteiro com 24 perguntas. A entrevista com a professora ocorreu na própria casa da docente, já a entrevista com a secretária, feita na escola.

2.5 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

Para interpretação dos dados obtidos na pesquisa, recorreu-se a processo de organização do coletado, em seguida, passou-se para a construção das categorias, e da análise de cada uma destas, relacionando-as com o referencial teórico, gerando assim, os resultados e conclusões.

Para isso, inicialmente, realizaram-se as transcrições das gravações das falas dos entrevistados, organizando-as por meio de numerações conforme sequência de entrevista, pois optou-se por não utilização dos nomes dos participantes de forma a preservar suas identidades, o que permitiu entrevistas mais francas, sem medo de represálias. Após o processo, as respostas foram divididas seguindo a ordem das perguntas para em seguida serem construídas as categorias.

Posteriormente, procedeu-se a fase de elaboração das categorias, as quais foram construídas primeiramente a partir dos referenciais e dos documentos, bem

como das observações em campo, dos encontros com os sujeitos da pesquisa, o que permitiu discussão entre pesquisador e orientadora na constituição de tais categorias, assim elencadas: a) infraestrutura; b) trabalho; c) relação família e escola; d) relação com os professores; e) violência; e, f) projetos na escola.

Logo, cada categoria foi analisada a partir das questões do roteiro de entrevista e relacionada com o referencial teórico do estudo, gerando novas reflexões e indagações que permitiram produzir novos conhecimento.

3 O BAIRRO DA TERRA FIRME

A velha cama

Eu sou uma cama. Tenho 45 anos. Moro em quarto qualquer.

A minha dona é uma garotade 7 anos. Não gosto quando é a hora dela dormir.

Porque ela inda mija na cama, e essa cama sou eu.

E, todo dia, eu amanheço toda molhada.

Às vezes me dá vontade de ir embora daquele quarto. E deixar aquela menina mijando no chão.

Mas como é que eu vou fazer isso, se sou uma cama velha?

Não passo pela porta, já que sou gorda e, ainda por cima, cega.

(A pessoa que me fez, esqueceu de me fazer um olho)

Como é duro ser eu!

Thamirys Silva (ex-aluna)

3.1 TERRA FIRME OU MONTESE: A CONSTRUÇÃO DE UM BAIRRO EMBLEMÁTICO ATÉ NO NOME

Dialogar sobre o bairro da Terra Firme é uma tarefa que exige estudo apurado de sua história, usando como fontes não apenas documentos escritos, mas, também, fontes orais representadas pelas narrativas de seus moradores mais antigos e que trazem contribuições riquíssimas que ajudam entender como esse bairro foi construído dentro do seu contexto histórico, social e político. Porém, não abrindo mão de outras fontes, tais como as fontes materiais e iconográficas, pois mesmo sendo considerado um bairro novo, comparado a outros dentro da grande Belém, a Terra Firme ou Montese, é um dos bairros mais conhecidos pela população belenense, seja por ser visitado, ou por notícias, ou histórias que são divulgadas pelas mídias sociais ou, mesmo pela própria propagação de narrativas de pessoas que moram no bairro que já escutaram algo sobre o mesmo e vão propagando a outras pessoas.

Assim, para compreender a história desse bairro será apresentado, primeiramente, a localização geográfica desse espaço dentro do município de Belém, em seguida será descrito o percurso histórico das ocupações dos terrenos até a legalização de alguns, e busca de regularização por outros. Sendo apresentadas as ruas, escolas, postos de saúde, espaços religiosos e grupos sociais. Também são expostos os processos de urbanização e saneamento básico,

os quais ainda são objetos de luta dos moradores, pois ainda encontram-se ruas tomadas por lama e buracos, assim como, os movimentos de resistência que lutam para manter viva a memória do bairro, além de lutarem pela desmistificação de um bairro hostil, o qual seria palco apenas de situações de violência, o que descaracteriza toda a riqueza de uma comunidade também empoderada nas suas lutas diárias.

Segundo trabalho áudio-visual, realizado pelo grupo jovem Tela Firme, sobre o bairro da Terra Firme (2014), o bairro fica no eixo sul do município de Belém chamado de primeira légua patrimonial, a Terra Firme é uma periferia imediata próxima ao centro, sendo banhada em sua porção leste, pelo igarapé Tucunduba e fazendo fronteira com os bairros Curió-Utinga, Universitário, Guamá, Canudos e Marco, como se pode identificar abaixo (figura 1).

Figura 1 - Mapa do bairro da Terra Firme e suas mediações



Fonte: Pinar (2013)

Estudos como os de Silva e Sá (2012) e Peregrino (2014) apontam o surgimento do bairro da Terra Firme na década de 1940, sendo historicamente considerado um bairro novo, pelas características topográficas, seus terrenos sofrem influência das chuvas e das marés (pela proximidade com um dos afluentes do rio Guamá – Igarapé Tucunduba - que margeia a cidade de Belém), apresentando-se permanente ou temporariamente alagados na maior parte do ano.

A realidade referente a alagamentos é identificada como parte integrante da história do bairro da Terra Firme conforme narrativas de seus moradores assim como expõe MORADOR A:

Bem, antes era uma invasão né, antigamente tudo era alagado e chamam de Terra Firme, eu acredito que seja uma ironia né, porque era tudo alagado, e começou com caroço de açaí, serragem, lixo e pau velho... Foi o primeiro aterro para cá pra essas bandas. Daqui da passagem do Arame e as casas eram palafita e com o tempo tu tá vendo como se tornou, mas com o tempo, a gente também tem que tá mudando a casa que vai afundando. Eu acredito que seja pelo terreno que não seja propício sabe! O tempo que eu morro aqui, a casa que eu moro já é a terceira construída no mesmo lugar por causa da pavimentação e as casas vão afundando (MORADOR A, 2018).

Com isso, é possível perceber na fala da moradora que o processo de habitação do bairro não foi fácil, pois geograficamente uma parte do próprio terreno não era adequada inicialmente para comportar moradias.

Já outro morador B diz:

Quando nós chegamos aqui era só ponte, não tinha água e pegávamos água nas torneiras públicas, as pontes eram na sua maioria feitas só com duas tábuas, depois fizeram as pontes mais largas e, em 88, colocaram agua encanada”, ou seja, a questão da urbanização era algo alarmante no bairro (MORADOR B, 2018).

Tal realidade, referente ao espaço e urbanização do bairro Terra Firme é retratada em Penteado (1968) (figuras 2 e 3):

Figura 2 – Bairro de Terra Firme: aspecto das ruas



Fonte: Penteado (1968)

Figura 3 - Bairro de Terra Firme: aspecto das ruas



Fonte: Penteado (1968)

O autor explica sobre as imagens:

No bairro da Terra Firme – Escondido entre mangueiras e palmeiras, quase todo edificado com casas de tábua, colocadas sobre baixas estacas, cobertas com telha ou folhas de palmeiras, o bairro tem um aspecto de provisoriedade bem acentuada: apenas sua principal via, asfaltada, foge a esta característica: por ela se atingirá a futura cidade universitária de Belém. Na foto inferior, detalhes da organização do espaço: as casas com suas passarelas, denunciam a existência do problema de enchentes durante o “inverno”, a presença de vidraças em algumas casas constitui um elemento a favor do melhor padrão de vida de seus habitantes, assim como a cobertura de telhas de barro (PENTEADO, 1968, p. 334).

Desse modo, constata-se, com o fato do bairro se localizar em uma região que antes já sofria alagamentos e com aparentemente falta de investimentos de órgãos governamentais, o quanto que os primeiros moradores dessa região padeceram, e lutam para se manter nesse espaço e melhorar sua comunidade.

Ainda, frisa outra moradora C, seguinte:

[...] aí eu peguei e mudei para cá, vim morar para cá, depois eu voltei com meu marido, aí nós construímos um quartinho e ficamos aqui no meio da mata vivendo aqui, aí eles colocaram aquele bucado de lixo que tu nem podia comer, para comer, tinha que fechar o nariz, pois era um fedor de lixo para aterrar isso aqui, nós fizemos ponte primeiro, depois veio o lixo... Já foi mesmo muito ruim isso aqui... Já foi um sofrimento (MORADOR C, 2018).

A luta pela busca de melhorias do bairro, segundo os moradores entrevistados, se iniciou por organizações populares, as quais, organizavam o espaço e debatiam as estratégias para manter as ocupações de forma organizada, e a busca de serviços básicos como a ligação de energia elétrica, produção de pontes, aterramento e fornecimento de água, o que gerava líderes comunitários.

Em relação à situação, o Morador D expõe que:

Geralmente, quando tem ocupação, tem um grupo organizador né! Que esse grupo organizador organiza as pessoas para assentar a terra organizar a rua para não fica uma coisa desordenada, mas mesmo assim, às vezes, têm muitas situações desordenada. E na época no tempo dessa ocupação do Parque Amazonas, que essa ocupação tem uma faixa de uns vinte cinco anos por aí assim, é de 90 , 2008. E essa ocupação se deu com um apoio de um grupo de moradores que já tinha casa né, mas tinha famílias que precisam ainda morar, então esse grupo lutava por moradia, um grupo de pessoas lutando por moradia e abraçou a causa das pessoas que não tinham onde morar, então, ela ganhou força a ocupação, junto com esses grupo esses grupo tinha várias pessoas, várias lideranças que já moravam na Terra Firme apoiando essa ocupação, aí dentro da ocupação, surge outras lideranças que passam a se organizar em centros comunitários, organiza a associação, as lutas pessoais das pessoas para trazer a água, a luz, trazer o aterro (MORADOR D, 2018).

Dessa forma, pode-se inferir que a participação da própria comunidade foi o que deu força ao crescimento populacional do bairro, e, conseqüentemente, o crescimento referente às áreas no que tange a ruas e passagens. Além de força para conseguir a legalização de seus terrenos e imóveis. Sendo uma constante luta por melhorias referentes a saneamento básico e segurança, saúde e educação. Com isso, foram constituídas as associações do bairro.

A fala do morador, um dos moradores do Bairro, tendo participado da ocupação, demonstra como a solidariedade de uns com outros facilitou aos moradores buscarem alternativas para garantir moradia para todos. Pois,

nesse sentido de construção da hegemonia, no seio da luta política, estratégias como ocupação/acampamento foram sendo construídas como ações intrínsecas à atuação política desses movimentos, a partir da realização de discussões periódicas nas comunidades sobre a situação daqueles que não possuem casas, seguidas de levantamento das pessoas dispostas a integrar e realizar a ocupação, isto é, concordando em ocupar e acampar, literalmente, em alguma área da cidade como meio de pressionar e agilizar a conquista de moradias. (GUIMARÃES, 2015, 723).

A luta por moradia não é um crime, pelo contrário, é um direito para aqueles que não possuem condições dignas para viver e morar com dignidade.

No bairro, as formas de mobilizações se apresentam, comumente, nas chamadas “associações” como exposto a seguir (fotos 1 e 2):

Foto 1 - Associação dos Amigos da Terra Firme “logo



Fonte: Jesus (2017).

Foto 2 - Associação de Moradores Unidos na Luta “frente”



Fonte: Jesus (2017).

As fotos acima são de dois centros comunitários existentes no bairro, sendo o representado na primeira foto, fundado em primeiro de setembro de 1996, no qual atualmente ainda funciona uma escola de educação infantil em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belém que atende às crianças do bairro. Já sobre o centro da segunda foto, não se encontrou dados de sua fundação. Além desses, existem outras associações organizadas no bairro, tais como: Centro Comunitário Gabriel Pimenta, Centro Comunitário Bom Jesus, Associação dos Moradores da Terra Firme, entre outros.

Penteado (1968), em trabalho referente a estudo sobre a geografia urbana de Belém do Pará, mostra quantitativo da população dos bairros de Belém, constatando que o bairro da Terra Firme não consta na lista de bairros mais populosos no ano de 1950, conforme verifica-se na figura abaixo (figura 4):

Figura 4 - Cidade de Belém: bairros mais populosos em 1950

	População absoluta	% em Relação a pop absoluta de Belém	Densidade por hectare	Área em ha
1. UMARIZAL ...	26.290	11,07	113,6	231,4
2. MARCO	26.286	11,06	59,1	444,4
3. TELEG. S/FIO ..	16.778	7,44	71,2	235,4
4. PEDREIRA	16.125	7,15	46,1	349,6
5. S. BRÁS	15.701	6,97	132,9	118,1
6. JURUNAS	14.904	6,61	74,5	200,0
7. GUAMÁ	13.885	6,16	33,3	416,7
8. COMERCIO	13.824	6,13	144,3	95,8
9. CANUDOS	11.975	5,31	101,4	118,0
10. CID. VELHA	9.837	4,36	121,7	80,8
11. REDUTO	9.211	4,08	121,0	76,1
12. CREMAÇÃO	9.119	4,04	61,8	147,4
13. MATINHA	8.189	3,63	145,9	56,1
14. NAZARÉ	7.518	3,33	55,0	136,5
15. BAT. CAMPOS ..	7.293	3,23	67,0	108,7
16. SACRAMENTA ..	6.686	2,96	22,4	297,2
17. MARAMBAIA ..	4.933	2,19	6,9	713,7
18. SOUSA	4.836	2,14	12,4	388,8
19. CONDOR	1.828	0,81	10,4	174,6
20. TERRA FIRME ..	não consta	em 1950	—	—
BELÉM	225.218		50,1	4.389,3

Fonte: Penteado, (1968).

Logo, percebe-se que o populacional do bairro da Terra Firme se constituiu gradativamente. Mesmo que Silva e Sá (2012) e Peregrino (2014) afirmem que o surgimento do bairro se deu nos anos 1940, porém, ainda há dificuldade de encontrar registros numéricos ligados à população do bairro nessa época.

Penteado (1968) ressalta em sua pesquisa, o valor populacional da Terra Firme a partir da década de 1960.

Figura 5 - Cidade de Belém: bairro mais populosos em 1960

Cidade de Belém — Bairros mais populosos
EM ORDEM DECRESCENTE — 1960

	População absoluta	% em Relação à pop. absoluta de Belém	Densidade por hectare	Área em ha
1. MARCO	49.550	11,26	91,2	444,4
2. UMARIZAL	31.289	9,24	143,8	231,4
3. TELE. S. FIO	30.148	8,37	128,0	235,4
4. JURENAS	29.969	8,32	149,8	200,0
5. PEDREIRAS	25.919	7,11	73,2	349,6
6. GUAMA	21.400	6,50	56,1	416,7
7. SACRAMENTA	20.773	5,77	69,8	297,2
8. CANUDOS	15.986	4,55	132,9	118,0
9. S. BRÁS	15.049	4,18	127,4	118,1
10. SOUSA	14.507	4,04	37,4	388,8
11. NAZARÉ	14.307	3,97	104,8	136,5
12. CREMAÇÃO	14.025	3,89	95,1	147,4
13. CONDOR	12.437	3,45	71,2	174,6
14. BAT. CAMPOS	12.347	3,42	95,5	108,7
15. MATINHA	12.273	3,40	218,7	56,1
16. CID. VELHA	12.125	3,36	150,0	80,8
17. COMÉRCIO	11.671	3,24	121,8	95,8
18. MARABÁIA	10.480	2,50	14,6	713,7
19. REDUTO	7.073	1,56	92,9	76,1
20. TERRA FIRME	4.210	1,16	39,7	105,8
BELEM	359.988		80,0	4.495,1

A população absoluta foi fornecida pela Insp. Reg. IBGE (Belém).

Fonte: Penteado (1968).

Por tanto, é possível entender numericamente a população que constituía o bairro da Terra Firme no período de 1960, percebida a partir do quadro estatístico, que o bairro foi o último considerado entre os mais populosos. Alguns dos moradores mais antigos, que ainda residem no local, acentuam o processo de ocupação da área a partir da 1960 e explicam o porquê do nome Terra Firme, como sublinha O morador D:

Olha, o bairro todo ele foi ocupado em 1960, os primeiros moradores ocuparam uma parte da área da Terra Firme, essa parte era uma parte enxuta, uma parte alta, por isso gerou o nome de Terra Firme. E depois foi expandindo as ocupações, hoje em dia, posso afirmar que a última ocupação que tem na Terra Firme é essa área aqui do Parque Amazonas, em 1990 a última ocupação aqui, tenho 53 anos de idade nascido e criado na Terra Firme (MORADOR D, 2018).

Penteado (1968) também faz comparação do processo do desenvolvimento desse bairro com outros bairros vizinhos, destacando deles, o bairro de Canudos, pois os dois bairros “são apenas residenciais, situam-se na encosta suave dos terraços dos níveis 5 e 10m, trabalhados pelas águas dos formadores do igarapé Tucunduba” (PENTEADO, 1968, p. 336) e destacando a diferença na organização do espaço:

[...] se em Canudos, de certa forma, prossegue o sistema das amplas quadras, como se notava em São Brás, já a Terra firme evolui de maneira espontânea e, até mesmo, desordenada. Ambas se assemelham, apenas na falta de arborização de suas ruas, pois a própria paisagem reflete, no bairro de terra Firme, um certo ar de provisoriade, que, em absoluto, existe no de canudos (PENTEADO, 1968, p. 336)

Dessa forma, já fica evidente que o processo de crescimento do bairro ocorreu de maneira desorganizada, sendo um movimento de ocupação ocorrido por meio de lutas populares de sua própria população que necessitavam de um lugar para morar, o autor Penteado (1968), na época do nascimento do bairro, previa que a construção da Cidade Universitária do Pará poderia ser uma ameaça para o desaparecimento do bairro ou trazer limitações no crescimento do mesmo, o que segundo ele, acarretaria problema populacional para cidade de Belém, pois seriam milhares de famílias desabrigadas se deslocando a bairros, não podendo naquele momento prever consequências de tal fato à época.

Assim, o bairro se desenvolveu mesmo com a construção da Cidade Universitária do Pará, o morador D relata como foi a relação da Universidade com o processo de ocupações:

[...] se o morador que tem título de posse da terra há dez anos atrás, é porque ele adquiriu a propriedade do Acatasume o resto era da universidade [...] então a universidade não abria mão da terra dela, então cada ocupação que tinha era um conflito muito grande era polícia para tirar o morador, bater no morador, e aí a luta ia acalmava, mas a universidade não liberava a terra né! E o pessoal ficava de teimoso, essa ocupação aqui do Parque Amazonas em 90 foi mais de um ano praticamente um ano de conflito com a universidade e a universidade mandava tirar a polícia vinha derrubava a armação do pessoal e o povo voltava e a universidade mandava polícia tirar até que as lutas como eu te disse, um grupo lutando pelas moradias, aí foi amenizando. O Jader Barbalho no período de um governo dele justamente no tempo dessa ocupação interferiu junto ao reitor da universidade que já aceitou ficar e depois lá na frente se resolveria como é que se dava. E se a universidade fosse precisar, tirava, mas deixa o povo ficar. Então muita gente ainda fala assim mesmo que foi o Jader Barbalho que liberou essa área e algumas áreas da Terra Firme, sim ele entrevistou para que a universidade desse um ok para o povo que precisava de moradia pudesse ficar. A Universidade então até fez uma exigência como a área era dela então ninguém pode ter dois terrenos duas casas e a metragem para cada um seria cinco por 20 quem iria ficar na invasão na ocupação seria pessoas que realmente provasse que tinha necessidade de morar né! Não poderia uma pessoa que tem uma casa em outro bairro e vim pegar terreno aqui, então teve exigências, então acaba que a universidade não liberando, mas abrindo mão né! Para que o morador ficasse e quando chega o governo da Ana Julia junto com o governo Lula lançou um projeto que esse projeto daria título de posse para as pessoas que morasse em área de marinha (MORADOR D, 2018).

Então, intui-se que a consolidação do bairro passou primeiramente pelo processo popular dos próprios moradores que chegaram no espaço à procura de uma moradia própria e digna para suas famílias, para isso exigindo do poder público serviços essenciais para habitarem aquele espaço e que com muita luta e manifestações conseguiram construir sua identidade enquanto comunidade. Sendo uma identidade com o nome de Terra Firme, pois mesmo existindo outro nome, que a prefeitura denomina como bairro Montese, seus moradores em sua maioria, principalmente os mais antigos, não reconhecem seu bairro por esse nome.

Como pode-se observar nas narrativas de seus moradores:

Eu não gostei de ter trocado para Montese, porque sempre foi Terra Firme, então deveria ser Terra Firme até morrer, apesar dela não ser firme só lama, mas eu não queria que tivesse trocado Montese e eu nem uso essa palavra Montese tá entendendo eu queria Terra Firme e pronto (MORADOR C, 2018).

Eu fiquei sabendo há pouco tempo acho que uns quatro a cinco anos o nome Montese, mas ninguém chama de Montese todo mundo fala Terra Firme pelo costume é difícil falar Montese, é terra firme e pronto não tem outro nome né he he he (MORADOR A, 2018).

Assim, como identificou-se, o nome Montese não é um nome unânime entre os moradores do bairro, a origem do nome Montese não foi encontrada a não ser em uma fala de um morador que citou um decreto da prefeitura que teria regularizado esse nome, e que Terra Firme seria, segundo, apenas apelido, porém, não fora encontrada a fonte citada pelo morador.

Já o nome Terra Firme, pelas entrevistas realizadas, surgiu pelo fato das primeiras ocupações ocorrerem na parte que ficava as terras firmes, ou seja, a parte que não era alagada. As correspondências recebidas pelos moradores, tais como faturas de cartões de créditos e energia elétrica, também se “confundem” entre Terra Firme e Montese, como indicado nas figuras a diante (figuras 6 e 7).

6 - Fatura de Energia Elétrica



Fonte: Obtida por meio de moradores do bairro (2018)

Figura 7 – Fatura de Cartão de Crédito

Pagável em qualquer banco até o vencimento				
Nome do Beneficiário / CNPJ / CPF / Endereço				
Banco do Brasil S.A. - 00.000.000/0001-91 SBS Quadra 1 - Bloco A - Lote 31 - Ed. Sede I - 2ss				
Data do documento	Nº do documento	Espécie do doc.	Aceite	Data processamento
03/01/2018		FAT	N	03/01/2018
Uso do Banco	Carteira	Espécie	Quantidade	X Valor
	CG	R\$		
Informações de responsabilidade do beneficiário O CAMPO VALOR DO DOCUMENTO ESTA PREENCHIDO COM O TOTAL DESTA FATURA. VOCÊ PODE UTILIZAR O MESMO BOLETO PARA PAGAMENTO DE VALOR MENOR OU OPTAR PELO PARCELAMENTO, PAGANDO O VALOR DE ENTRADA INFORMADO NESTA FATURA. CONHEÇA OUTROS PLANOS DE PARCELAMENTO NO SITE BB.COM.BR/ PARCELSUA FATURA, NOS CAIXAS ELETRÔNICOS OU LIGUE PARA 0800 729 0001.				
Nome do Pagador / CPF / CNPJ / Endereço / Cidade / UF / CEP				
[REDACTED] - PS SANTANA 19 ESQ R DA PAZ TERRA FIRME BELEM-PA CEP: 66077630				
Sacador / Avalista				

Fonte: Obtida por meio de moradores do bairro, 2018.

Analisando os documentos, comprovou-se em ambos, que o endereço é o mesmo em relação a passagem, número da casa e Código de Endereçamento Postal (CEP). Porém, na fatura de energia elétrica, bairro é identificado como Montese, enquanto a fatura do cartão de crédito identifica-o como Terra Firme, ou seja, compreende-se não existir um nome “mais oficial” que o outro, na verdade, o existente é uma questão de pertencimento, no qual os moradores em sua maioria se sentem pertencentes ao bairro da Terra Firme com toda sua história de luta.

3.2 TERRA FIRME: NO HOJE, E PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE

O Bairro da Terra Firme é um dos mais populosos da capital paraense, Belém, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população está estimada em 61.439 habitantes, com uma população jovem de 15.000 indivíduos, o que representa 25,8% de toda a população do bairro.

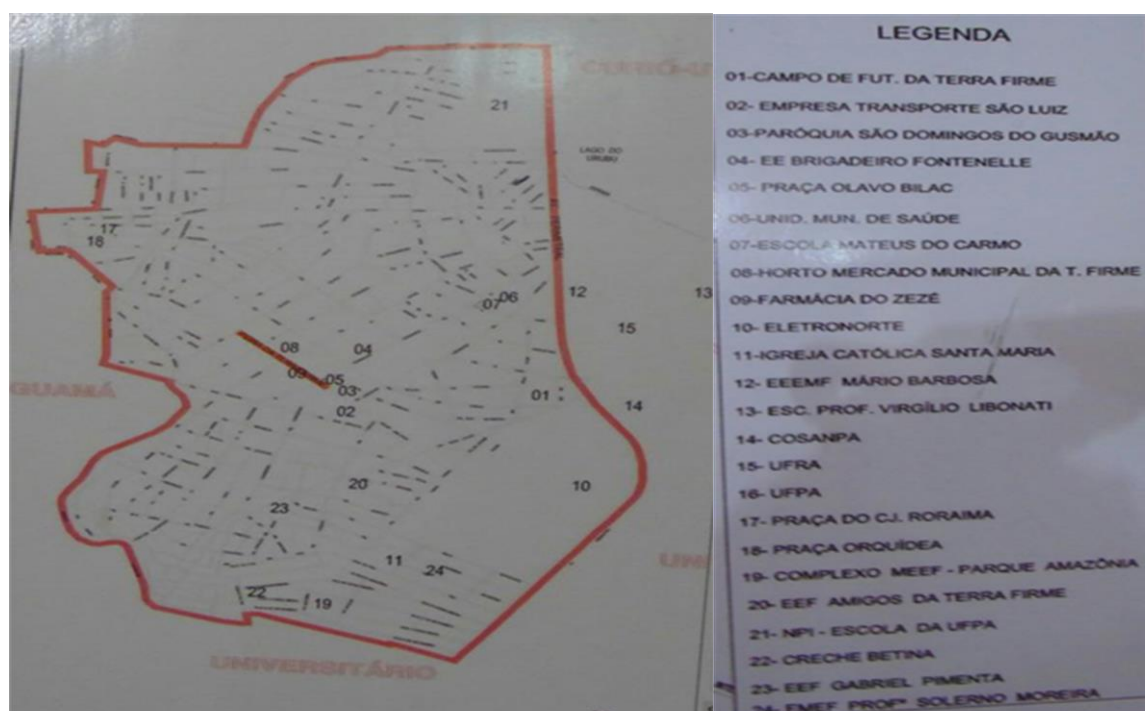
O bairro enfrenta, entre outros, grandes problemas de saneamento, iluminação, habitação e violência, o que faz o bairro ser visto e apresentado pelos meios de comunicações como um lugar caótico. Tal contexto se assemelha ao que é projetado nas palavras de Guimarães (2015, p. 721-722):

O urbano consiste em um dos espaços que tem se revelado de importância fundamental para a luta de classes nas últimas décadas. Ao expandirem-se empurrando segmentos das classes subalternas para as áreas periféricas, destituídas de serviços, de infraestrutura urbana e de equipamentos coletivos, as cidades brasileiras têm se configurado como espaço de grande segregação socioespacial. A dinâmica de produção e de reprodução do espaço não pode ser pensada excetuada de sua intrínseca relação com os processos de acumulação capitalista e de exploração da força de trabalho, assim como também tal reflexão não pode estar apartada das lutas e resistências populares engendradas nesse contexto.

Conforme a perspectiva de Guimarães, as grandes desigualdades sociais existentes fazem com que cada vez mais as reivindicações e lutas de grupos sociais cresçam no sentido de busca por melhorias em seus espaços de vivências. O que também aponta uma das causas da existência das ocupações.

Como pôde-se ver, o bairro ainda passa por problemas pelos quais passava no início do processo de ocupação, certamente, não com a mesma intensidade de antes, pois já existe o abastecimento de água encanada e fornecimento de energia elétrica regular, entretanto, a questão referente a pavimentações das rua e manutenção das que um dia foram asfaltas, ainda é tormento à maioria dos moradores, principalmente, àqueles alocados nas áreas consideradas mais periféricas dentro da própria Terra Firme.

Figura 8 - Bairro da Terra firme, Belém do Pará



Fonte: Exposição ponto de memória Terra Firme (2018).

Dentro desse cenário, o adolescente e jovem morador da periferia da Terra Firme enfrenta um processo de vulnerabilidade social, pois vive em território considerado como violento e marcado pela ausência de políticas públicas e pelos estereótipos negativos do bairro. Sobre o tema, Silva e Sá (2012, p. 174) versam que:

A demonstração de processos segregativos pode ser feita, de um lado, pela abordagem acerca da precarização das condições de moradia daqueles segmentos de trabalhadores que ocupam áreas de várzea que margeiam a baía de Guajará e o rio Guamá, como o igarapé Tucunduba, um de seus afluentes, que corta a extensão territorial do bairro da Terra Firme. De outro lado, essa segregação é demonstrada pela identificação da ausência e/ou insuficiência na implementação de políticas públicas voltadas ao acesso ao saneamento básico, à habitação de interesse social, à regularização fundiária, à educação profissionalizante, à saúde, ao trabalho e à geração de renda.

Para as autoras, o bairro da Terra Firme apresenta precariedades, marcadas pela falta de políticas públicas voltadas à comunidade. Esse, portanto, é o espaço vivido pelos jovens que também enfrentam ausência de políticas efetivas para seu pleno desenvolvimento, tais características descritas pelas autoras reforçam imaginário e aumentam estereótipos sobre um lugar marcado pela violência e miséria.

Contudo, apesar do aparente cenário de violência divulgado pela mídia sobre o bairro, também encontramos grupos jovens voltados para as questões culturais e que buscam por meio da arte, dança e mídia alternativa, a valorização do bairro e seus moradores. O grupo “Tela Firme” é um desses movimentos. Segundo reportagem anunciada no portal G1/PA (2015), o projeto valoriza o bairro da Terra Firme mostrando reportagens na internet sobre a realidade do bairro, ainda apresenta novos talentos e o dia a dia da comunidade.

No bairro existem também outros grupos como: a Casa de Cultura, grupo de dança Exibila, grupo de capoeira, a exemplo, a Associação de Capoeira da Terra Firme, fundada em 1993, pelo mestre Sidney Gonçalves Freitas, Tela firme, Polo São Pedro, GON (Grupo Ouro Nacional), a liga, USA, Coletivo Casa Preta. Desmistificando a visão de um lugar unicamente violento e dando visibilidade à comunidade destacando o melhor lado do bairro, o que muitas vezes é desconhecido pela sociedade no geral.

Além desses, em pesquisa realizada em 2013, Pinar constatou a existência de um número expressivo de centros comunitários, totalizando 17 instituições, sendo alguns já citados anteriormente nesse estudo. O bairro também abriga várias instituições de ensino da educação básica e superior que atendem a uma parcela significativa de estudantes do Estado do Pará, estudo realizado por Pinar (2013), constatou que na área geográfica do bairro da Terra Firme estão presentes sete (07) Instituições Federais de Ensino e Pesquisas (IFs) entre elas: Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG/MCT), o Parque de Ciência e Tecnologia (PCT) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Entretanto, mesmo com tantas instituições importantes no entorno, um muro os separa e os apresenta realidades diferentes. Em relação às escolas públicas de educação básica que atendem estudantes do Ensino fundamental e médio, o bairro da Terra Firme possui 5 escolas, a saber: a Escola de Aplicação da UFPA/EAUFPA; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro Fontenelle; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Virgílio Libonatti, situada Avenida Tancredo Neves Antiga Perimetral, número 2501; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Malcher.

É notório que há quantidade insuficiente de escolas para um dos bairros mais populosos de Belém, o que leva muitos jovens a estudarem em escolas de outros bairros, mas, nem sempre possível em virtude da distância e questões outras, como a financeira dos pais, por conseguinte do próprio jovem, por exemplo.

3.3 ESCOLA DR. CELSO MALCHER E SEUS JOVENS

Poder escrever sobre a Escola Dr. Celso Malcher é algo grandioso e gratificante, ao mesmo tempo que é desafiador, pelo fato de no período de 2012 a 2015 ter vivenciado um pouco da realidade deste espaço como bolsista do Programa Conexões de Saberes⁵ e outro, como monitor do Programa Mais

⁵ O Programa Conexões de Saberes foi criado em 2005 pelo Ministério da Educação com objetivo de auxiliar os estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade social a permanecer na universidade, por meio de bolsas, mas desde 2010 o Programa é mantido com recurso da Própria Universidade Federal do Pará, por meio da Pró-reitora de Extensão UFPA. O programa dentre seus

Educação⁶, assim como a dificuldade de desprender-se das amarras da militância por educação de qualidade e para todos, e ser sensível aos asseios dos que frequentam aquele espaço sem interferir com opiniões próprias, pois durante esses anos acompanhamos e participamos de vários momentos enfrentados pela escola para garantir educação para moradores do bairro da Terra Firme, assim, a referida escola, como apontar-se-á nesta seção, é algo emblemático no bairro, isso se deve ao fato da escola durante seus anos de existência ter sofrido várias “turbulências”. A realidade da escola pública é conhecida por todos, ou pela maioria, às vezes, fica-se estarecido com as condições em que as mesmas se encontram.

Vitor Paro (2016, p. 22) chama atenção que “os profissionais envolvidos com a educação no país têm demonstrado interesse pelo que acontece no dia a dia das escolas brasileiras”, entretanto, o autor e outros teóricos da educação têm realizado grandes teorizações em relação aos determinantes sociais mais amplos da realidade social, e teorizado pouco sobre as relações e fatos presentes no interior da escola básica brasileira, ou seja, a realidade “o chão” da escola permanece desconhecido.

Deste modo, um dos grandes desafios é adentrar este espaço, não como professor ou técnico, mas como pesquisador, cujo desejo é produzir novos conhecimentos, desprendido da ideia de que a escola pública vive uma situação precária, isso, já se sabe.

A escola tem apresentado nos últimos séculos múltiplas demandas, ou melhor, dela tem se cobrado respostas para múltiplas demandas e situações sociais, no contexto brasileiro, essa aparente crise da educação nacional tem múltiplos fatores, segundo Cortella (2011), a crise existente no cenário educacional brasileiro acontece pelo fato de ainda termos atingido graus mínimos de justiça social, pois em um país com dimensões continentais e grandes recursos, ainda existe uma concentração de riqueza nas mãos de poucos, ou seja, 5% da população brasileira acumula mais de 28% das riquezas nacionais. O autor ainda pontua para a forma como o capital é partilhado no Brasil onde a riqueza produzida no país é usufruída

projeto tem o Circuito de Leitura e Conectando Saberes no Ensino Médio, sendo que ambos os projetos são executados na Escola Dr. Celso Malcher.

⁶ O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, criado no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral, por de meio de temáticas envolvendo, o acompanhamento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática e do desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer.

por uma minoria, que conseqüentemente, leva a um privilégio educacional a certos grupos em detrimento de outros (CORTELLA, 2011), também reforçando que:

A crise educacional tem raízes estruturais históricas e se manifesta de diversas formas em conjunturas específicas: confronto do ensino laico x ensino confessional, conteúdos e metodologias, adequação de novas ideologias, democratização do acesso, gestão democrática, educação geral x formação especial, seriação x ciclos, progressão continuada x aprovação automática, educação de jovens e adultos, despreparo dos educadores, evasão e retenção escolar (CORTELLA, 2011, p. 11).

A constatação de Cortella não é estranha àqueles que diariamente estão na escola e cobram resultados, entretanto, não devemos esquecer que a escola deveria responder a demandas sociais, políticas e econômicas, e assim sendo, a crise educacional brasileira é fruto, em grande parte, do descaso dos governos para esse bem comum e universal a todos os brasileiros. Essa crise é em grande medida um projeto deliberado de exclusão e dominação social (Cortella, 2011).

Nesta perspectiva, a escola pública brasileira tem sido tomada como algo “nebuloso”, sem expectativa ou esperança de melhoras, o ensino é fraco, professores despreparados e escolas com péssimas infraestruturas. Segundo Libâneo (2012), tem sido constante no meio acadêmico, a constatação desse quadro sombrio da escola pública, ainda segundo o autor, as análises externas, de dados e pesquisas têm apontado não só este estado sombrio, mas também, a deterioração e ineficácia em relação ao propósito e seu funcionamento.

Já no campo das análises internas, tem-se constatado que a escola encontra-se em crise no seu papel de instituição socializadora e agregadora de valores, pois, a mesma vive no período de globalização em disputa com outros meios socializadores, como as mídias sócias, por exemplo, ou a indústria cultural.

A escola Dr. Celso Malcher não possui um arquivo com muitas informações sobre sua fundação, somente um Projeto Político-Pedagógico, do ano de 2015, e que ainda está em construção, muitas das informações são obtidas pelo resgate da memória dos moradores do bairro, de diretores, de professores, de técnicos e de alunos e ex-alunos, pois a escola é parte da vida de muitos destes.

É relevante levantar tal discussão, pois o espaço escolar

produz memórias ou imaginários. Mobiliza ou desmobiliza grupos de pessoas e famílias; assinala sua presença em comemorações, torna-se notícia na mídia, ou seja, é muito, mas muito mais mesmo do que um prédio

que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem, aprenderem etc. O movimento inverso também ocorre, pois, a instituição é objeto de interesses contraditórios de ordem econômica, política, ideológica, religiosa e cultural, dentre outros (SANFELICE, 2006, p.6).

Assim, com base nesses relatos, pôde-se refazer a história da fundação da escola tendo a memória como fonte de informação, outro meio de investigação utilizado nesse estudo para desenhar a instituição, também no seu funcionamento técnico administrativo, foi a internet, na qual encontramos sites com dados que permitiram fazer descrição detalhada da escola.

Segundo o Projeto Político-Pedagógico (2005), a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Malcher, surge pelo fato da extinção de quatro outras escolas que funcionavam em Regime Comunitário sendo a E.R.C. Amigos da Terra Firme; E.R.C. Padre Teodolino Novelo; E.R.C Povo Carente da Terra Firme e E.R.C Universal gerando a procura por vagas nas escolas do bairro, a qual não é suprida pelas escolas já existentes, o que ocasionou necessidade de construção de uma nova escola, para atender esses educandos.

A partir dessa necessidade, inicia-se um processo de pressão por parte dos moradores, responsáveis, servidores da escola e dos estudantes destacando-se os jovens exigindo do Governo Estadual a construção de uma nova escola para atender aos alunos e funcionários das escolas extintas. Segundo o PPP de 2005, o lugar cedido para funcionar a escola foi uma galpão⁷ locado pela SEDUC-PA, o qual seria reformado e transformado em salas de aulas, no início, a escola-galpão não tinha nome e o processo de matrícula era realizado pelos responsáveis no polo, e na ficha vinha escrito “Escola Nova”. Segundo o PPP, em 21 de fevereiro de 2002, iniciou-se as aulas no Galpão, pois a constante presença da mídia e pressão dos moradores fez com que o governo fizesse uma obra relâmpago para inaugurar a escola, contudo, não ocorreram adaptações necessárias para o funcionamento de uma escola naquele espaço, e sim, uma forma de “calar a boca” da comunidade.

Segundo o PPP, o lugar escolhido como prédio que à época abrigou a escola, foi simplesmente um galpão cedido para seu funcionamento, que hoje abriga o Posto de Identificação da Unidade Integrada Pro Paz (UIPP) conforme verifica-se a seguir (foto 3).

⁷ Local no qual funcionava um depósito de cimento (SOUZA, 2010).

Foto – 3: UIPP - lugar onde funcionava o galpão que abrigava a escola



Fonte: Jesus (2018).

O local onde funcionou a escola a partir de sua fundação foi representado por alguns de seus funcionários e alunos egressos como um local inapropriado para o desenvolvimento de estudos, pois segundo eles, o espaço não provia ambiente adequado à prática de atividades físicas, o consideravam quente e pouco ventilado, além de ter acústica ruim, em virtude das salas serem separadas por divisórias. Ratificado em entrevista realizada com aluna egressa conforme transcrição a seguir:

Era uma estrutura de compensado, eu me lembro muito bem, não era uma estrutura apropriada. Turmas superlotadas, enchentes, ratos, bebedouros impróprios, era uma estrutura muito improvisada, alguns diziam que ali era um 'Carandirú', era a forma de um presídio, não parecia uma escola (ALUNA EGRESSA, 2018).

A partir do relato da aluna egressa, comprova-se que a estrutura do local onde funcionava a escola era problemática, o que também pode ser percebido nas falas das funcionárias professora X e a funcionária Y ao serem instigadas sobre o trabalho na época em que a escola funcionava no Galpão relacionado às condições, as mesmas responderam:

Sim, trabalhei. É difícil falar desse tempo... Difícil... A gente quase não fala porque era uma situação muito difícil que a gente passava lá, salas

superquentes, úmidas, não tinha nenhuma circulação de ar, a gente ficava mesmo em péssimas condições de trabalho. Salas superlotadas e tinha uma turma onde dois alunos ficavam de fora da sala porque não cabiam dentro da sala. Era essa a realidade que a gente tinha. Tinham salas que tinham ventiladores, tinham salas que não tinham. O ano do início da escola... Eu fui para lá em 2003... O ano do início da escola foi entre 2000 e 2002, eu acredito que 2001, eu recordo dessa data. Eu fui para lá porque sou moradora do bairro, tinha uma filha pequena e queria uma escola perto da minha casa, aí surgiu a carga horária e eu fui, mas não que eu me agradasse de estar lá. Mas, chegando lá eu encontrei pessoas que faziam amenizar o aspecto ruim da escola, principalmente os alunos (PROFESSORA X, 2018).

A pior possível. Qualquer chuva que caia enchia tudo. E, a visão que se tinha do alto era das salas todas cheias de água, ratos correndo lá dentro. Era horrível e triste mesmo! Muitas vezes os alunos ficaram sem aula por não ter condições de entrar no galpão (FUNCIONÁRIA Y, 2018).

Portanto, confirmaram-se algumas das dificuldades enfrentadas pela comunidade no período de permanência no “Galpão-escola”, que segundo o PPP, recebeu o nome de “Escola Dr. Celso Malcher”, por ser situado na rua Dr. Celso Malcher⁸. “[...] o nome da escola foi escolhido por causa do espaço organizado para a instalação da mesma, ficar localizado na Rua Dr. Celso Malcher, ou seja, o primeiro nome que veio à mente, ficou” (“A”, 2014) [...]” (PIMENTEL, 2015, p. 7).

A experiência vivenciada por alunos e funcionários nesse “Galpão-escola” deu continuidade ao processo de mobilização, que até então, era pela construção de uma escola, e logo se transformou na luta por um prédio digno, pois a escola em si, os educandos, o corpo docente e não-docente e responsáveis já havia, ou seja, a sua identidade. Pois essa instituição formal é tão significativa na vida de seus agentes.

O que melhor ficou compreendido quando associado às ideias de Gimeno e Sacristán (2000, p. 7) ao explicar que:

Ingressar, estar, permanecer por um certo tempo nas escolas – em qualquer tipo de instituição escolar – é uma experiência tão natural e cotidiana que nem sequer temos consciência da razão da sua existência, da contingência da razão da sua existência, da contingência da mesma, da sua possível provisoriedade no tempo, das funções que cumpriu, cumpre e ou poderá cumprir, dos significados que têm na vida das pessoas, das sociedades e das culturas.

Desse modo, os agentes da instituição escolar Dr. Celso Malcher começaram a se organizar para conseguir espaço físico adequado. Para isso, buscaram

⁸ É uma homenagem ao médico e ex-prefeito de Belém, portador deste nome, homem reconhecido por seus serviços prestados à comunidade (PPP, 2005).

estratégias de mobilização, sendo os educandos os primeiros agentes nesta ação segundo a funcionária Rosana, que ao ser perguntada sobre como começaram as mobilizações na escola, seu relato foi:

Na verdade eu entendo que essa modificação começou pelos alunos, eles que tomaram a frente da situação e aí os professores sensibilizados em ajudar os alunos e ajudar nós mesmos, porque a gente também era... A maioria eram professores do bairro. E aí, culminou os alunos começaram a reagir contra essa situação e se juntou com os professores. Foi aí que a gente começou a fazer passeatas pelo bairro, movimentações pelo bairro e nós conseguimos ir para a igreja (PROFESSORA X, 2018).

A funcionária (2018), também descreve os alunos como um dos grupos mobilizadores nessa luta, e assim o faz:

[...] não me lembro muito bem quem eram os cabeças da história, mas eles puxaram o movimento junto com os alunos do ensino médio e fizeram manifestações fechando a pista principal para chamar a atenção dos órgãos, da SEDUC, da própria USE. E, foi assim que começou o movimento para a saída do galpão para a gente ter uma escola para pelo menos os alunos terem durante o ano letivo todo certo (FUNCIONÁRIA, 2018).

A pesquisa também mostrou que a troca de direção foi essencial para ajudar no processo de mobilização, pois o fato de muitos dos funcionários serem contratados, existia um receio em questionar a Secretaria Estadual de Educação. Essa problemática pode ser identificada nos seguintes relatos:

Olha, naquela época era bem complicado a nossa postura, a gente aceitava muito, tinha uma diretora que era tipo pulso firme e mandava mesmo. E, tinha outra coisa que pesava, por exemplo, nós éramos a maioria contratados. Então, assim... contratado não tinha voz, contratado não tinha vez, a gente tinha que aceitar tudo, principalmente da direção da escola que era uma representatividade do Estado. Então, a gente quase não se mobilizava para nada. Só que a situação começou a ficar difícil demais para estar ali dentro (PROFESSORA X, 2018).

Quando eu entrei lá era a antiga direção antes da professora Regina e do Paulo Vasconcelos, era essa outra diretora, a gente não via muito ela, não via aquela luta pela escola, a gente não tinha aquela característica. Mas, quando eu passei para a quinta série, quem chegou para direção foi a Regina e o Paulo, então eles tomaram a frente daquilo e disseram 'não, isso tá errado, não era para eles estarem aqui'. Aí teve diversas reportagens, muita filmagem mostrando a estrutura da escola e aí começou uma luta dos professores e da direção, e os alunos (ALUNA EGRESSA, 2018).

Posto isto, fica evidente que o processo de enfrentamento por um espaço fixo e de qualidade para comportar a escola Dr. Celso Malcher nesses cinco anos em

que ficou instalada no Galpão contou com a participação não só da comunidade escolar, mas também da comunidade do entorno, ou seja, os moradores do bairro. Além das demandas, até mesmo referentes à necessidade da ampliação de turmas de Ensino Médio, para atender aos alunos da própria escola que terminavam o Ensino Fundamental e tinham que ir para o Ensino Médio.

Assim, vale ressaltar o apontado no estudo realizado por Pimentel (2015, p. 07):

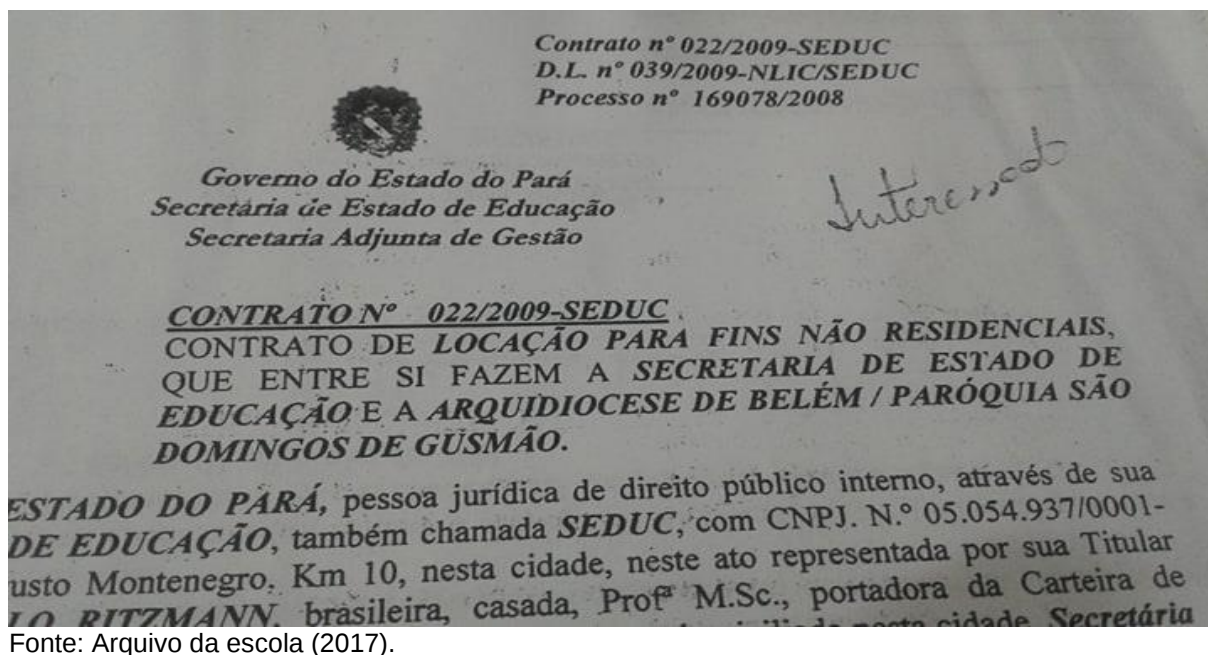
Conforme o funcionário “A” (2014) o aumento da demanda de alunos e a entrada gradativamente do ensino Médio acarretaram no crescimento dos problemas relacionados ao espaço físico e logístico da escola, conseqüentemente, não havendo condições de manter a instituição no mesmo local. Com isso, a escola foi transferida para um prédio anexo a Igreja São Domingos de Gusmão localizado no bairro da Terra Firme, sendo custeado pela SEDUC.

Então, começa uma articulação para a mudança para o anexo da Paróquia São Domingos de Gusmão que fica localizada na Avenida Celso Malcher, por apresentar uma melhor estrutura se comparada ao Galpão. Essa movimentação começou com os próprios professores, alunos e responsáveis que começaram a fazer reuniões com a comunidade e com próprio padre da igreja, pois até então era o único espaço disponível no bairro que a apresentava uma condição boa para recebê-los. Como afirma uma das funcionárias:

Foi em meados de 2006 para 2007. O que levou foi a pressão da comunidade escolar. Os professores se juntaram com os alunos e aí a gente pressionou o Estado para a gente ter uma melhor condição de trabalho. Por que além do ambiente quente e úmido, a gente teve uma sequência de enchentes de água da chuva, na época chuvosa o forro começava a desabar na cabeça dos alunos. [...] E, a gente começou a fazer reuniões com a comunidade, organizar. Até que a gente conseguiu... Falou com o padre, porque o único lugar disponível era a igreja, e o padre cedeu temporariamente o espaço (PROFESSORA X, 2018).

Assim, atendendo à demanda da comunidade do bairro da Terra firme, a Secretaria de Educação assina com a arquidiocese de Belém/paróquia São Domingo de Gusmão um contrato de locação número 022/2009. O qual garante a ida da escola para o novo espaço (foto 4).

Foto 4 - Contrato de locação do espaço da Paróquia



Fonte: Arquivo da escola (2017).

A partir desse contrato, a escola passa por um processo de mudança, e o próprio anexo da igreja onde o salão é dividido para comportar a direção e secretaria como também uma quadra de esportes coberta. Apesar do espaço ser melhor que o Galpão, ainda permaneceram alguns problemas estruturais, como acessibilidade, por exemplo.

Levantada discussão sobre o tema, segundo a funcionária Auxiliadora (2018): “A questão da acessibilidade era impossível, principalmente para os alunos com deficiência, carregar cadeira de rodas, etc., mas, era pequeno. Tivemos uma redução no número de turmas, porque lá só funcionavam sete ou oito salas”, o que passa a ser compreendido a partir da visualização do espaço (foto 5).

Foto 5 - Anexo da Paróquia São Domingos de Gusmão



Fonte: Jesus (2017)

Assim, a escola permaneceu funcionando durante cinco anos no anexo da igreja. Porém, aquele ainda não era o prédio fixo da escola e não tinha condições de comportar a demanda que a escola exigia, além do espaço ser requisitado para outros fins, ou seja, ainda assim, a própria igreja usufruía do espaço.

Com isso, os protestos e atos exigindo um prédio fixo para a escola continuou e tendo os jovens como principais atores desse movimento. Conforme o tempo passava, aumentava a ameaça de a escola ter de fechar ou remanejar os alunos para outras escolas.

Então, logo se iniciou uma trajetória de luta envolvendo todos agentes da comunidade escolar e de seu entorno, tendo uma mobilização de reuniões articuladoras para as manifestações que culminaram em atos na praça principal do bairro, caminhadas, paralisações dos professores e alunos, além de uma mobilização de divulgação nos meios de comunicação. Esses atos contaram como apoio dos participantes de projetos desenvolvidos na escola, como monitores do Programa Mais Educação e do Programa Conexões de Saberes, assim como, movimentos sociais as quais parcialmente registram-se a seguir (fotos 6 e 7).

Foto 6 - Protesto em frente à Paróquia São Domingos de Gusmão, em 2012.



Fonte: Arquivo pessoal Professora Rosana (2012).

Foto 7 - Caminhada em protesto exigindo o prédio da escola/201



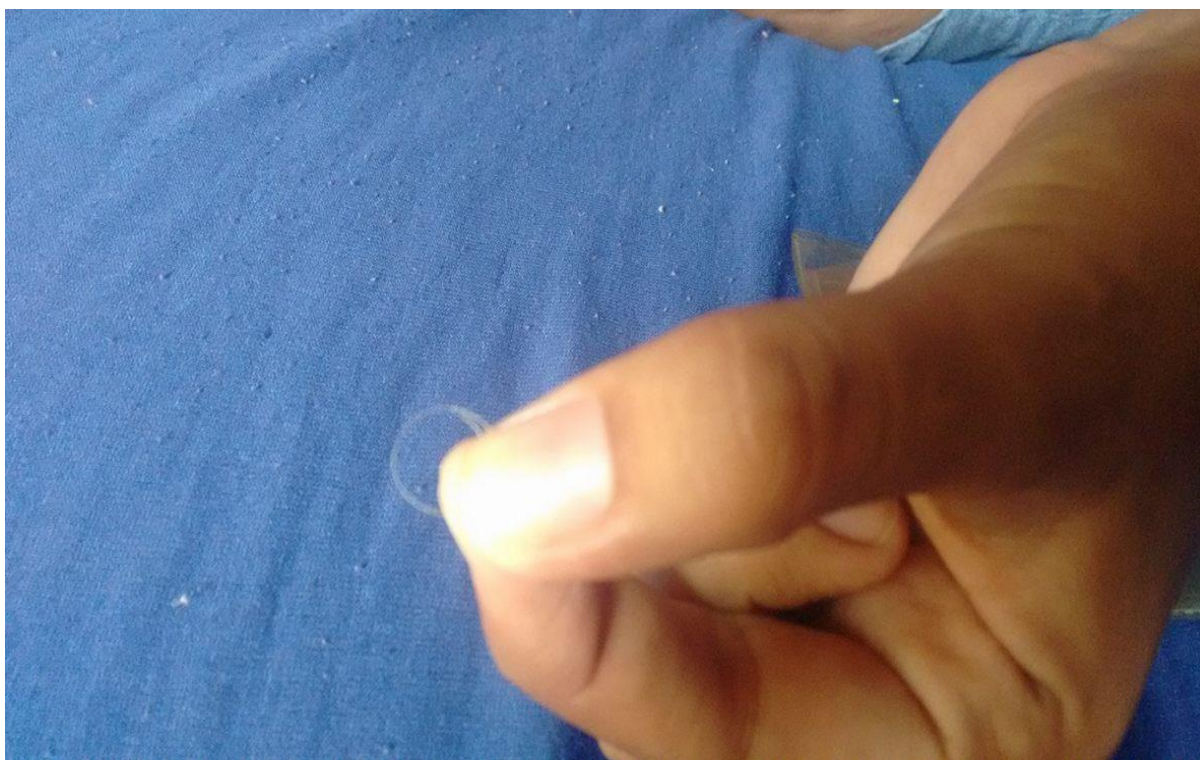
Fonte: Portal ORM/Galeria, 2013.

Nos protestos e atos organizados pelos alunos, funcionários e comunidade escolar promessas foram feitas pela Secretaria de Educação foram feitas, inclusive, com a fala do próprio governador Jatene, como afirma a estudante egressa:

Teve um protesto logo quando inaugurou a UIPP do nosso bairro que era onde ficava a nossa antiga escola, no galpão. E, a gente foi preparado para lá, para fazer barulho e o governador ia estar lá [...]. Quando a gente olhou para o painel tinha uma planta do prédio da escola. O governador falou que a UFPA tinha doado o terreno e que já estava sendo construído o prédio e que não era pra gente se preocupar. Disse que era muito bonito a gente fazer um protesto porque era nosso direito, e, ele disse 'vou cumprir minha promessa sim, vou entregar a escola no final do ano, vai ficar pronto, não se preocupem com isso'. Tinham alguns alunos que faziam parte do projeto Mais Educação e eles iam entregar um jornal pra ele onde vinham falando algumas reclamações, ele simplesmente entregou para um segurança. E, eu ali fiquei um pouco chateada e disse assim 'olha, eles são crianças, mas não engane eles. Vai cumprir ou não vai?'. Ele puxou o primeiro fio de bigode foi entregar e eu não peguei. O segundo, aí as meninas e as professoras estava dizendo 'pega', eu peguei. Aí ele disse 'eu venho buscar, tu vai me entregar e eu vou te dar a escola', eu disse 'ok'. Voltamos para a escola e o fio de bigode até hoje está guardado. Escola no prédio fixo nunca (ALUNA EGRESSA, 2018).

Infelizmente a promessa não foi cumprida e até hoje a aluna egressa guarda o fio do bigode do governador (foto 8) como prova de uma promessa que ainda precisa ser cumprida.

Foto 8 - Fio do bigode do Governador nas mãos da aluna egressa



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

O processo de mobilização dos educandos, professores, responsáveis e comunidade do entorno conseguiu com que a secretaria de educação providenciasse outro espaço para funcionar a escola, e em meados de 2013, a

escola passou a funcionar no Prédio que fica na subestação da Rede Celpa, no qual funcionava a escola Nuremberg Borges, mantida pela Fundação Aquarela, onde se atendia crianças do bairro, com o fechamento da escola, as crianças atendidas foram transferidas para outra escola ainda no bairro. Então a Secretaria de Educação Estadual fez a articulação com a rede Celpa e fechou contrato (foto 9).

Foto – 9: imagem do contrato de comodato entre a SEDUC e Rede CELPA

CONTRATO DE COMODATO
NÚMERO DE PUBLICAÇÃO: 511003

Contrato s/nº/2013

Objeto: Empréstimo pela COMODANTE, à COMODATÁRIA, do imóvel situado à Av. Celso Malcher, Pass. do Arame, s/nº, Bairro: Guamá, no município de Belém/Pa, para uso específico na área da Educação.

Data de Assinatura: 10/04/2013

Início de Vigência: 10/04/2013

Término de Vigência: 09/04/2018

Foro: Belém

Comodante: Centrais Elétricas do Pará S/A - CELPA

CNPJ. Nº 04.895.728/0001-80

Endereço: Rodovia Augusto Montenegro KM 8,5 - Belém/Pa.

Comodatária: Secretaria de Estado de Educação - SEDUC

CNPJ Nº 05.054.937/0001-63

Endereço: Rodovia Augusto Montenegro KM 10 - Belém/Pa.

Ordenador da SEDUC: Claudio Cavalcanti Ribeiro

Fonte: Diário Oficial do Estado (2013).

E assim, a escola passou a funcionar no prédio da Rede CELPA (foto 10) sendo uma vitória de todos que se mobilizaram, porém, com a saída da fundação Aquarela que mantinha a escola Nuremberg Borges no espaço, foi junto boa parte da estrutura que dava base para o funcionamento a escola nesse ambiente.

Foto 10 - Prédio onde funciona a Escola Dr. Celso Malcher



Fonte: Jesus (2018).

Assim, as aulas iniciam mesmo sem o prédio estar com as condições ideais para manter e desenvolver as ações docentes, de secretaria, administrativas, pois ainda eram necessários ajustes na estrutura das salas de aula. Como podemos perceber nos relatos a seguir:

Nós ficamos sem aparelhos de ar-condicionado nas salas, e, aí ficou muito difícil porque o prédio era todo preparado para se utilizar ar condicionado, ele não tinha ventilador instalado, as janelas não abriam. Então, a gente ficava lá com as crianças pegando fogo, queimando mesmo, um calor insuportável. A tarde era a situação pior, a gente ainda conseguia de manhã dá aula até umas 10h ou 11h, mas a tarde não tinha como, era desumano, era muito complicado dar aula a tarde. A gente dava um jeitinho, dava aula até às 15h, depois não aguentava mais. Também sofria muito problema de manutenção, faltava muita água, falta de água direto, porque tinha que ter uma manutenção no prédio muito grande né!? Aí a gente sofria pela falta de água, falta do ar condicionado, falta de ventilador. O espaço era bom, mas tinham esses itens que precisavam muito melhorar (PROFESSORA X, 2018).

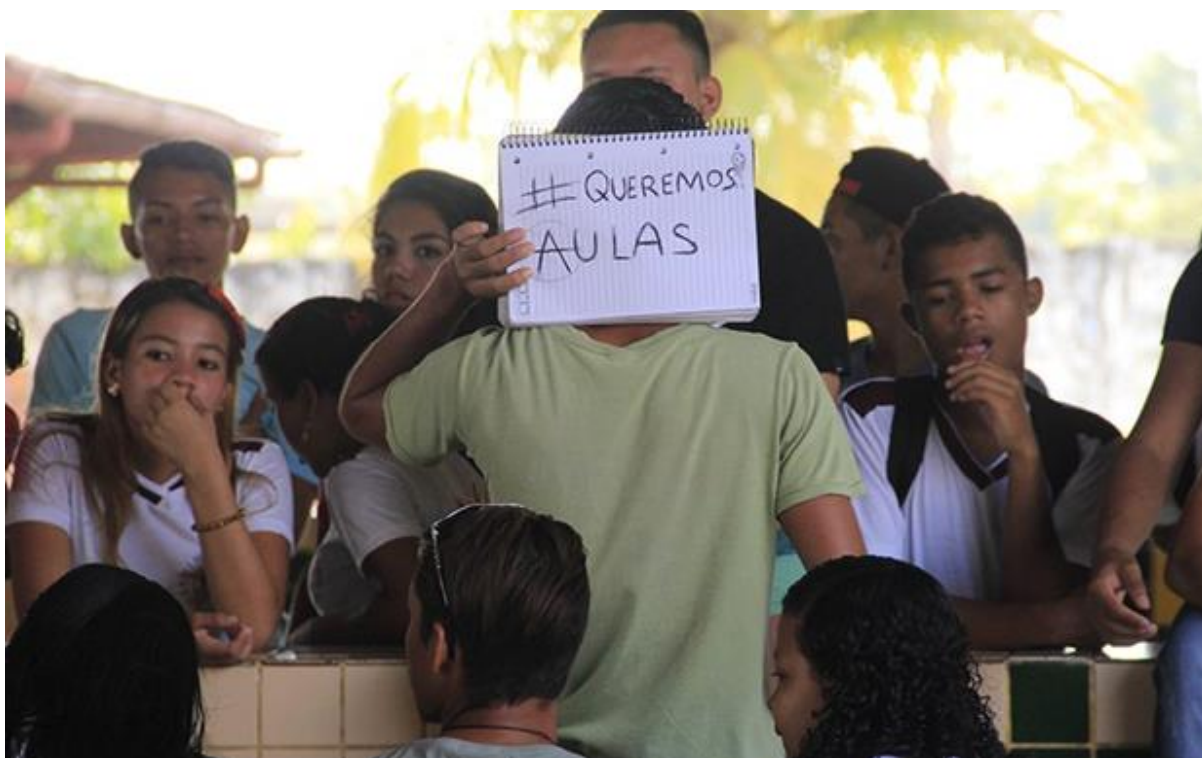
Também pondera a funcionária Y:

Precário porque quando a gente chegou aqui não tinha computador, não tinha internet, não tinha... nós trouxemos o computador, mas não tinha linha de internet, não tinha telefone, não tinha nada. Quer dizer um trabalho todo manual, passamos praticamente um ano só no trabalho manual até que conseguimos que tivesse a questão da internet, da informatização da escola. Mas, foi muito árduo para a gente da secretaria [...] Nós não

tínhamos ar condicionado, muito quente as salas, e... essa questão das paredes que viviam o tempo se desfazendo porque elas viraram moradia de cupim, aí começava a cair as paredes do nada. As pessoas ficavam sem sala de aula, era difícil trabalhar. A falta da água também é um problema muito sério que a escola passou, tivemos muitos dias sem aula por causa da falta da água. E ajeita bomba e quebra bomba e compra bomba e nunca consertava isso. Até que depois veio um que acertou e nós estamos bem com o funcionamento da escola (FUNCIONÁRIA Y, 2018).

Agora, a mobilização se dava por melhores condições no prédio atual, de porte grande e que precisaria de manutenção constante para pleno funcionamento. E assim, foram feitas novas manifestações e estratégias de mobilização, criou-se na escola o jornal “O Celsinho”⁹, que a partir de um projeto, alunos produziam as edições do jornal denunciando os problemas do bairro e da escola. Também eram realizadas reuniões exigindo aulas, pois com tantos problemas os alunos ficam muitas das vezes sem aula (foto 11).

Foto 11 - Momento de reunião para exigir aulas na escola



Fonte: DOL/Notícias do Pará (2015).

No decorrer de sua história, desde o primeiro prédio até a presente data, a escola não possui prédio fixo, em suas várias mudanças já passou por diferentes

⁹ Até o período em que foi realizada a pesquisa, o jornal tinha tido quatro edições e estava parado o projeto.

situações, como falta d'água, paredes caindo e mudanças constantes de diretores, o que gerou um movimento de manifestações de alunos, pais e professores.

A escola Dr. Celso Malcher em muitos aspectos não se diferencia das escolas das periferias, pois apresenta problemas comuns às outras tais como: evasão escolar, índice de repetência, conflitos entre docentes e discentes, ausência de alguns familiares no acompanhamento pedagógico, falta de professores, porém, sua dinâmica possui suas especificidades que a demarcam dentro de sua identidade escolar como espaço de luta e resistência, como a criação de um jornal específico feito pelos educandos, que tem como objetivo apresentar a realidade da escola e do bairro.

Conforme demonstrado, a Escola Dr. Celso Malcher, ao longo dos anos, tem enfrentado diversos problemas, desde a falta de um lugar para guarda de documentos, como uma estrutura própria que atenda às necessidades e especificidades dos seus educandos e profissionais da educação, revelados por Pimentel (2015).

Entretanto, sua história revela que apesar da escola não ter um lugar “fixo”, foi a instituição do bairro da Terra Firme que apresentou um dos melhores Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da região, conforme registrou segundo o IDEB, a escola conseguiu nota 5.5 para os anos iniciais (1º ao 5º ano) e 4.8 para as séries finais (6ª a 8ª) colocando a escola entre as três melhores coladas, e bem avaliada, a saber:

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) ainda não divulgou os detalhes sobre o Ensino Médio, mas é possível conferir as escolas estaduais com os melhores resultados no Ideb em Belém. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os três primeiros lugares são da **Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Malcher, com 5.5**; a Escola em Regime de Convênio de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima I, com 5.4, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental São Vicente, com 5.3. Nos anos finais do Ensino Fundamental, as três primeiras colocadas são a Escola Estadual de Ensino Fundamental São Vicente, com 4.8; **a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Celso Malcher, com 4.8**, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Inglês de Souza e a Escola Estadual de Ensino Fundamental XV de Outubro, com 4.2, cada (BELTÃO, 2016, p. 1).

O resultado se deve a muitos fatores, mas que revela o quão esta escola tem contribuído para o acesso e permanência na educação, mesmo com todas as adversidades educacionais existentes, apesar de nosso foco não ser o ensino

fundamental, destaca-se tal resultado pela importância que esses dados revelam para a escola e para a comunidade do entorno, pois mostra como a escola tem driblado as diversas situações vividas e mantido um bom rendimento, possibilitando que os jovens prossigam nos estudos em universidades públicas entre outras. Assim, cabe destaque à matéria jornalística frisando conquista de aluno da escola em processo seletivo à vaga em universidade:

Joelmir Rafael Vasconcelos chorava compulsivamente após ver seu nome no listão dos aprovados do curso de Filosofia. Aluno da escola estadual Dr. Celso Malcher, na Terra Firme, Joelmir contou que estudou apenas em casa e não frequentou cursos preparatórios. “Só estudava em casa e na escola. Não tinha auxílio de nada nem de ninguém. Estou muito feliz que não sei o que dizer. Valeu” (ORM, 2012).

Esse relato do jovem da matéria, e de outros tantos, aprovados ao longo dos anos, comprova como os estudantes da escola Celso Malcher têm conseguido romper a barreira da exclusão e marginalização social, esse furo às diversas marginalizações sofridas pelos jovens, fruto da falta de políticas públicas e cursos preparatório, não é, para eles, motivo de desânimo.

A Escola Celso Malcher, pertencente à comunidade do Bairro da Terra Firme, na cidade de Belém, Estado do Pará, tem uma história de luta de moradores e jovens, que vai desde a sua fundação até os atuais dias, sendo uma escola marcada por agentes mobilizadores que travam luta no que diz respeito à garantia dos direitos referentes à qualidade de ensino dos educandos e de seus profissionais da educação, haja vista existirem problemáticas referentes às condições mínimas para a efetivação da aprendizagem e desenvolvimento educacional.

3.3.1 Estrutura física

Segundo o site escolasecreches.com¹⁰, a instituição está em pleno funcionamento, tendo sua localização na zona urbana com administração estadual, não possuindo educação indígena, transporte escolar, dispondo o ensino regular fundamental de anos iniciais e finais e ensino médio, ocorrendo todos em meio período, a escola engloba ainda, a modalidade de educação de jovens e adultos (EJA) de forma presencial.

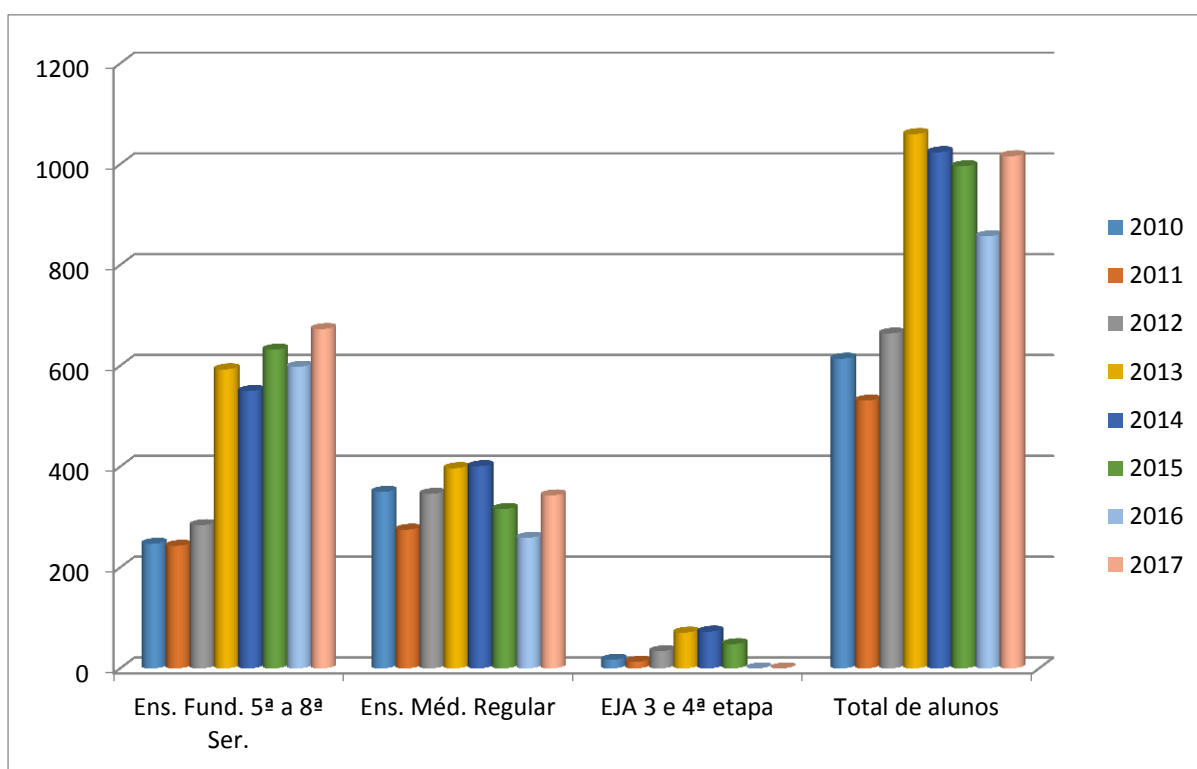
¹⁰<http://guia-para.escolasecreches.com.br/ensino-medio/ESCOLA-ESTADUAL-DOUTOR-CELSE-MALCHER-belem-belem-para-i15540405.h>.

No que refere-se à acessibilidade, há carência de recursos para atender aos educandos com deficiência, além de inadequações estruturais para garantir o direito de ir e vir dos educandos com autonomia e dignidade.

No que concerne às dependências físicas no atual prédio, existe internet banda larga, uma biblioteca, sala de leitura, quadra de esportes, um refeitório, secretária, diretoria, sala da coordenação pedagógica.

O quantitativo de alunos matriculados na escola é identificado no gráfico (gráfico 1) representando o número de alunos matriculados na escola entre o período de 2010 a 2017.

Gráfico – 1: Relação de Alunos Matriculados de 2010 a 2017



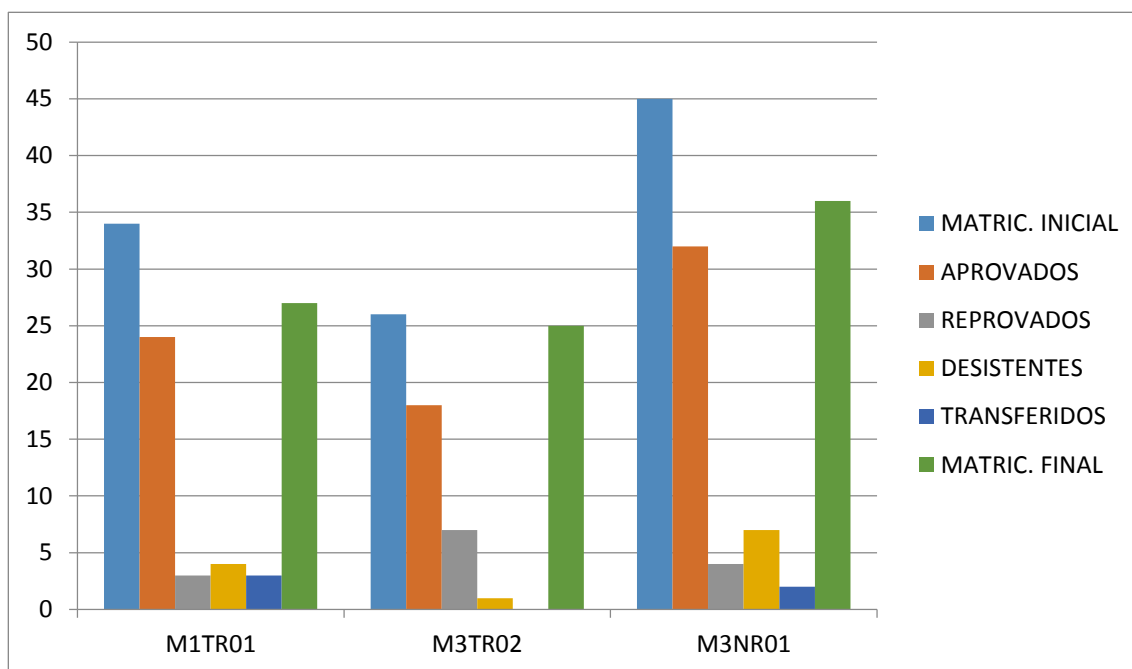
Fonte: Jesus (2017).

Foram feitas as matrículas de 6.762 alunos de 2010 a 2017 no Colégio Celso Malcher, em cima dos dados e o gráfico analisados, podemos verificar que de 2010 a 2011 houve uma queda de 13,51% em relação a esse período; já em 2012, houve um aumento de matriculados, cerca de 25%, em relação a 2011; no ano seguinte, em 2013, um grande salto no número de matrículas, um aumento de 59,63%, em relação a 2012; no ano seguinte, o número de matrículas permaneceu quase estável, com uma queda de 3,4% de matrículas, em relação a 2013; em 2015, outra

pequena queda de matriculados, cerca de 2,75%, em relação a 2014; assim como em 2016, que aconteceu o maior déficit de alunos matriculados, cerca de 13,96%, em relação a 2015 e, por fim, um novo aumento em 2017, com um percentual de 18,55%, em relação a 2016.

Assim, entre os anos de 2010 a 2017, a escola atendeu a 343 alunos do ensino médio, isso reforça a ideia que mesmo tendo várias problemáticas, manteve um grande número de alunos, entre eles, destacam-se os jovens que aparecem como multiplicadores e enfrentando as dificuldades existentes dentro de seus processos de escolarização.

Gráfico – 2: Relação de Alunos Matriculados, Aprovados, Reprovados, Desistentes (Evasão), Transferidos de 2016.



Fonte: Jesus (2016).

Podemos analisar no gráfico que o índice de alunos matriculados inicialmente nas três turmas foi de 105 alunos, onde destes, 88 finalizaram suas matrículas, cerca de 83,8% de alunos que continuaram matriculados; a baixa de alunos, cerca de 16,2%, foram de alunos desistentes e transferidos. Analisando também os dois primeiros gráficos, os da turma M1TR01 e M3TR02, o rendimento fica praticamente com as mesmas estatísticas do quadro geral, onde a turma M1TR01 tem um índice de 79,4% de alunos que finalizaram a matrícula sem pedir transferência ou de

alunos desistentes, a turma M3TR02 é melhor ainda, com um índice estatístico de 96,1% que finalizaram a matrícula.

Os dados apresentados reforçam a tese que temos defendido sobre a evasão escolar dos alunos que frequentam o ensino médio nas escolas de comunidades populares. Tal constatação não são indiferentes aos nossos olhos, os fatos para que isso ocorra são diversos, entretanto, é preciso buscar formas de compreender esse fenômeno, assim, como alternativas para o problema.

4 JUVENTUDE E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS DA PERIFERIA

Sonho

*Sonho
 Todo mundo tem
 Só que a maioria não sabe
 Que sonhar faz bem
 Um dia sonhei
 Mostrar meu talento
 Mas sonhar não é tudo na vida
 Só quando se cresce
 A gente vem aprender:
 Temos que tentar
 Até vencer.*

Ana Carolina Dantas (ex-aluna)

A concepção do que é ser jovem ou sobre o conceito de juventude perpassa ao longo da história por profícuos debates nas diversas esferas da vida, das políticas públicas e nos debates acadêmicos. Abramo (2014) destaca que as idades da vida estão envolvidas por um caráter biofísico das pessoas, ou seja, um corpo que ocupa um determinado lugar. Entretanto, segundo a autora, as concepções, significados e expectativas sobre os jovens são resultados dos meios culturais e processos históricos de cada sociedade, sofrendo deste modo várias transformações e compreensões conforme cada período, assim, ao falar de jovens, crianças, idosos e etc., se faz uma conexão entre as diversas gerações constituídas por diferentes culturas e sociedades, mas isso não significa dizer que os jovens de um mesmo período histórico terão os mesmos comportamentos e atitudes de forma homogênea, em outro texto escreve:

a condição juvenil refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, refere-se a uma dimensão histórico-geracional, ao passo que a situação dos jovens revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (ABRAMO, 2008, p. 43 *apud* ABRAMO, 2014, p. 54).

Conforme se vê nesta seção, a concepção de juventude está liga a várias outras categorias como classe, desigualdades sociais e etc., frutos de acirramento da divisão de classe no sistema capitalista que acabam determinando e influenciando a trajetória dos jovens, principalmente, dos jovens das camadas populares, filhos de mulheres e homens trabalhadores.

Deste modo, para Abramo (2014), falar de juventude é ao mesmo tempo compreender o processo geracional dos sujeitos em cada época, quem nunca escutou dos mais velhos a máxima “na minha época não era assim”, tal fato revela justamente a questão da geração, uma vez que remete a determinado tempo histórico em que o sujeito se socializou, situou no tempo e espaço pois, o sujeito “incorpora novos códigos e sentidos ao capital cultural da sociedade em que está inserido. Pois, pertencer a uma ou a outra geração significa acionar diferentes repertórios e dimensões da memória social” (ABRAMO, 2014, p. 13).

As formas de expressões dos jovens brasileiros, mas especificamente dos jovens das camadas populares, aqueles jovens que estudam, trabalham, têm filhos, por exemplo, é marcada por diferentes situações, desde as manifestações culturais, formas de pertencimentos a grupos de bairro e o processo de escolarização, ou seja, o seu percurso de escolarização formal é circunscrito por acontecimentos diversos, como pouco incentivos dos pais, falta de recursos para manter-se na escola, a conciliação trabalho e estudo e etc., porém, não anula a questão do Ser Jovem.

Ao falar do processo de escolarização dos jovens estudantes da escola Dr. Celso Malcher, no sentido formal, tem-se claro que o processo é marcado por diversos contextos e situações, assim, ligado a isso ressalta-se que:

Ao restringir o espaço de reflexão à escolarização formal, sujeitos e saberes estão claramente delimitados: professores e alunos e o conhecimento tido como “científico”. Sujeitos que ocupam lugares sociais delimitados e, desse modo, mais do que responderem por si mesmos, veiculam, através de suas falas, posturas e gestos, vozes sociais que expressam a história socialmente produzida desses lugares. O que se constitui como objeto do conhecimento, por sua vez, também veicula a nossa história e as formas pelas quais representamos simbolicamente o mundo em que vivemos, a realidade tanto física quanto social. Soma-se a isso o fato de que, juntamente com conhecimentos, são veiculados na ação pedagógica juízos de valor, crenças, preferências, qualificações e desqualificações, enfim, toda uma gama de conteúdos que dizem respeito aos sujeitos em relação e a forma como representam a realidade, os outros e a si mesmos (ZANELLA, 2008, p. 87).

Assim sendo, o conceito de escolarização é entendido como um processo de produção de referências sociais, culturais, econômicas e de políticas, sendo constituídas por vários sujeitos ao longo da história. Pois é fundamental entender que no processo de escolarização o sujeito é colocado frente a “todo” conhecimento produzido por mulheres e homens ao longo da história.

Nesta perspectiva, não única, a escola é o espaço onde estes sujeitos articulam, socializam e transmitem conhecimentos. Conforme se aponta nesta seção, o processo de escolarização dos jovens na escola básica pública brasileira é permeado por questões que envolvem relações diversas, como o de classe e as desigualdades existentes no Brasil.

Para pensar a escolarização, é preciso compreender suas demarcações e concepções, no que o desenvolvimento e as ações oficiais que mobiliza e aos sujeitos que são escolarizados, que o estudo trata-se dos jovens do ensino médio, especificamente, os estudantes do 3º ano da Escola Dr. Celso Malcher. Para Rodrigues (2010, p. 26) “a escolarização é um processo que se desenvolve socialmente e de diferentes formas. Entretanto, torna-se um fenômeno digno de estudo, tanto quanto suas condições de emergência e seus sujeitos”. Depreende-se que a escolarização é um processo dinâmico que varia conforme o tempo e o espaço, no caso da escolarização formal tem uma relação direta com a escola.

Segundo Dayrell (2007, p. 1114), “o jovem constitui-se como um ator plural, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos, expressando os mais diferentes modos de ser jovem”. Neste sentido, a juventude apresenta uma historicidade onde que:

o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais (CHARLOT, 2000, p. 31).

A compreensão e o sentido dados ao mundo, na perspectiva de Charlot (2000) são dadas pelos sujeitos, uma vez que estes não estão no mundo de forma isolada e apática aos fenômenos culturais, políticos, sociais e econômicos, os sujeitos acompanham as transformações na sociedade e nelas intervêm, ou seja, a história humana não é dada e sim, construída, logo, o ser humano também não é algo dado, e sim construído, isto é, processo de transformação.

Para Charlot (2000), a constituição do Ser, se dá na medida em que se constitui como humano. Hannah Arendt, na obra a condição humana, pontua que:

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam

incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso e da ação para se fazerem entender (ARENDT, 2010, p. 188).

Em Arendt, a condição humana é a pluralidade, ou seja, o homem é um sujeito de ação no mundo, na história, pois, cada sujeito é um potencializador de transformação e mudança. Este sujeito que não é algo dado e acabado tem a capacidade de agir, já que o sujeito vive numa constante relação humana, um com os outros, aqui e agora, nas relações sociais.

No contexto contemporâneo, os jovens estão cada vez mais suscetíveis às diversas transformações, muitas delas ligadas ao advento da globalização têm levado grandes mudanças em todas sociedades, no cenário brasileiro, por exemplo, essas alterações têm levado ao aparecimento das violências urbanas, que têm marcado sistematicamente a condição juvenil no Brasil, tais fatores se devem ao fato da juvenilização da criminalidade, principalmente dos jovens das camadas populares, estreitamente relacionado com a ampliação das fronteiras do mercado de drogas, assim como um maior controle do crime organizado nas comunidades populares. Segundo Peralva (1997, p. 23):

O novo significado dos estudos sobre juventude emerge ao que parece desse conjunto de transformações. Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação.

Deste modo, tais questões que norteiam a vida dos jovens das comunidades populares, têm contribuído para uma mau compreensão dos jovens aqui em destaque, assim como, para uma afirmação estereotipada desses sujeitos. Que mesmo aliados por parte do Estado de direitos fundamentais, como educação de qualidade, saúde, espaços culturais de lazer e etc., a partir de sua realidade aprendem, compartilham e trocam conhecimentos sobre os assuntos diversos, ainda que exista uma “cartografia da violência urbana” que afeta diretamente esses sujeitos, os jovens são agentes de transformação.

Entretanto, segundo Arroyo (2011, p. 225):

[...] são os mesmos vistos como incômodo nas cidades, nas ruas, nas manifestações culturais, até nas famílias. São adolescentes e jovens objeto de reportagens negativas na mídia e das ocorrências policiais. [...] são os destinatários de programas de emprego que lhe abram alguma perspectiva de futuro. São outros porque sem futuro, sem lugar.

Esses vários outros, são os diversos sujeitos que hoje adentram o espaço escolar, são jovens homossexuais, negros, indígenas, pessoas com deficiência, renda per capita inferior a um salário mínimo e etc., que por muito tempo ficaram fora do espaço escolar, por falta de políticas públicas que garantissem o acesso a este espaço de formação.

No caso dos jovens, especificamente no contexto escolar, para Dayrell (2007, p. 03) há “um contingente de alunos cada vez mais heterogêneo, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola”. Assim sendo, a escola ainda vive o dilema da adaptação aos novos sujeitos que hoje estão frequentando este espaço.

A maioria dos jovens que hoje estão na Escola Pública brasileira, além de encontrar todos esses desafios já postos no seu processo de escolarização, ainda encontra a invisibilidade dos seus traços e suas potencialidades, pois ele é visto apenas na sua condição de aluno, ou seja, este jovem é encoberto. Como muito bem escreveu o filósofo Latino, Dussel (1993) o “Encobrimento do Outro”, esse encobrimento do outro é fruto de uma modernidade colonizadora onde:

O ego moderno apareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, e sim como o Mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como “matéria” do ego moderno. E é assim como os europeus (ou os ingleses em particular) se transformaram [...] nos “missionários da civilização em todo o mundo”, em especial com “os povos bárbaros”. [A] Europa constituiu as outras culturas, mundos, pessoas como ob-jeto: como o “arrojado” (-jacere) “ante” (-ob) seus olhos. O “coberto” foi “descoberto”: ego cogito cogitatum, europeizado, porém imediatamente “en-coberto” como Outro. (DUSSEL, 1993, p. 46).

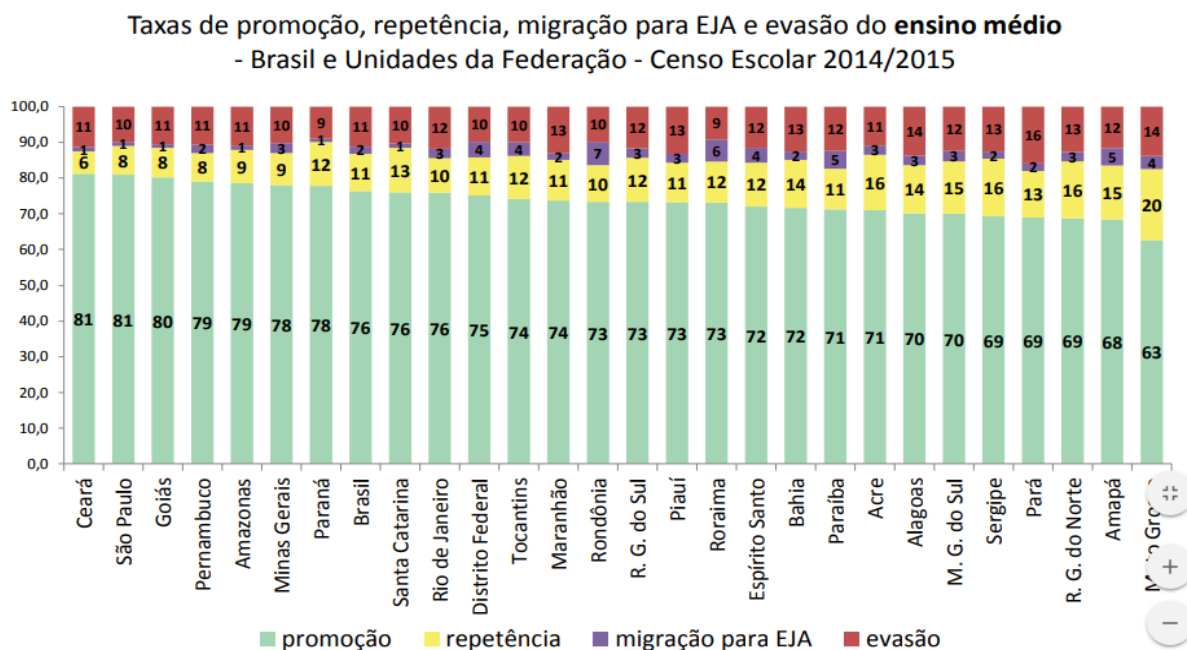
Ao lançar mão deste pensamento Dusseniano, busca-se explicar como o outro, estes outros sujeitos que chegam à escola são vistos, ou seja, são pessoas que vão ainda ser moldadas, segundo uma lógica já estabelecida, uma vez que não se reconhece os jovens como sujeitos de cultura, como detentores de

conhecimentos e experiências ricas de significados, eles são vistos como depositários de conhecimento/saber.

Nesta perspectiva, o outro é visto como culpado de sua própria condição de incapacidade, referendando a máxima “ele não se esforçou o suficiente”. Assim sendo, aos jovens das comunidades populares é negado reconhecimento como outro, sua condição de sujeito sociocultural, pois estes jovens em maioria são vistos apenas como trabalhadores, filhos de trabalhadores, consumidores, negros e etc.

A temática da juventude dentro do seu processo de escolarização da educação básica, precisamente no ensino médio, ainda é um desafio a ser enfrentado pelo sistema educacional brasileiro, em virtude do alto índice de evasão escolar dos jovens entre 15 e 17 anos, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2017) (gráfico 3), o índice de evasão no Estado do Pará, entre os anos de 2014 e 2015, correspondeu a um total de 16% no ensino médio.

Gráfico – 3: Dados INEP/evasão escolar do ensino médio



Fonte: BRASIL/INEP (2017).

Segundo os dados revelados pelo Inep (2017), o Estado do Pará, entre os estados da Federação, é o que apresenta o maior índice de Evasão Escolar no Ensino Médio, tais dados apontam para o atual descompasso da educação do Pará entre outros Estados no que diz respeito à juventude.

Deste modo, pode-se inferir que os principais sujeitos da evasão escolar são jovens moradores de bairros periféricos. Existindo deste modo uma contradição entre o fato real e o que assegura a legislação brasileira, pois conforme apregoa a própria lei, no caso específico, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo 2º, a educação visa ao exercício para a cidadania e a formação para o trabalho. Mas, a escola da periferia, no que tange a formação dos jovens, é vista como um lugar que forma pessoas de “segunda categoria”, quando muito destinada à mão obra barata.

Segundo Arroyo (1991, p. 21):

É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classe. As políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais.

Conforme apontará o tópico “Juventude e Classe”, a escola reflete em grande parte a divisão de Classe. Segundo Silva Filho e Araújo (2017), a escola pode ser responsável pelo fracasso ou sucesso dos estudantes que nela adentram, segundo os autores, os jovens do ensino médio são propensos a perder o entusiasmo pelos estudos com muita falibilidade, assim sendo, autores constataam que falar da evasão dos jovens é assunto muito complexo, dinâmico e cumulativo, e assim pontuam:

várias formas de interpretação não permitem definir exatamente “evasão e abandono escolar”. A diversidade de conceituação atrapalha a quantificação precisa dos casos, dificultando o estudo das causas e dos princípios que podem levar a alternativas claras e objetivas para superação desse problema que perdura até hoje. É basilar a compressão das relações entre os motivos de ingresso e a trajetória dos permanentes, dos desistentes e egressos desse público, dentre muitas outras questões (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p. 37).

Quando se trata da evasão escolar e abandono da escola pelos estudantes do Ensino Médio, principalmente dos jovens das comunidades populares, entende-se que isto acontece, entre outros fatores, pela necessidade dos jovens terem de realizar outras atividades, não sendo, portanto, compatível o seu horário com o horário da escola, deste modo, o estudante tende a evadir-se ou abandonar a escola. Este problema afeta todo o sistema educacional brasileiro, em muitos casos,

passa despercebido o grande número de jovens que entram e não permanecem na escola básica.

Esta realidade, que salta aos olhos dos pesquisadores e outros sujeitos preocupados com a educação, há anos alerta para a necessidade da escola garantir o sucesso e a permanência destes jovens nos seus espaços com garantia de aprendizagem, já que

fatores intrínsecos e extrínsecos à escola, como drogas, sucessivas reprovações, prostituição, falta de incentivo da família e da escola, necessidade de trabalhar, excesso de conteúdos escolar, alcoolismo, vandalismo, falta de formação de valores e preparo para o mundo do trabalho influenciam diretamente nas atitudes dos alunos que se afastam da escola. Esses obstáculos, considerados, na maioria das vezes, intransponíveis para milhares de jovens, engrossam o desemprego ou os contingentes de mão de obra barata. (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p. 39).

Todos esses fatores elencados pelos autores estão estreitamente relacionados com as realidades dos jovens das camadas populares. Conforme já salientado, os jovens que mais abandonam e evadem-se da escola pública são os jovens que apresentam renda per capita inferior a um salário mínimo, e na maioria, os pais não concluíram a etapa da educação básica, uma vez que o Brasil é historicamente um país desigual, com uma mau destruição de renda entre todos os brasileiros, demarcando forte desigualdade.

Segundo dados do Mapa da Exclusão Social do estado do Pará, do ano de 2017, produzido pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas – Fapespa, que analisa os dados dos anos 2015 e 2016, constata-se que:

a Taxa de Abandono Total se apresenta em quantitativo significativamente superior para o ensino médio em relação ao fundamental, apesar de sua redução em 1,17 p.p., entre os anos de 2015 e 2016. Esse fato está diretamente relacionado aos contextos socioeconômicos em que muitos adolescentes e/ou jovens vivem. Trata-se de faixas etárias em que estão fortemente presentes fatores como inserção no mercado de trabalho, gravidez e constituição familiar precoce, ligação com a criminalidade e uso de drogas, além da falta de organização familiar e condição social precária em que muitos estão inseridos, o que influencia consideravelmente para outras escolhas em detrimento da escola (FAPESPA, 2017, p. 27).

Esses dados reforçam o que se tem afirmado ao longo deste texto, que as desigualdades sociais são um dos principais problemas que afetam os jovens das camadas populares, uma vez que são os principais atingidos no seu processo de escolarização. Assim sendo, compreende-se como evasão escolar, o processo em

que o estudante sai da escola e não retorna mais à instituição como aluno matriculado. Já o abandono acontece quando o discente desliga-se da escola e retorna nos anos seguintes. Entretanto, a diferença entre os dois conceitos, está longe de ser consenso entre os estudiosos da temática.

A escola pública brasileira na maioria dos casos não consegue uma articulação entre a realidade dos seus educandos, em vista a formação para a cidadania com os conteúdos escolares em relação ao mundo do trabalho e prosseguimento dos estudos em nível universitário, como prevê a constituição no artigo 205. Deste modo, é preciso no que tange à relação juventude e escola, repensar o modelo educativo com o intuito de auxiliar os jovens nos novos desafios da realidade brasileira. Além dessas contradições, existe uma visão negativa em relação à juventude e à educação, por conseguinte, em relação à escola.

Assim, Para Dayrell (2007), os estudos sobre a juventude e a escola, na maioria das vezes, inclina-se para uma visão apocalíptica, referente ao fracasso da instituição escolar entre seus pares, ainda destacando que:

para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretenso individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma **crise da escola** na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 2007, p. 1105).

Nesta perspectiva, a conexão entre escola e juventude é processo complexo e que necessariamente o cerne problemático não é concernente apenas às relações entre educando, professor e família. O debate vai além de tal relação, já que faz-se necessário entender o contexto histórico, social, cultural e o que propõem a escola aos estudantes do ensino médio.

Ainda segundo Dayrell (2007), é preciso compreender as diferentes transformações pelas quais a juventude atual tem passado, isso revela que, suas demandas e necessidades próprias precisam ser problematizadas para podermos entender as práticas simbólicas e suas manifestações juvenis.

No contexto educacional brasileiro ainda tem-se vigente prática de pensar educação pautada na adequação dos jovens ao modelo educacional de acordo com a concepção dominante vigente. Entretanto, é preciso repensar esse modo de fazer

educação. É preciso “uma mudança do eixo da reflexão, passando das instituições educativas para os sujeitos jovens, onde é a escola que tem de ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca” (DAYRELL, 2007, p. 1107).

Neste caminho, autores como Ferrett, Zibas e Tartuce (2004) têm destacado que já existem documentos oficiais que explicitam a necessidade da valorização e participação dos jovens no cotidiano da escola, dentre os documentos, citamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM, segundo os autores, constituem o meio legal mais importante para a difusão do protagonismo juvenil no ensino médio, pois, é por meio dessa participação que as unidades escolares tornam sua gestão mais democrática e conseguem efetivar sua função, com isso, possibilitando um espaço pedagógico mais atraente e provocador para os jovens, tendo em vista o desenvolvimento acadêmico, social e afetivo.

Tais questões, levam a refletir sobre a importância de estudos que compreendam essa parcela da sociedade brasileira, no caso, aqui, a juventude da Escola Celso Malcher, localizada no bairro da Terra Firme.

Tomando como referência Frigotto (2004), afirma-se que a juventude aqui estudada tem rosto muito bem definido, pois, são sujeitos que pertencem a uma divisão de classe ou fração de classe muito demarcada na sociedade brasileira, pois são filhos e filhas de pessoa assalariadas, desempregadas, autônomas, que em muitos casos, vivem em situações precárias de vida, assim como aponta Frigotto (2004, p. 181):

Os jovens que nos referimos nesta análise têm “rosto definido”. Pertencem a classe ou fração de classe de filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida de forma precária por conta própria, no campo ou na cidade, em regiões diversas e com particularidades sócio cultural e étnicas. Compõe esse universo seus milhões de crianças e jovens que têm inserção precoce no mundo do emprego ou subemprego. Inserção que não é sua escolha, mais uma imposição de sua origem social e do tipo de sociedade que se construiu no Brasil.

Tem-se ao longo deste texto, tentado demarcar estreita relação entre juventude e classe, uma vez que, compreendemos que os jovens que vivem nas camadas populares, em muitos casos, aliados de direitos fundamentais, como uma educação de qualidade, por exemplo. Por outro lado, conforme ponderamos, os jovens que residem nessas localidades são os que mais evadem e abandonam a escola básica, isto muito relacionado à questão do trabalho e à mão de obra barata.

Pois, numa escolha entre ter que trabalhar e estudar, vence a lógica do trabalho, ou seja, uma lógica de mercado, empresarial, que vê nesses jovens a possibilidade colocá-los em postos de trabalhos subalternizados, com pouca valorização e recompensa financeira.

4.1 JUVENTUDE E CLASSE

Discutir juventude no contexto da realidade amazônica, como recorte o bairro da Terra Firme, no Estado do Pará, nos leva a pensar em torno do conceito de Classe e, inevitavelmente, a relação Juventude e Classe. Isso se deve ao fato da juventude de comunidades populares viver em uma realidade marcada por contrastes sociais, com peculiaridades próprias e profundas desigualdades sociais. A realidade e singularidades da juventude paraense circundam às margens de uma região periférica, de um país capitalista também periférico, com grandes problemas estruturais e conjecturais da realidade social amazônica (ALVES; ARAÚJO, 2017).

Deste modo, os problemas micros e macros estruturais e conjecturais da realidade amazônica tendem impactar diretamente o modo de vida dos jovens dessa região do país, uma vez que a condição social tende influenciar nos projetos e sonhos de parte dessa camada social da população brasileira, ou seja, na realidade de jovens filhos de trabalhadores, ou melhor, da classe operária uma vez que tais posições de classe são definidas social e historicamente onde, segundo Ianni (1968, p. 240 *apud* SILVA, 2008, p. 272):

o jovem não é visto abstratamente, desvinculado do universo econômico e sócio-cultural em que se produz, mas exatamente em conexão com esse universo, conforme ele afeta a consciência da situação da própria pessoa, da classe social e da sociedade global.

O jovem vive as questões econômicas e socioculturais, pelo fato de estar presente e atuante na sociedade, entretanto, não é ele objeto das questões econômicas e culturais, pelo contrário, ao tratamos da juventude de comunidades populares, infere-se que estes jovens são alijados desses bens produzidos por homens e mulheres ao longo dos séculos. Mas isso não quer dizer que estes jovens não tenham consciência da sua própria condição social e não criem alternativas culturais emergidas de sua própria realidade. O universo cultural da juventude de

comunidades populares é vasto e rico, uma vez que ele cria e recria, conforme condições existentes. Nas palavras de Silva (2008, p. 272), “o homem faz-se a si mesmo, em certo contexto, sob certas condições e com diferentes perspectivas”.

Neste sentido, o jovem que vive a realidade das comunidades populares, enfrenta diariamente as segregações e divisões de classes, criadas e mantidas pelo sistema capitalista que exclui e segrega. Entender a juventude e a classe é compreender as categorias que as permeiam.

O conceito de Classe é de fundamental importância na filosofia Marxista para entender as relações sociais a partir do advento do capitalismo, do mesmo modo, a relevância desse termo se deve ao fato de, neste conceito, está cunhada a ideia de divisão entre proletariado e burguesia, ou seja, classe dominante e classe dominada. Mostrando a fase embrionária do capitalismo, e as lutas de classe das sociedades modernas, Marx e Engels na abertura do Manifesto do Partido Comunista (2006, p. 84) afirmam que “A história de todas as sociedades que existiram até hoje tem sido a história das lutas de classes”.

Neste sentido, as sociedades são marcadas por forças e lutas entre dominados e dominantes, em que as lutas são eminentes. Vale lembrar que:

o conceito de classe tem uma importância capital na teoria marxista, conquanto nem Marx nem Engels jamais o tenham formulado de maneira sistemática. Num certo sentido, ele foi o ponto de partida de toda a teoria de Marx, pois foi a descoberta do proletariado como “a ideia no próprio real” – uma nova força política engajada em uma luta pela emancipação – que fez Marx voltar-se diretamente para a análise da estrutura econômica das sociedades modernas e de seu processo de desenvolvimento (BOTTOMORE, 2001, p. 61).

A ideia de classe para Marx está associada às posições que os sujeitos ocupam na sociedade. Soeiro, Ferreira e Mineiro (2012), destacam que estas posições sociais estão ligadas aos meios de produção, revelando-se na divisão da sociedade. Por um lado, o proletariado é que emprega a força do trabalho disponibilizada pelos meios de produção controlados pela burguesia. Deste modo, pontuam os autores que a relação de classes é antagônica e conflitante ratificada na posse ou dependência dos meios de produção.

E assim, clarificar a relação entre classes e no resulta esta relação, vale, então:

Ter em conta a diversidade de recursos e capitais permite tomar a grelha das classes como fonte de questionamento das múltiplas desigualdades. Proporciona, ainda, uma visão sobre a pobreza da juventude e sobre as suas desigualdades de classe que contraria a visão homogeneizante de uma “classe geracional”, chamando a atenção para a presença de várias situações que fazem com que diferentes juventudes estejam em condições desiguais no que toca ao trabalho e ao rendimento (SOEIRO; FERREIRA; MINEIRO, 2012, p. 19).

Os jovens das camadas populares que estão nessa situação de desigualdade social são em maioria, jovens que vivem uma realidade diversa em relação ao trabalho, educação e acesso à cultura, por exemplo. As origens das desigualdades são reflexos da má distribuição da renda entre a população brasileira, deste modo, tais fatores contribuem para ratificar a existência de grupos vulneráveis de maneira social, cultural e política, levando a existência de realidades diferentes em um espaço, a exemplo, o Bairro da Terra Firme.

Na obra *Ideologia Alemã*, fica nítido o conceito de classe dominante, definindo-a como aquela que detém toda força material de uma sociedade:

As ideias da classe dominante são, em qualquer época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material tem controle sobre os meios da produção intelectual (MARX, ENGELS, 2007, p. 47).

Para Bottomore (2001) a expressão classe dominante expressa dois sentidos importantes para Marx e Engels. Primeiro que este conceito remete à compreensão da existência de um grupo dominante em função da posição econômica, que por sua vez, domina todos os aspectos da vida, das relações sociais e intelectual, uma vez que, quem domina os meios de produção também detém o poder sobre a produção intelectual ou influência. Isto é, impõe as ideias dominantes por possuir a força material e intelectual, por dispor dos meios de produção intelectual.

Um segundo aspecto levantado pelo autor, é a dominação dessa classe dominante do Estado, pois, para manter e reproduzir os modos de produção e as formas de sociedades existentes, ela precisa ter o controle do Estado.

Assim, a pecha existente entre classes evidencia que:

a burguesia, a partir do estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O governo moderno não é senão um comitê para

gerir os negócios comuns de toda classe burguesa. (MARX; ENGELS, 2006, p. 86).

Nesta perspectiva, a classe dominante para Marx e Engels por meio do poder e influência sobre o Estado acaba por dominar politicamente dominá-lo. Deste modo, este torna-se subalterno aos interesses da classe dominante, como por exemplo, a educação. Uma educação que sirva aos interesses da burguesia e não dos trabalhadores. Por esta razão, para Marx e Engels, o surgimento das classes está diretamente ligado às origens das sociedades capitalistas. Pois, pelo controle dos meios de produção, as classes dominantes influenciam em todos meios sociais da sociedade, essa hegemonia concretizara-se por meio da educação.

Assim,

desde o princípio viu-se que o ensino podia converter-se em um dos meios fundamentais de dominação ideológica e, portanto, em um instrumento essencial para alcançar e consolidar a hegemonia da classe no poder. O estado de classe estava intimamente ligado ao ensino de classe. Ainda que não sem tensões, o aparato escolar se convertia em um apêndice da classe dominante. As instituições tradicionais da sociedade pré-capitalista europeia, a família, o grêmio, a Igreja, entram em decadência e algumas - o grêmio - desaparecem (LOMBARDI, 2011, p. 17).

Destaca-se, neste sentido, a dualidade existente advinda da divisão social do trabalho e da divisão social do conhecimento. Assim como sua relação com a educação da classe trabalhadora, e de seus filhos. A divisão radical entre os tipos de trabalho e de conhecimento, ou seja, os tipos de aprendizagem disponíveis a cada sujeito constituído historicamente, numa sociedade dividida em classes.

Essa relação dual atinge diretamente o processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. Assim sendo, compreende-se a divisão social do trabalho, a forma como as sociedades ao longo da história organizaram e distribuem o trabalho entre seus pares.

Ainda, aprofundando-se nesta forma de trato da relação entre classes alinhavadas na produção material e do conhecimento, merece-se destacar que

A divisão do trabalho é, historicamente, exigida pelo processo do trabalho manufatureiro ou industrial. O desenvolvimento da máquina incorpora a esta a habilidade do ofício e os conhecimentos que antes residiam no - e eram possessão do - trabalhador. Desta forma, a ciência e os conhecimentos passam a ser propriedade do capital, e o trabalhador se encontra enfrentando-os (LOMBARDI, 2011, p. 09).

Assim, há existência de dualidade educacional, ou seja, a voltada para a dominação e transmissão do conhecimento da classe burguesa, e a outra para as camadas populares, uma vez que a educação dada aos filhos e filhas dos trabalhadores é a educação para o trabalho e consolidação de um sistema de dominação, acentuada pela divisão de classes.

Ao considerar-se tal assertiva, compreende-se que a formação do jovem está intimamente ligada à concepção de classe. Conforme acentua Corti (2014, p. 324) “Os alunos constroem sentidos a partir de sua *situação de classe*, raça, gênero, orientação sexual, religião e situação familiar”. Nesta perspectiva, os jovens das camadas populares formam-se e constroem-se a partir de uma lógica de classe. Não no sentido de uma classe já dada, mas no sentido de uma constante construção, ou seja, de uma relação social histórica.

Os jovens das comunidades populares, aqueles jovens que estudam e trabalham para auxiliar ou manter suas famílias financeiramente, são sujeitos moldados por uma lógica do capital, que é a lógica do trabalho. Quando um jovem fala em trabalho, está pensando na possibilidade de ascensão social como possibilidade de sobrevivência.

Este resultado é fruto das desigualdades existentes na sociedade motivadas pela má distribuição de riquezas e bens materiais a jovens das camadas populares. Ao analisar esse contexto, compreende-se o jovem como resultado de construção histórica, conforme cada período histórico. Assim, quando se fala de jovens das camadas populares, se está falando de uma juventude que em maioria, trabalha e estuda.

Para ratificar essa ideia de uma parcela da juventude que estuda e trabalha, citamos fato ocorrido em dois momentos de ida à escola para a coleta das entrevistas: encontro de uma jovem que foi à escola deixar um trabalho escolar.

Ao se trabalhar neste estudo a ideia de juventude e classe, recorre-se a compreensão de juventude como uma categoria social, que na perspectiva de Groppo (2004), a juventude é vista como uma categoria social, sendo que está intimamente ligada a uma concepção que classifica, normatiza comportamento e define direitos e deveres. Essa concepção paira em duas vertentes, uma é o imaginário social e a outra é a rede de sociabilidade.

Assim sendo, a juventude diverge de um processo natural, tal como escreve Groppo (2004, p. 11):

Juventude é, sobretudo, uma categoria social e não uma característica natural do indivíduo. Na modernidade, a juventude tende a ser uma categoria social derivada da interpretação sócio-cultural dos significados da puberdade, este sim, um fenômeno natural e universal que, no entanto, pode adquirir pouca importância conforme a sociedade em que ocorre.

Ao relacionar juventude e classe caminha-se para a importância da relação entre essas categorias, para Groppo, na análise social e histórica é necessário abordar o conceito de juventude com outras categorias sociais, como classe, nacionalidade e etc. Pois, ao fazer o entrelace entre a juventude com outras categorias sociais, como por exemplo, classe, pode-se inferir que não existe juventude, e sim juventudes no sentido da multiplicidade e diversidade. Por esta ótica, não uma juventude no singular, ou seja, única. Mas, pelo contrário, uma pluralidade de juventudes.

E, sobre isso, cabe entender então, que as juventudes são:

[...] contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (*origem de classe (grifo nosso)* e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares, etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude. Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural em que se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente (CARRANO; DAYRELL, 2013, p. 15).

É necessário, atentar-se para não reduzir o conceito de juventude a uma passagem. E assim, afirmar a ideia de que a juventude constitui um momento determinado, assumindo importância em cada período histórico, em cada época, e em cada sociedade.

De acordo Carrano e Dayerll (2014) é nessa dinâmica que o indivíduo (o jovem) vai se descobrindo e revelando as múltiplas possibilidades e inserção social em todas as esferas da vida. Logo, quando se trata a relação juventude e classe e a relação educacional, entende-se que a elite não preza por um sistema educacional para as camadas populares.

Segundo Frigotto (2008, p. 19):

à burguesia brasileira nunca se colocou de fato o projeto de uma escolaridade básica e formação técnico-profissional, como direito social e subjetivo para a maioria dos trabalhadores e para prepará-los para o trabalho complexo que a tornasse, enquanto classe detentora do capital, em condições de concorrer com o capitalismo central.

Assim, na lógica do capital, a juventude das camadas populares é vista como futura mão de obra barata para a indústria, ou melhor, para o trabalho subalterno, uma vez que a educação da elite formará os seus (também jovens) para os postos de mando, nesta lógica de produção.

Tão logo, buscar compreender essa relação dual, possibilita inferir com é possível uma lógica de segregação dentro de um sistema educacional que deveria possibilitar educação para todos, indistintamente.

Deste modo, em variadas faces, a educação serve ao interesse da classe dominante. Assim sendo, destacamos o porquê, trabalha-se essa relação juventude e classe. Onde a ideia é evidenciar, entre outras coisas:

[...] sujeitos sem rosto, sem história sem origem de classe ou fração de classe. Os sujeitos a que nos referimos são predominantemente jovens e, em menor número, adultos, de classe popular, filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida de forma precária por conta própria, do campo e da cidade, de regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2004, p. 57).

Os jovens das camadas populares na maioria são sujeitos alijados direitos fundamentais, como o direito a uma educação de qualidade, por este motivo, quando se refere aos estudantes jovens da Escola Dr. Celso Malcher, está se referindo a uma parcela dessa juventude que busca educação de qualidade e acesso aos bens produzidos historicamente por mulheres e homens ao longo da história. Onde só com o acesso a esses bens é possível uma mudança na lógica da relação de classe, entre o dominante e o dominado, pois a juventude da classe trabalhadora torna-se, no sistema capitalista, desprovida de seus próprios direitos ora garantidos na Constituição Federal.

4.1.1 Juventude e construções conceituais: um olhar sobre as definições de juventude(s)

O tema Juventude alcançou, nas últimas décadas, ampla importância no âmbito acadêmico e social, e compondo-se em notável objeto de estudos e pesquisas, sendo ao mesmo tempo um segmento populacional marcante para o debate das políticas públicas no cenário brasileiro. Essa evidência traz como consequência diferentes preocupações, significações e desafios referentes ao tratamento do tema e na relação com este segmento populacional.

Portanto, é necessário esclarecer o marco conceitual referente ao que é ser Jovem dentro de uma sociedade específica e marcada historicamente por visão negativa sobre esse indivíduo. Além de possuir culturas diversificadas e a característica específica de estar intimamente ligada à condição vulnerabilidade social, entre outras coisas, é ocasionada por sua grande concentração nas periferias brasileiras sejam nas pequenas, médias cidades ou grandes metrópoles, neste caso, aqui, a juventude do bairro da Terra firme, em Belém do Pará.

Debater o tema juventude é um caminho com muitos vieses. Portanto,

[...] do ponto de vista das políticas de juventude, a visibilidade que ocorre origina-se, sobretudo, dos adolescentes pobres, em situação de rua ou em conflito com a lei. Essa visibilidade, agravada por um clima de insegurança social, engendra demandas de controle e de disciplinamento da conduta desses jovens. Talvez essa seja uma forte razão para a demora na constituição de um discurso público favorável às políticas de juventude, capaz de romper com a associação entre juventude, vulnerabilidade, risco e violência, inserindo-o na esfera dos direitos das múltiplas cidadanias (SPOSITO; SILVA; SOUZA, 2006, p. 243).

Nessa perspectiva, falar da juventude das comunidades populares, é pensar como os jovens que as compõem são vistos pelos governos. Comumente em situação de risco e violência. Sendo assim, a maioria das ações pensadas para esses jovens, parte do princípio da ocupação do seu tempo livre (como, por exemplo, o Mais Educação), entretanto, essas ações são pensadas de cima para baixo, levando em consideração que jovens de periferia precisam ser, e não ele mesmo pensar o que quer ser, logo, essas ações não propiciam a esses jovens espaços de visibilidade positiva da sua condição juvenil, como sujeito capaz de articular-se e tomar posições em face de sua realidade.

A discussão sobre a temática chama a atenção para:

Problemas reais, identificados principalmente na área da saúde, da segurança pública, do trabalho e do emprego, dão a materialidade imediata para se pensar as políticas de juventude sob a égide dos problemas sociais

a serem combatidos. Nesse processo é possível reconhecer que, em muitas formulações, a própria condição juvenil se apresenta como um elemento problemático em si mesmo, requerendo, portanto, estratégias de enfrentamento dos “problemas da juventude”. Isso se expressa, por exemplo, na criação de programas esportivos, culturais e de trabalho orientados para o controle social do tempo livre dos jovens, destinados especialmente aos moradores dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras (SPÓSITO; CARRANO, 2003, p. 21).

Neste sentido, a lógica da compreensão dos jovens das comunidades populares, e as formulações das ações, estão embasadas na ideia de que muitos dos jovens das periferias são sujeitos em potencial para a criminalidade, logo, ele precisa de um emprego e de outra ocupação na tentativa de acabar com a falsa ideia do “tempo livre” ou ainda, criar-se mecanismos de orientação desses jovens, pensados a partir da visão negativa da juventude.

Um debate importante diz respeito à visão negativa que se tem das periferias, tachado de lugar violento, pobre e onde seus jovens não têm perspectiva. Barbosa (2010) chama atenção para ideia pejorativa que envolve a concepção de periferia. Na contramão disso, outra sua visão traz a tona que:

A palavra periferia não dá conta da riqueza cultural, da sociabilidade, das lutas de movimentos sociais e da luta pela efetivação de direitos. Além do que, a desigualdade social também está presente nos centros das metrópoles. Periferia seria o território situado ao redor do centro. Mas, geralmente, essa dimensão geográfica dá lugar ao conceito de comunidade distante de tudo, inclusive da cidadania, do Estado, da ordem... tratada de forma generalizada como pobre, sem futuro e distante dos marcos civilizatórios (BARBOSA, 2016, p. 1).

Logo então, para o autor, as periferias devem ser vistas como “Espaço Popular”, pela vasta riqueza cultural que apresenta vista de diferentes formas e maneiras, no caso da Terra Firme, basta olhar à existência dos variados grupos e coletivos, movimentos de juventude que dão vida ao bairro, isso reafirma nossos objetivos nessa dissertação que é analisar o processo de escolarização dos jovens do ensino médio, moradores das camadas populares e estudantes da escola Celso Malcher em relação a sua formação. Tendo como recortes específicos: Identificar a construção histórica da escola, seus dilemas e desafios; constatar as estratégias de enfrentamento que os jovens usam para contornar os problemas sociais no seu processo de escolarização; investigar quais as problemáticas os jovens enfrentam na escola Celso Malcher.

Para iniciar o debate direcionado à juventude, é necessário entender primeiramente as discussões referentes a: o que é ser jovem? E como foi construído o conceito de juventude, destacando as visões defendidas por diferentes autores que pesquisam sobre essa temática, e quais dessas, melhor se adequam à proposta desta pesquisa.

Desde os gregos, busca-se compreender os jovens. Tanto que ao recorrer à etimologia do termo, encontra-se como definição de Jovem “aquele que está em plena força de idade”. Novaes e Vennuchi (2004) ao tratarem desta terminologia apontam que a palavra jovem vem do grego *aeoum* cujo significado destacou-se anteriormente. Esta compreensão de juventude, clássica entre os gregos, nos remete à possibilidade de compreender o conceito de juventude, isto é, compreender a multiplicidade na unidade.

Deste modo, ao longo da história, o conceito de juventude vem tomando diversos significados. O filósofo e ex-ministro da educação do Governo Dilma, Renato Janine Ribeiro (2004) destaca que desde meados do século XX a juventude tem sido tomada em duas polaridades, isto é, forças antagônicas, de um lado a juventude aliada à concepção de revolução, basta lembrar a atuação da juventude pela redemocratização do país durante o período da Ditadura Civil-Militar e outros momentos da história que a juventude é protagonista. Mas, por outro lado, a juventude também é tomada como grande “sacada” dos anúncios e propagandas de marketing e publicidade, ou seja, nas palavras de Janine (2004, p. 24) “procura seduzir o seu público fazendo-o Jovem”. Nesta perspectiva antagônica, a juventude é compreendida por um lado como revolucionária de sua época, mas também, como matéria de consumo.

Averiguando os referenciais e os marcos legais, referentes à juventude, pode-se destacar o que é juventude ou jovem, primeiramente valendo-se do método objetivo da idade, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a Organização Mundial da Saúde (OMS) (1990), o Ministério da Saúde (MS) (1989) delimitam a juventude dos 15 aos 24 anos (ASSIS *et al.*, 2005), nas leis mais recente do Brasil, no caso específico, o Estatuto da juventude, lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, em seu § 1º do seu art.1º diz que “para efeitos desta lei, são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”. Entretanto, esse é apenas um requisito que por si só não dá conta do debate.

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, é um marco entre as leis voltadas para as crianças e adolescentes, sendo fruto de lutas e movimentos sociais, pois até então, o único documento legal que citava esse grupo populacional era o Estatuto de Menores, de 1927, o qual não entendia a criança e o adolescente como sujeito de direitos, e na sua situação de condição peculiar de desenvolvimento, ou seja, o ECA resguarda e prioriza todos os direitos referentes à saúde, lazer, liberdade de expressão, educação, convívio social, segurança entre outros. Que iniciam desde a vida uterina da criança até a adolescência, estendendo essa obrigação à família, Estado e comunidade. Para efeitos de aplicação da lei, o ECA considera como adolescente o sujeito de 12 a 18 anos, ou seja, o início da juventude.

Ao analisar diferentes concepções sobre a juventude presente no cotidiano da sociedade brasileira, deparamo-nos com visões que na maioria das vezes não conseguem enxergar o jovem como protagonista, ou seja, como um sujeito capaz de ser agente de transformações na sociedade, pois, comumente vê-se o jovem dentro de um padrão fechado, associando a juventude à noção de crise, irresponsabilidade e problema social.

O olhar sobre as diferentes concepções do que é juventude é perceptível na fala do Secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), D. Dimas Lara Barbosa, na abertura do seminário JUVENTUDES: POSSIBILIDADES E LIMITES, realizado em 9 de novembro de 2009, que apresenta algumas reflexões dos resultados de uma pesquisa feita no Rio de Janeiro, sobre o que se entende por juventude:

Então se dizia o que alguns pensam: juventude é igual à rebeldia, inconstância, irresponsabilidade; outros pensam juventude igual a perigo, juventude associada com drogas, violência, delinquência. Outros, ao contrário, pensam juventude como a idade ideal. Todo mundo quer ser jovem, não é? E daí, toda uma indústria voltada para disfarçar a idade... A gente se acostuma, depois de certa idade, a considerar falta de delicadeza perguntar qual ela é, não é? Então, é toda uma indústria voltada justamente para a preservação da idade, ao menos na sua aparência. Outros veem os jovens como sendo o futuro. O futuro do Brasil é de vocês. E, finalmente, a conclusão de que a juventude, na realidade, não é o futuro, ela é o hoje. E é assim que ela deve ser considerada. Claro que o futuro também é importante, mas a juventude é chamada a ser protagonista da sua própria história no hoje (BARBOSA, 2011, p.14).

Com isso, observa-se que a partir das reflexões citadas por Dom Dimas Lara Barbosa, é exposto percepções diversificadas ao trato do conceito de juventude, podendo ser identificadas: a) uma juventude rebelde e inconstante; b) juventude sinônimo de perigo; c) juventude ligada a drogas; d) juventude idade ideal; e) juventude como futuro; f) juventude como sendo o hoje. Assim, essas construções sociais perpassam por questões históricas, sociais e expressões de vida que na maioria dos casos rotulam o termo juventude sem debater o contexto no qual essa juventude ou juventudes estão inseridas nos processos históricos de sua sociedade, e sua importância para construção e mudanças de sua comunidade, não apenas para o futuro, mas como frisa D. Dimas Lara Barbosa, a juventude como sendo o hoje vivendo o esse momento.

Corroborando este debate, destacam-se outras três visões referentes ao que é ser jovem no cotidiano:

Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações do presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade [...]; uma visão romântica da juventude que veio se cristalizando a partir dos anos de 1960, resultado, entre outros fatores, do florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens, que se traduziu, em modas, adornos, locais de lazer, música, revistas e etc. [...]; a juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade. Ligada a essa ideia, existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora (DAYRELL, 2003, p. 40-41).

Com isso, as três visões mostradas pelo autor revelam a necessidade de se pensar de forma crítica o que vem a ser juventude, pois como se pode identificar, há três construções sociais do cotidiano diferentes que enfatizam lados negativos do que é ser jovem, já que, segundo o autor, essas visões destacam algo que falta para um modelo ideal de jovem. Reforçando a ideia de que jovem ou juventude são uma preparação para o futuro, desconsiderando-os para vivenciar o hoje. Perceber que há “[...] necessidade de deixar de olhar o jovem e juventude como segmento a ser construído e passar a olhá-los como atores concretos, com demandas e necessidades de vivência do tempo presente [...]” (SILVA, 2013, p. 4), e assim, tornando-se corresponsáveis pelas mudanças referentes às transformações para uma sociedade mais justa.

Desse modo, entende-se que existe um olhar sobre o que é ser jovem no imaginário das pessoas e do próprio jovem, os quais constroem padrões de representações que podem ser positivas ou negativas dependendo do parâmetro adotado. Sendo a positiva, a que gera uma indústria que investe maciçamente em produtos para contemplar essa categoria e de alguma forma prolongar ou retardar a velhice, tais como produtos de beleza, por exemplo. Pelo lado negativo, uma mídia que reforça a todo custo nos meios de comunicação de massa uma representação de juventude problemática que desconsidera o contexto e de qual juventude se fala, incentivando medidas para resolver a problemática da juventude colocando o jovem em visibilidade na sociedade, apenas quando acontece algo ruim.

Como efeito, segundo Paes (2003), as representações sobre juventude têm elencado os jovens como parte de uma única cultura juvenil, ou seja, desconsiderando o que recomenda a sociologia da juventude que é sondar não somente as prováveis ou associadas semelhanças entre os jovens ou grupos jovens. Também é de suma importância analisar as diferenças sociais existentes entre eles. Todavia, o autor também destaca que a própria sociologia da juventude tem equívocos em relação às duas tendências do que vem a ser juventude.

Ainda, segundo Paes (2003), uma das tendências é entender a juventude como um conjunto social no qual a principal característica é a de ser formada por indivíduos que fazem parte da mesma etapa da vida, predominando a busca dos pontos mais iguais e semelhantes que marcam tal etapa, sendo esses pontos parte de uma cultura juvenil e singular, desse modo, de um grupo estabelecido em um determinado tempo etário. Já na outra tendência, a juventude é entendida como conjunto social impreterivelmente diversificado, por diferentes culturas juvenis, classes sociais, situações econômicas díspares, oportunidades e poderes diferentes, sendo que nessa tendência, a juventude tem como principal característica se formada por jovens que vivenciam diferentes contextos sociais.

Na perspectiva proposta por Paes, podemos mais uma vez reforçar a necessidade de investigar a temática da juventude não só partindo de tempos etários ou características sociais, econômicas ou de oportunidades referente a cada jovem, é necessário fazer um estudo apoiado também no contexto histórico e cultural em que o jovem está imerso na sociedade, ou seja, não teríamos uma categoria de juventude e sim juventudes. Catani e Gilioli (2008, p. 11) afirmam que

“[...] É necessário dizer que não há apenas uma juventude e uma cultura juvenil, mas várias, que diferem segundo condições sociais e históricas específicas”.

Contribuindo ainda para a discussão sobre definição de juventude(s) Catani e Gilioli (2008) esclarecem que é necessário desconstruir a visão acerca da categoria juventude que parte unicamente do ponto de vista natural e biológico, pois segundo eles, acima de tudo, juventude é uma construção social que se modifica conforme as diferentes culturas e ainda no interior de cada cultura específica, bem como, uma categoria social que durante certo tempo foi invisível para a sociedade. Contudo, os autores frisam que não é um equívoco entender juventude a partir de um enfoque psicobiológico, entretanto, faz-se necessário contemplar também outras dimensões.

De acordo com Novaes (2000, p. 47) a juventude brasileira apresenta diversidade em sua composição e explica que:

entre os jovens brasileiros há diferenças muito importantes em decorrência do pertencimento a classes sociais distintas, das relações de gênero, de estilos de vida, de local em que se habita, e outras diferenças tantas que nos levam a pensar até que a ideia de “juventude” é uma palavra vazia. De fato, o termo por si só não designa uma problemática comum a todos que se encontram com a mesma idade biológica. O lugar social que pessoas jovens ocupam na sociedade influi, portanto, nas maneiras como elas são ou não pensadas como jovens.

Desse modo, é importante salientar que existem várias dimensões referentes aos critérios delimitantes à juventude, segundo Catani e Gilioli (2008) entre os critérios estão faixa etária, maturidade/imaturidade, critérios sócioeconômicos, estado de espírito e estilo de vida ou setor da cultura. Os autores ainda destacam que esses critérios podem ser combinados entre si, além da própria discussão sobre a autonomia dessa categoria referente a outras.

Logo, se faz necessário dialogar sobre a definição de juventude como uma categoria social, onde segundo Groppo (2000, p. 7):

“[...] tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma ‘classe de idade’, no sentido de limites etários restritos – 13 a 20 anos, 17 a 25 anos, 15 a 21 anos etc. Também, não faz da juventude um grupo coeso ou uma classe de fato”.

Assim, constrói-se o debate referente à juventude com um maior leque de análises na construção de conceitos de juventudes.

No mesmo sentido, Ribeiro, Lanes e Carrano (2006, p. 77) afirmam que:

[...] a noção de “juventudes” é um complexo processo socioeconômico-cultural que se expressa simultaneamente em diversidades e desigualdades, objetivas e subjetivas. Dessa forma, ao tratarmos da juventude, devemos ter em mente a dupla dimensão dessa categoria que expressa simultaneamente um momento do ciclo de vida e determinadas contingências de inserção dos sujeitos na estrutura social.

Com isso, os autores reafirmam a complexidade em delimitar a(s) juventude(s) por uma única categoria e a importância de refletir sobre as diferentes dimensões imanadas ao ciclo de vida e estrutura social que norteiam a juventude.

Por tanto, a partir de tudo que apresentou-se e discutiu-se nessa seção sobre definição de juventude, esse estudo toma como conceito a ideia de “juventudes”, pois entende que a partir do contexto histórico, social, cultural, faixa etária, estrutura social entre outras dimensões encontraremos juventudes diversificadas com características próprias e por isso não podendo serem engessadas como categoria fechada e pronta.

Nesse sentido, a pesquisa tem adotado como sendo jovens, aqueles que estão na faixa etária de 14 a 29 anos, que os jovens desse estudo têm um “perfil definido”: são estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamenta é Médio Dr. Celso Malcher e moradores da periferia da Terra Firme, filhos, em sua maioria, de pais assalariados e autônomos que trabalham no comércio informal (feira, camelódromos e etc.). E assim, entende-se que a construção do imaginário social negativo criado sobre os jovens das comunidades populares tem contribuído em grande parte para estereotipização dos jovens em virtude de seu contexto nas diversas faces.

Todavia, por outro lado, com afirma Barbosa (2013, p. 2):

A favela e a periferia sempre estiveram presentes na agenda da cidade a partir de ‘pré-conceitos’ que se tornaram ‘conceitos’: espaços de carência, ilegalidade, informalidade e da violência. É preciso entender a favela como possibilidade de construir uma outra utopia de cidade.

Logo, compreendendo a juventude desses espaços como grande agente promotor a uma visão positiva desses espaços.

4.1.2 A juventude brasileira

Historicamente a juventude passou a figurar como alvo de preocupações de governos e da sociedade, ou seja, ter visibilidade principalmente nos eventos relacionados com violência, configurando o que, na década de 1990, se tornou o “problema da juventude”, havendo nesse período preocupação referente aos atos violentos que envolviam os jovens fossem como vítimas ou autores dos atos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicados em 15 de abril de 2014, referentes ao último censo de 2010, os jovens ocupam, atualmente, um quarto da população do País, o que representa 51,3 milhões de jovens de 15 a 29 anos vivendo no Brasil, com 84,8% alocados deles na área urbana e 15,2% na área rural. O levantamento revela que 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos trabalham, 36% estudam, e 22,8% trabalham e estudam simultaneamente.

Entretanto, mesmo os dados do IBGE revelando que um quarto da população brasileira seja formado por jovens, ainda é irrisório os espaços ocupados por eles, a exemplo, participação na articulação na política brasileira, o que conforme assevera Maia *et al.* (2011), mesmo estes sendo 20% da população, ficam excluídos de sistemas decisórios, tais como os relacionados a políticas públicas, sendo necessária presença nesse espaço para ganharem visibilidade e representatividade.

Vale frisar que o problema está relacionado à má formação política dos jovens, o que para Maia *et al.* (2011), que traz como consequências dificuldades a meios para que esses jovens ocupem espaços e posicionem-se politicamente frente às temáticas relevantes para o conjunto de demandas da sociedade.

Entretanto, vale ressaltar que os jovens brasileiros têm histórico de significativa participação nos movimentos sociais e políticos:

Três movimentos formam expressões da participação de parcela dos jovens brasileiros na década de 20: a Semana da Arte Moderna, o Movimento Tenentista e o movimento político-partidário que resultou na criação do Partido Comunista. Neles destacaram-se: Anita Malfatti, que realizou sua primeira exposição aos 23 anos; Luís Carlos Prestes, que, aos 24 anos, foi destaque no Movimento Tenentista; Plínio Salgado, que aos 18 anos, criou, em São Paulo, o Partido Municipalista, em oposição ao governo de seu estado. Assim, os jovens também estão presentes nos movimentos da então denominada direita política. Inspirados na juventude fascista italiana e liderados por Plínio Salgado, fazem emergir o movimento dos Camisas Verdes, em cena desde aos anos 30 no Brasil (GIL, 2012, p. 91)

Tão logo, a partir deste cenário, evidencia-se a participação dos jovens na conjuntura brasileira, cabe destaque também à participação no movimento estudantil

segundo Gil (2012), pois foram os jovens participantes da UNE que incorporaram em seus movimentos algumas das brigas nacionais, acusando o colapso da universidade e as injustiças referentes à ditadura civil-militar no Brasil. Há também jovens estudantes brasileiros atores singulares nas lutas operárias e camponesas. Contudo, “[...] hoje o cenário é outro, as bandeiras de lutas se diversificam e os atores são, cada vez mais, múltiplos e situados em movimentos efêmeros, que nascem e desaparecem conforme as demandas de mobilização” (GIL, 2012, p. 91).

Com isso, identifica-se que uma das lacunas para essa formação política da juventude e à busca de seus direitos, refere-se ao processo educacional brasileiro que não possibilita aos jovens uma formação crítica e reflexiva sobre o seu contexto social, sendo sua maior fragilidade na educação básica pública, pois é na educação pública que encontra-se a maior parte da juventude brasileira.

Contribuindo com essa discussão, Thomé, Cassepp-Borges e Koller (2009) frisam que o jovem encara muitos desafios para a concretização de seus direitos sociais, tais como exploração da mão de obra de trabalho, desemprego, violências nas comunidades, trânsito, convívio familiar entre outros. Além da debilidade referente às questões de saúde, segurança, cultura e etc., o que acarreta processos de demandas de difícil concretização de modo geral em seus direitos, tendo como consequência desconforto e insatisfação por parte da juventude.

Os autores ainda salientam que a educação e a formação para o trabalho são direitos previstos na lei, tal como no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), entretanto, pouco efetutados na prática de forma satisfatória, o que pode ser constatado através das barreiras com que os jovens se deparam para entrar no mundo do trabalho por conta de uma educação fragilizada ofertada pelo sistema escolar e os obstáculos econômicos.

Talvez, uma das maiores dificuldades referente ao processo de educação pensado para jovens no Brasil, além das questões de oportunidade, questões sociais, vulnerabilidade e etc., “estaria no fato de ainda se vê o jovem de forma homogeneamente” Gil (2012, p. 93).

Um dos resultados dessa desestruturação social, política e educacional é a violência que dizima os jovens brasileiros, como mostram os dados estatístico no Brasil, referentes à taxa de homicídios de jovens no país, apresentados por Sílvia Ramos, que coordena o Centro de Estudos em Segurança e Cidadania (CESeC), da

Universidade Cândido Mendes, no seminário JUVENTUDES: POSSIBILIDADES E LIMITES:

A do Brasil é de 25 por 100 mil. A taxa é obtida dividindo-se o número de homicídios que ocorrem num país pelo seu número de habitantes naquele ano. Para obter a taxa de homicídio de jovens, divide-se o número de homicídios de jovens de 15 a 24 anos que ocorreu num determinado país, num determinado ano, pelo número de jovens de 15 a 24 anos daquele país. A taxa de homicídio de jovens no Brasil é de 51,6. Aqui nós temos o *ranking*. Entre 83 países, o Brasil está no 6º lugar da pior situação de homicídios do planeta. (2011, p. 47)

O cenário apresentado pela palestrante revela problemática assustadora do país: “[...] estamos falando somente dos homicídios, tipo de morte violenta, intencional, em que alguém tinha a intenção de matar. Cinquenta mil por ano! Vamos imaginar o que seriam 50 mil por ano [...]” (RAMOS, 2011, p. 50). Pelo perfil e faixa etária das vítimas constata-se que o jovem, infelizmente, tem posição destaca no dado, maioria do sexo masculino. Tornando-se pontos de discussão referentes à construção de políticas voltadas à juventude no afã de se minimizar essa realidade.

4.1.3 Juventude e ensino médio

A educação básica é a primeira etapa que um jovem precisa enfrentar para chegar ao mercado de trabalho e migrar à próxima etapa, que é o ensino superior e, aí sim, iniciar sua vida no mercado profissional com uma formação superior, além da possibilidades de expandir seu arcabouço teórico-metodológico e sua formação crítico-reflexiva enquanto um sujeito crítico-participativo de sua realidade em relação à economia, política, saúde, segurança, em suma, às políticas sociais. Pode-se dizer, mais especificamente, nesse caso, sobre a importância do Ensino Médio na escolarização da(s) juventude(s) brasileira(s).

Segundo Tomazetti e Schlickmann (2016), as discussões sobre política educacional voltadas ao ensino médio no Brasil iniciam a partir dos anos de 1990, cujo objetivo é garantir que o processo educacional brasileiro promova por meios de projetos educativos à modernização e à democratização social do país, o que já era realizado em países desenvolvidos que possuíam projetos educacionais voltados à modernização e a democratização social. Os autores afirmam que esses países

desenvolvidos conseguem um elevado nível de inserção de diferentes grupos sociais na educação básica.

Existem dois documentos que discorrem sobre o ensino médio. O primeiro, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece as finalidades do Ensino Médio:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

Conforme a LDB, uma das principais finalidades do ensino médio é a formação para o trabalho e formação para cidadania, tendo um currículo específico e obrigatório que rege seu desenvolvimento. Salientando para a alteração de alguns dos artigos da LDB, como exemplo, o artigo Art. 36, que trata do currículo onde se tem que “O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos, a serem definidos pelos sistemas de ensino [...]” (BRASIL, 2016). Desse modo, acreditasse que haverá mudanças referentes ao desenvolvimento do processo de escolarização do ensino médio nos próximos anos. Frisando que esse estudo busca dialogar sobre o currículo até então desenvolvido nas escolas.

O segundo documento referente à organização do Ensino Médio, são os Parâmetros Curriculares Nacionais, o qual versa que:

o Ensino Médio no Brasil está mudando. A consolidação do Estado democrático, as novas tecnologias e as mudanças na produção de bens, serviços e conhecimentos exigem que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais da cidadania e do trabalho (BRASIL, 2000, p. 6).

Desse modo, os PCN's apresentam reformulação ao ensino médio no intuito de mais uma vez alcançar as finalidades de formação para cidadania e preparação para o mundo do trabalho, como rege a LDB, esclarecendo que agora, há um novo

modelo de currículo, baseado em competências essenciais para a inclusão dos jovens na sociedade adulta.

Tem-se, então, que:

visando um currículo mais significativo “[...] buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender” (BRASIL, 2000, p. 6).

Outro marco legal importante a ser destacado é o Plano Nacional de Educação – PNE de 2014, que também faz referência ao ensino médio destacando metas a serem cumpridas durante sua vigência, entre elas, a meta três que é:

[...] universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento) (BRASIL, 2014).

Para alcançar essa meta, o PNE apresenta algumas estratégias. Em contrapartida, a toda essa legislação aqui apresentada, é importante observar aqui dois aspectos apresentados por Frigotto (2009) em relação aos jovens brasileiros, sendo o primeiro referido à adultização precoce que acontece tanto nas zonas rurais ou urbanas. Figurando entrada antecipada no mercado de trabalho formal e “informal” tendo condições precárias de manutenção e de remuneração.

Desse modo, segundo o autor, isso é contrário ao processo dos jovens da classe média ou herdeiros dos proprietários de grandes empresas, que alongam o período da infância e juventude.

Outro ponto apresentado por Frigotto (2009), é referente à violência que está presente nos grandes meios urbanos que viola a grande maioria de seus jovens em diferentes aspectos sociais, sendo reféns do meio em que vivem, no qual, segundo o autor, a violência maior é praticada pelo próprio Estado, tendo como resultado jovens desumanizados e feridos socialmente, tornando-os mais vulneráveis e suscetíveis ao envolvimento com prostituição infantil, tráfico, formação de gangues entre outras mazelas.

É, então que a partir disto, que este estudo considera de suma importância compreender todas as variáveis que influenciam o e no processo de escolarização dos jovens no ensino médio, e apresenta-se diretamente atrelado a questões

familiares, individuais e sociais com semelhante consideração à perspectiva Dayrell e Jesus (2016) sobre o contexto socioeconômico e cultural das famílias onde evidenciam que:

isso implica compreendê-los enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 409).

Desse modo, pensar o ensino médio, exige busca ao entendimento dessa realidade frente às juventudes brasileiras. Além de deparar-se com diferentes ensinos médios, que contemplam sujeitos socialmente diferentes, no quais uns frequentam escolas particulares que têm estrutura diferenciada e um custo bem maior se comparados às escolas públicas e representam parcela menor desta camada populacional, e outros que convivem na escola pública e no nível médio federal e são a grande massa existente da juventude brasileira.

Tal prisma é corroborado na concepção de Frigotto (2009, p. 26):

Sob o ponto de vista dos sujeitos e as escolas que frequentam temos, como consequência, vários ensinos médios. Os jovens do andar de cima da sociedade e parte da classe média frequentam escolas particulares, cujo custo é de quatro e, em alguns casos, oito vezes maior que o custo do Ensino Médio público estadual. Na escola pública apenas aproximadamente 1% dos matriculados frequentam o Ensino Médio público Federal – Colégios de aplicação, rede das antigas Escolas Técnicas Federais – hoje transformadas em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O Ensino Médio federal é que tem condições de oferecer um padrão de qualidade muito diverso da rede federal e de muitas escolas particulares

Desta forma, a realidade do ensino médio é totalmente diferente dependendo do referencial pesquisado, na ideia apresentada em Frigotto (2009) pode se perceber que o ensino médio federal seria um dos que apresentam um padrão de qualidade, bem diferente das federais e particulares, pois segundo ele, nessas instituições a exigência de formação continuada de professores e do tempo integral, a ofertar de materiais que auxiliam no desenvolvimento das práticas pedagógicas e a divisão do tempo entre sala de aula, pesquisas e orientações.

Um dos pontos mais críticos referentes aos jovens e o ensino médio é o concernente à exclusão escolar nessa etapa de ensino, pois percebe-se um alto índice de evasão escolar, além do número de jovens que nem chegam a se matricular nessa etapa de ensino, não figurando no cenário da educação formal

ainda no ensino fundamental, e quando voltam, causam o processo de distorção idade-série, sendo alguns matriculados na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No cenário Amazônico paraense, a realidade referente ao processo de escolarização dos jovens do ensino médio é marcada por diferentes fatores, tais como condição social e econômica que influenciam o fluxo nessa etapa de ensino, o que na sua maioria atrapalha a conclusão da educação básica com sucesso e não garante os meios para adentrar ao mercado de trabalho e progredir nos estudos posteriores, como rege a legislação educacional.

A própria formação da Amazônia é complexa em sua sociobiodiversidade. Segundo Freire (2009) abarcando extensas flora e fauna, ricas em contrastes e paisagens, sendo esse imenso espaço ocupado por diferentes povos, culturas e tradições, tais como ribeirinhos, indígenas, pescadores, agricultores e etc. Segundo a autora, esses grupos conseguem reiterar sua identidade por meio de seus costumes socioculturais e ambientais ao longo da história.

Diante disto, uma das primeiras especificidades em relação aos jovens pertencentes à Amazônia paraense é a própria questão da identidade, por ser um espaço geográfico territorialmente extenso e tão plural na formação da população, exige da esfera educacional olhar voltado às diferenças, que contemple e atraia os jovens para os ambientes formais de educação, no caso, a escola.

Outro ponto está diretamente ligado à questão da alocação geográfica do jovem e sua família que dificulta em boa parte da região, o acesso à educação formal, porque dependendo do lugar onde o educando reside há todo um percurso a ser enfrentado para se chegar ao destino escola. Onde, frequentemente, se não dispõe de transporte, nem mesmo público, e quando o tem-se, grande parte não é seguro e ou confortável.

Desse modo, pensar e analisar dados referentes à juventude amazônica, requer olhar voltado para as peculiaridades dessa região e entender também que nesta área, igualmente às outras Brasil a fora o “[...] processo histórico de antropização foi pontuado por conflitos e o contexto atual é agudizado por contradições e desigualdades” (FREIRE, 2009, s/p.).

Conforme Araújo (2013 *apud* ALVES; ARAÚJO, 2017), existe no Pará uma população formada por 7.581.051 de habitantes, tendo dentro desse quantitativo, na faixa etária de 15 a 29 anos, 2.243.780 pessoas. Deste grupo, moram na zona

urbana, um quantitativo de 1.566.371, enquanto que na zona rural, 677.409 pessoas. No que tange ao sexo, desse montante, 1.125.354 são homens, e 1.118.426 dele, são mulheres.

Araújo (2013 *apud* ALVES; ARAÚJO, 2017) faz um recorte em sua pesquisa apresentando o quantitativo da população jovem no estado do Pará, segundo etnia no ano de 2010:

Tabela – 1: População jovem de 15 a 29 anos, segundo etnia no estado do Pará, 2010

Etnia	N	%
Branca	508.498	22,6
Preta	283.823	12,6
Amarela	23.403	1
Parda	1.410.050	64
Indígena	17.783	0,8
Sem declaração	223	0,1
Total	2.243.780	100

Fonte: Araújo (2013 *apud* Alves; Araújo, 2017).

Pode-se perceber a partir dos dados apresentados, a diversidade cultural referente às etnias dos jovens brasileiros, segundo sua própria percepção, sendo a maioria autodenominando-se pardos. Relacionando-os ao processo de escolarização, esses dados, levantam discussões que ajudam a perceber quais são os jovens que mais enfrentam barreiras para concluir a educação básica e prosseguir em estudos posteriores.

Neste sentido, o estado do Pará apresenta grandes desafios relativos à qualidade da educação no que tange a escolarização dos jovens, um grande reflexo de tal assertiva pode ser perceber na capital do Estado do Pará. Segundo Plano Estadual de Educação

Dois indicadores se complementam na análise do atual cenário que se coloca para o Ensino Médio no Pará: a) a taxa de frequência bruta às escolas dos adolescentes de 15 a 17 anos é de 85,6%; b) enquanto que a taxa de escolarização líquida dos mesmos adolescentes (de 15 a 17 anos) é de 40,2%. Isso significa dizer que mais da metade dos adolescentes de 15 a 17 anos ainda não está matriculada no Ensino Médio. (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PARÁ, p. 12, 2015).

Muitos dos fatores que levam a tal situação educacional destes jovens estão relacionados a questões de vulnerabilidade social, precarização e permanência dos jovens das comunidades populares no espaço escolar, conforme veremos na análise dos dados desta pesquisa.

5 O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA DR. CELSO MALCHER: AÇÃO E DESAFIOS

Rua Ligação

Pelas ruas onde eu passo, há uma que se chama solidão.

A solidão é desordeira, desumana, estripadeira.

Ela mata, morre, prostitui-se e ama.

No entanto, a principal causa de sua existência

É o terror; o medo de não ser compreendida;

A não oportunidade de ser vivida.

E o direito de permanecer como está

Provoca solidão... Mera vidas?

Onde existe esperança, onde está em paz, onde está a inocência

Que perdi ainda quando criança?

O que a vida fez das nossas vidas?

Apesar disso, tenho sé, tenho esperança.

Tudo, um dia, vai mudar.

O amor ressugirá e a morte irá se matar

Thiago Pizon (ex-aluno)

Nesta seção, apresentam-se os dados relativos à pesquisa de campo deste estudo, que teve como objetivo investigar sobre o processo de mobilização e luta dos jovens, pelo direito à educação, no seu itinerário de escolarização dos jovens da Escola Dr. Celso Malcher, entendendo este processo como paulatino na vida de cada sujeito, marcado por muitas idiossincrasias características peculiares de cada grupo conforme o espaço, o tempo e as condições dadas aos vários agentes.

Durante a pesquisa, trabalhamos com duas categorias, escolhidas, a priori, a saber: a desigualdade e a contradição. Conforme se tem apontado nesta investigação, a escolarização dos jovens das camadas populares é marcada/permeada por grandes desafios, pois a garantia de uma escola e educação de qualidades para todos têm avançado muito lentamente no Brasil, mesmo tendo garantias constitucionais.

Como já salientou-se, em outras partes deste trabalho, as grandes desigualdades sociais existentes no Brasil são empecilho para a maioria dos jovens das camadas populares completarem o período de formação na escola básica (SOEIRO, FERREIRA; MINEIRO, 2012; BARBOSA, 2016; RIBEIRO, LANES E CARRANO 2006; FREIRE, 2009) principalmente os estudantes do ensino médio,

pesquisa realizada pela ONG “Todos Pela Educação”, tomando como base a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), cerca de 62% dos jovens com idade entre 15 e 17 anos estão fora da escola. Os fatores que levam à consolidação desse dado são diversos como já mostrados.

A realidade dos dados supracitados mostra a contradição em relação ao Plano Nacional de Educação (2014-2024), pois, pelo Plano, até 2016, o atendimento aos jovens na faixa etária entre 15 e 17 deveria ser universalizado, conforme contido na sua meta 3 “Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final da década, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%, nesta faixa etária” (BRASIL, 2014).

O grande número de jovens fora da escola é preocupante uma vez que estes, em muitos casos, vivem em situação de vulnerabilidade social. No texto que segue, apontam-se com base nos dados obtidos nas entrevistas com os jovens estudantes do 3º ano do ensino médio, alguns dos fatores que influenciam no seu processo de escolarização. Os dados que serão apresentados, constam em forma de categorias, sendo o que os achados não são conclusivos, mas nos levam a refletir sobre a temática.

5.1 PRECARIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS DE CAMADAS POPULARES.

Essa seção dialoga sobre o processo de ensino e aprendizagem dos jovens da escola Celso Macher, para isso utiliza a categoria referente a precarização da escola, a qual evidencia a infraestrutura ou a falta dela nos dados levantados na pesquisa de campo sendo também relacionados com teóricos que discutem a questão da precarização da escola, percebendo essa categoria como fundamental referente ao objeto de estudo, pois foi a partir dela que iniciou-se o percurso das mobilizações por parte principalmente dos jovens e juntamente com a comunidade escolar por uma educação de qualidade.

Uma categoria presente na fala dos jovens entrevistados diz respeito à Infraestrutura, ou na palavra deles, estrutura. Esta categoria está relacionada às condições físicas e materiais do espaço escolar, segundo o Censo Escolar (INEP, 2017), quando se analisa a infraestrutura das escolas brasileiras leva-se em consideração a existência dos seguintes indicadores: local próprio de funcionamento

da escola, água tratada, energia elétrica, saneamento básico, coleta de lixo, esgoto e presença de banheiro na escola, assim como biblioteca, laboratório, cantina, computadores e outros equipamentos eletrônicos. Quando perguntado sobre a Escola Dr. Celso Malcher, obteve-se as seguintes respostas:

Eu acho que ela precisa de mais estrutura, porque a estrutura do Celso Malcher hoje em dia está meio degradante, ela não tem uma estrutura própria. Ela está alugada aqui e por um tempo ela já foi alugada mais ali na frente, ela não tem uma estrutura própria (ENTREVISTADO 01, 2017).

Não sei, é difícil dizer! Eu não estou no Celso há muito tempo, então... mas, pelo pouco tempo que tô aqui, é uma escola que já evoluiu bastante desde o primeiro ano que eu entrei aqui, de lá pra cá a escola já evoluiu em questão de educação e questão de infraestrutura também. É uma escola que está passando por um processo meio difícil, mas está evoluindo. (ENTREVISTADO 02, 2017).

Em relação ao prédio, já foi melhor um dia, pelo fato de ser uma escola que virou uma escola pública ficou meio bagunçado... meio não, totalmente bagunçado, porque não teve mais manutenção. Em relação aos professores, eles são muito eficientes. Essa escola é a melhor do bairro pelo fato de os professores serem muito dedicados aos alunos, botar mesmo no pé dos alunos, por mais que a gente às vezes não quer fazer as coisas que eles pedem, mas tem muito professor bom (ENTREVISTADO 03, 2017).

Quando eu estava na sétima série estava presente, corremos atrás para a mudança de um novo prédio. Esse prédio ainda também não é nosso, mas estamos ao caminho de um novo prédio. (ENTREVISTADO 04, 2017).

Como podemos perceber, nas falas dos entrevistados a questão da infraestrutura tem papel fundamental no seu processo de escolarização, pois como eles mesmos expõem, a infraestrutura é requisito para um ensino que corresponda às suas expectativas, enxergando a mesma como algo a ser melhorado, uma vez que segundo os alunos, o espaço apresenta problemas, tal qual a falta de manutenção e um prédio fixo.

Uma questão levantada pelo entrevistado número 03, é a relação escola pública e privada, ainda que não seja o foco desse estudo, é preciso salientar que historicamente alguns acreditam que a escola privada é melhor que a pública, isso se deve ao fato da precarização cada vez maior das escolas públicas.

Então, entendemos que as questões relacionadas à infraestrutura da escola, têm relação direta com o desenvolvimento de aprendizagem do estudante, uma vez que a garantia de uma educação de qualidade não está relacionada apenas a professores em sala de aula, mas também às condições materiais ofertadas.

A falta de infraestrutura de uma escola, como no caso da Escola Dr. Celso Malcher, que implica na não existência de um prédio próprio, assim como falta de água, iluminação, merenda, ar-condicionado e etc., tem relação direta com a evasão escolar, desse modo, confirmando informações utilizadas neste estudo, tais como as em Arroyo (1991); Silva Filho e Araújo (2017) e Dayrell (2007).

Nessa perspectiva, é preciso pensar a questão da infraestrutura escolar como uma parte importante para o desenvolvimento dos educandos, tal como apontam Alves e Soares (2013, p. 54):

As condições de infraestrutura e de complexidade da escola - medidas com os dados do Censo Escolar - também guardam relação significativa com o Ideb. Para terem seu direito educacional atendido, os alunos que trazem menos de casa precisam de escolas com melhor infraestrutura e mais focadas em suas necessidades de aprendizado.

Os estudos de Alves e Soares (2013) reforçam os resultados dessa pesquisa, direcionados para a importância da Infraestrutura Escolar no bom desempenho e rendimentos dos alunos. Por esta razão, é tão frequente na fala dos jovens entrevistados a categoria (Infra)estrutura, uma vez que não é um fator isolado, mas sim algo intrinsecamente ligado à Escola e à vida dos alunos que têm este espaço como uma referência de socialização e aprendizado.

Em outro relato de um dos jovens vê-se aflorada a relação aluno/escola:

Eu estudo no Celso Malcher desde que mudei para cá há seis anos, com treze anos de idade, comecei na sexta série. Eu sempre falo que o Celso Malcher faz parte da minha identidade, eu vim do interior para cá e o único colégio que eu estudei aqui e eu nunca senti vontade de sair desde que eu entrei. Então, eu sinto um pertencimento muito forte por ele, e, mesmo apesar de ele não ter um prédio dele mesmo, mas eu acho que aluno é isso, tá ali junto com a escola, direção e professores para ter um espaço, para ter um lugar melhor para os jovens. (ENTREVISTADO 05, 2017).

Pode-se notar na fala do entrevistado que essa relação estabelecida entre os estudantes e a escola, não ser a escola algo isolado da vida dos estudantes, conforme salientado neste texto, uma parte do dia desses alunos é vivida na escola, o que representa parte de suas constituições como sujeitos e dá-se nas diversas relações sociais ali vividas, assim como apontam Abramo (2008); Charlot (2000); Arendet (2010) e Dussel (1993), a constituição dos sujeitos está ligada há um tempo e um espaço, relacionado a uma historicidade. Pois, os sujeitos estão em constante

relação uns com os outros e um dos espaços que possibilita uma parte dessa convivência é escola.

Também é perceptível no relato, a relação de identidade estabelecida com a escola. Uma vez que a identidade não é algo fixo, mas sim construído nas várias formas de existência do ser humano. Numa perspectiva moderna, a identidade é algo mutável, ou seja, está em constante mudança.

Conforme mostramos na caracterização da escola, a luta por um prédio adequado dá-se desde a origem da escola, pois, a não existência de um prédio fixo implica na não conservação de arquivos relacionados à vida dos alunos e da própria história da escola, como também a falta de outros espaços dentro dela, por exemplo, uma biblioteca:

Eu vi muitos projetos, mas era bem difícil. Por exemplo, a gente não tinha uma biblioteca, para se pegar um livro a gente tinha que falar com a Cris que levava a gente lá em cima em uma sala, a gente revirava as caixas e dizia 'vou levar esse', ela anotava. Isso desanimava bastantes porque não tinha aquela oportunidade de chegar em uma prateleira e olhar os livros que você quer levar, é difícil você pegar dentro de uma caixa, um local só poeira (ALUNA EGRASSA, 2017).

Como podemos verificar no relato acima, a falta de infraestrutura implica no processo de leitura dos alunos em um espaço que não seja a sala de aula, pois é necessário possibilitar espaços adequados nos quais os jovens possam ter autonomia para escolher um livro e assim melhorar sua visão de mundo tornando-se agentes multiplicadores de conhecimentos, ou seja, a fala do entrevistado está em consonância com a afirmação de Andrade e Laros, (2007, p. 35) “depois do controle do nível socioeconômico do aluno, variáveis referentes à infraestrutura e aos equipamentos escolares são preditoras de um bom desempenho dos alunos”.

Como bem se sabe, o bom desempenho do estudante no seu processo de escolarização e acesso aos bens culturais produzidos por mulheres e homens ao longo de nossa história depende também da possibilidade de contato dos estudantes com estes conhecimentos elaborados, e a biblioteca é um dos espaços onde os discentes podem buscar esses saberes. Pode-se observar que os alunos quando não encontram esses espaços tendem a “desanimar”.

Por esse viés, pode-se inferir que a infraestrutura escolar tende a influenciar de forma negativa ou positiva no desempenho do estudante, assim como na sua permanência na escola, pois, fatores ligados à falta desta categoria como

conservação, existência de um prédio fixo, instalações adequadas, recursos didáticos, bibliotecas, quadra de esportes e salas adequadas podem ser fatores decisivos no processo de escolarização e na relação dos alunos com a escola:

Para a melhoria da escola, porque quando a gente chegou aqui, por exemplo, lá no último andar, uma das salas os fios estavam tudo para fora, não tinha ar condicionado, era muito calor. Merenda, por exemplo, não tinha. A água às vezes faltava e a gente era dispensado cedo. Por isso que nós participamos. Sempre tem uma consequência né? E a nossa consequência foi atrasar nossos estudos. (ENTREVISTADO 06, 2017).

A narrativa acima reafirma o que aqui fora apresentado sobre a falta de infraestruturas necessárias em uma escola: retardo no desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, desanimo dos estudantes, falta de interesse e evasão. O questionamento do entrevistado é pertinente e nos leva a refletir quais as consequências da falta de infraestrutura de uma escola na vida dos Jovens. Apontado neste estudo nos trabalhos Arroyo (2011); Dayrell, (2007); Frigotto (2004) e Ianni (1968).

Assim, os jovens da escola Celso Malcher, têm rostos bem definidos, são filhos e filhas de trabalhadores. Sendo a infraestrutura de sua escola um dos fatores que implicou diretamente com o ensino e aprendizagem de seus educandos, tornando-se um desafio para seus educandos e educadores a efetivação da educação de qualidade, haja vista que seus espaços eram inadequados ou inexistentes, tais como: as salas de aula não permitiam aulas de qualidade pela questão da péssima acústica, calor, falta de mobiliário e espaço; a falta de uma quadra que permitisse desenvolver as atividades esportivas e pedagógicas; a inexistência de um laboratório não permitindo o uso das tecnologias educativas; a necessidade de uma biblioteca que permitisse o incentivo ao mundo da leitura e pesquisa, além dos problemas de encanamento e iluminação. A consequência ou fim de tudo isso é produção de mão de obra barata para o mercado de trabalho¹¹.

5.2 TRABALHO E SUA RELAÇÃO NA VIDA DO ESTUDANTE

¹¹ Foi possível constar na pesquisa alguns dos trabalhos realizados pelos jovens, sendo, pedreiro, feirante, serviço gerais, construção civil e marcenaria.

Conforme apontou-se na seção Juventude, a LDB preconiza que a educação visa para o exercício da cidadania e a formação para o Trabalho. Conforme Silva Filho; Araújo (2017); Fapespa, (2017); Soeiro, Ferreira e Mineiro (2012); Marx e Engels, (2007); Lombardi, (2011); Frigotto, (2008); Spósito e Carrano (2003); Thomé, Cassepp-borges e Koller (2009); ECA (1990), a relação juventude e trabalho possui conexão direta, uma vez que a opção pelo trabalho é um dos fatores da evasão e abandono da escola básica, assim, como objetivo pelo qual muitos jovens frequentam a escola, pois acreditam que com melhores estudos terão mais possibilidades de conseguir melhor colocação no mercado de trabalho, assim, a realidade entre trabalho e escola é uma premissa válida na vida dos jovens das comunidades populares, sua conciliação não é tarefa fácil.

Conforme pôde-se constatar na entrevista quando perguntado sobre como foi ser pai e fazer o ensino médio, um dos jovens assim relatou:

Foi um pouco complicado. Um pouco não, bastante complicado, porque tem que cuidar do bebê, correr atrás de trabalho e estudar. Então, é cansativo até demais, não só para mim, mas para qualquer outra pessoa seria cansativo. (ENTREVISTADO 07, 2017).

A fala do entrevistado número 07 traduz a realidade de boa parte dos jovens moradores de comunidades populares, que por se tornarem pais ainda na adolescência, precisam buscar meios para sustentar sua família, com isso, é construído obstáculo para prosseguirem nos estudos com êxito.

Quando questionado sobre: você só estuda ou estuda e trabalha? O pontuado foi:

Eu estudo e de vez em quando faço algum trabalho, de vez em quando pego algum trabalho de ajudante de pedreiro. Minha vó e minha mãe ficam toda hora em cima me mandando estudar que se eu não estudar quem vai ser prejudicado vai ser eu no futuro, porque como hoje em dia o trabalho depende muito de estudo então tenho que estudar muito pra conseguir uma coisa boa futuramente (ENTREVISTADO 07, 2017).

Desse modo, ainda é possível constatar na fala do entrevistado uma segunda problemática, que é conseguir emprego sem terminar a educação básica e sem ter experiência, o que mostra a importância de se concluir os estudos e qualificar-se para almejar empregos menos degradantes.

Conforme pode-se observar na entrevista, a categoria trabalho aparece com frequência na fala do jovem com sentidos diversos, alguns aspectos são importantes neste jovem de 19 anos, primeiro ele já é pai; segundo, para ajudar na casa tem de dividir o seu tempo entre o estudo e eventuais trabalhos como auxiliar de pedreiro; terceiro, ele estuda pelo fato de ver no estudo possibilidade de melhor colocação no mercado de trabalho; quarto, as condições de trabalho precarizado nas formas eventuais de atuação profissional, os conhecidos “bicos”.

O relato do jovem inconscientemente, ou não, atrela-se às características do trabalho na juventude:

No Brasil, a relação dos jovens com o trabalho é marcada por muitas desigualdades, e o Ensino Médio parece ser um espaço significativo para evidenciar esse fenômeno. Para uns, o tempo no Ensino Médio é vivido como etapa de formação e preparação para o acesso à universidade, ficando o trabalho como um projeto para depois da conclusão do Ensino Superior. Porém, para a maior parte daqueles que tiveram acesso a esse nível de ensino nas duas últimas décadas, a realidade de trabalho, de bicos ou de um constante *se virar para ganhar a vida* combinam-se às suas vidas de estudantes. (CORROCHANO, 2014, p. 206).

Podemos perceber a partir da concepção do autor que a relação do jovem com o trabalho é uma relação de necessidade, pois, é preciso trabalhar para suprir suas próprias necessidades, de sua família e de sua filha. O trabalho, que nem sempre reúne condições boas e com salário justo é mais uma necessidade devido às relações sociais, estabelecendo um vínculo Trabalho-Sobrevivência.

Nesta perspectiva, cabe salientar que:

tal quadro tem feito com que se retraia o mercado de trabalho para profissionais de nível médio, enquanto aumenta a demanda de jovens por emprego. Os dados mostram que, na última década, diminuiu muito o desemprego dos jovens no Brasil, mas, ainda assim, os jovens têm que enfrentar um sistema perverso de seleção com exigências mais elevadas de escolarização para o ingresso em qualquer ocupação, mesmo quando a função não necessita de um nível elevado de conhecimento. Naturalmente, esse processo não garante ao jovem com Ensino Médio e com cursos de aperfeiçoamento um melhor lugar no mercado de trabalho, mas reforça o discurso da importância da educação escolar (KRAWCZYK, 2014, p. 91).

Neste fragmento de Krawczyk, é possível verificar a estreita relação contida na fala do jovem entrevistado (número 07) com a difícil realidade que os jovens brasileiros encontram para se inserirem no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que compreende a educação possibilitar melhorar a concorrência por uma vaga.

Assim sendo, a relação do jovem de baixa renda com o mundo do trabalho é uma relação estabelecida muito cedo. Para Leão e Nonato (2014, p. 11-12),

o trabalho é uma experiência marcante na vida dos jovens brasileiros, pois envolve suas perspectivas de vida, no presente e no futuro. Para muitos, as primeiras experiências já ocorrem no início da adolescência. Para outros, mesmo que ainda não estejam inseridos no mercado de trabalho, o desejo de trabalhar e a preocupação em relação ao futuro profissional já se manifestam de uma maneira muito forte. Para financiar o lazer e adquirir itens de consumo juvenis – roupas, tênis, CDs, eletrônicos etc. –, muitos jovens precisam trabalhar. Outra grande parte faz do trabalho sua condição para estudar ou até mesmo para ajudar nas despesas de casa.

Podemos analisar a partir do que expõem os autores, que a categoria trabalho na vida dos jovens de camadas populares acontece de várias formas, marcantes positiva ou negativamente, pois quando vemos um jovem que terminou o ensino médio e adentrou ao mercado de trabalho, certamente ao ser questionado, dirá que esse fato marcou positivamente sua vida. Entretanto, se formos comparar com a fala do jovem entrevistado certamente a análise será diferente.

Contudo, é preciso deixar claro que essa imbricação trabalho e escola ou trabalho e estudo, é uma relação marcada por desigualdades, ou melhor, é fruto das desigualdades sociais existentes no modelo capitalista, conforme salientou-se no tópico Juventude e Classe. Acredita-se, ou ainda no campo das hipóteses, o jovem que trabalha e estuda é o filho do trabalhador, proletariado, com condições de renda baixa. Assim, o jovem se vê levado a trabalhar por conta de condições materiais desiguais existentes na sociedade brasileira.

Veja-se o relato a seguir:

Por que eu queria dinheiro pra comprar as minhas coisas e quando eu queria sair eu tivesse, tipo sapato roupa pra mim não ficar só dependendo dos meus pais. E, ajudar eles também. Eu trabalho e vejo que pra pessoa ser o que quiser se no futuro só vai conseguir por meio do estudo. E que no trabalho eu aprendo coisas e nas escola também. O trabalho era uma forma de eu conseguir dinheiro pra mim não tá roubando traficando matando e a escola eu estava aprendendo coisa pra conseguir o algo no meu futuro (ENTREVISTADO 08, 2017).

Não foi difícil, agora tá sendo barra pela questão que tem que ir trabalhar de manhã e estudar a tarde. Meu horário é meio apertado. Isso é cansativo, prova disso é que estou de recuperação em Matemática. É difícil, bem difícil. Problema de chegar em casa 13h30, 14h, quase na hora de já tá na escola, não conseguir almoçar antes da escola, essas coisas todas (ENTREVISTADO 02, 2017).

Na fala dos entrevistados verificam-se alguns aspectos importantes para entender essa lógica juventude e trabalho de onde pode-se inferir, primeiro, pelo trabalho o jovem está menos propenso à criminalidade; segundo, com uma certificação do ensino médio, a probabilidade de um emprego melhor se eleva e; terceiro, trabalhando é possível ajudar na casa com as despesas da família e etc. Esta terceira afirmação está presente em quase todas as falas dos jovens entrevistados que trabalham, estando explícito que os jovens que trabalham são tanto do turno da noite, como da tarde.

Notou-se, também, nesta pesquisa que os jovens que trabalham pouco participam das atividades culturais, artísticas ou outros movimentos/projetos da escola, como podemos observar nas seguintes falas: “- Chego na escola só estudo, não gosto de participar de nada. E, venho pra feira trabalhar.” (ENTREVISTADO, 09, 2017); “- Só ia nas reuniões assinava no baixo assinado porque eu estudo a noite e trabalho de dia ae não dava pra mim ir (ENTREVISTADO 08, 2017); “- Não. Não tenho como participar porque estou ocupado correndo atrás de emprego que eu tenho uma filha para criar (ENTREVISTADO 07, 2017).

Logo, observa-se como essa categoria é necessária para pensar o processo de escolarização dos jovens das camadas populares, pois, é possível inferir que os jovens que estudam e trabalham têm mais dificuldades para permanecer e concluir o ensino médio em relação aos que só estudam. Visto que, os estudantes/trabalhadores têm de dividir o seu tempo entre a escola e as atividades laborais, na maioria dos casos, esses jovens frequentam as aulas e com muita dificuldade, chegam atrasados, cansados e etc. A análise desta categoria nos permite afirmar inicialmente que a relação trabalho e escola é um “gargalo” na vida desses jovens que têm que trabalhar/sobreviver.

Portanto, verifica-se que para uma grande parcela dos jovens das camadas populares, onde os pais em sua maioria têm pouca escolaridade, o trabalho é uma realidade cotidiana tendo forte influência no processo de escolarização.

Assim, nas grandes massas periféricas,

Além dos jovens pobres se verem privados da materialidade do trabalho e do acesso às condições materiais para vivenciarem a sua condição juvenil, defrontam-se também com a desigualdade no acesso aos recursos para sua autorrealização. Surge, assim, uma nova desigualdade – marcada pela privação cultural e negação do acesso a experiências que possibilitam o autoconhecimento e a descoberta de seus potenciais. Retoma-se, aqui, a

importância das políticas públicas para garantir a todos os jovens as possibilidades de vivenciarem a juventude como uma fase de direitos a fim de que possam construir identidades positivas e projetos que afirmem sua dignidade (ARROYO, 2014, p. 180).

De acordo com que se tem apontando neste estudo, as desigualdades sociais implicam no acesso e permanência desses jovens no ensino médio, se por um lado as condições de acesso não são fáceis, a permanência também é outro desafio, implica dizer que os jovens das camadas populares quando submetido à escolha de ter de trabalhar ou estudar acaba-se privando-os dos acessos a bens culturais produzidos.

Podemos observar que tende-se naturalizar o trabalho como algo necessário na vida desses jovens, mas como levantado no tópico Juventude e Classe, as relações e os motivos são outros, ele é imposto aos jovens e acabam o assimilando com uma alternativa de garantia futura. Tendo que pelo trabalho os seres humanos se fazem sujeitos, constroem história, formam-se e humanizam-se como pessoas, entretanto, as relações de trabalho no modelo capitalista, desumanizam e os colocam num sistema desigual e injusto. Pois, são obrigados a incorporar em nossas relações a lógica do mérito.

Assevera Arroyo (2014, p. 181) que:

os subalternizados não apenas estiveram e estão ausentes nos padrões de poder, de justiça, de propriedade da terra, do solo, da renda, do trabalho; estiveram e estão ausentes do padrão de conhecimento, de ciência. Ausentes no pensamento sociológico e pedagógico. Ausentes no conhecimento curricular.

As relações sociais têm sido demarcadas pelas posições que os sujeitos ocupam na sociedade e pela divisão social do trabalho, como mostramos na seção juventude e classe, é impossível pensar a juventude brasileira sem esse recorte de classe, pois, como mostrado, uns são pensados e formados para os melhores postos de comando, e outros, para os postos inferiores e subalternizados nas relações de trabalho. Assim, a lógica do trabalho aparece na vida dos jovens seja como horizonte futuro ou como realidade já dada, o lugar que o trabalho ocupa na vida desses jovens está para além de uma opção de vida, ou consenso sobre os fundamentos que o norteiam.

Assim, a categoria trabalho nessa pesquisa revelou-se como um fator indireto que também influenciou no processo de luta e mobilização dos jovens do ensino

médio por uma educação de qualidade na escola, pois os jovens entrevistados mostraram-se perceptíveis sobre a importância da educação em suas vidas como possibilidade de crescimentos, sendo a escola o lugar propício para o processo de educação acontecer de fato. Com isso lutando por meios das mobilizações para a garantia não apenas de um espaço fixo para a escola, mais também com condições estruturais e pedagógicas.

5.3 RELAÇÃO ESTUDANTE E PROFESSOR

A questão da relação dos estudantes e professores e qual é a implicação dessa relação com o processo de mobilização de luta dos jovens por uma educação de qualidade na escola Dr. Celso Malcher. Na coleta de dados foi visibilizado a importância do papel do professor na efetivação das ações de mobilização por uma educação de qualidade.

No processo de ensinar e aprender na escola básica, acreditamos que seja impossível não pensar na relação estabelecida entre estudante e professor. Essa relação muitas vezes é marcada por diversas situações, algumas amigáveis, outras conflituosas, ou ainda, marcada pela indiferença.

Com base nos estudos de Dayrell (2007), discorre-se agora sobre essas relações na escola Celso Malcher, que são marcadas entre realidade com as falas dos alunos: “- Com os professores não também, eles são professore bons pra ensinar, tem o diálogo com os alunos, interage, há essa associação entre os alunos e os professores (ENTREVISTADO 09, 2017)”; “- Nunca tive nenhum conflito (ENTREVISTADO 10, 2017)”;

Com a maioria dos professores é uma relação boa. Tem um professor em si que a maioria dos alunos não gosta dele, que ele é muito arrogante, as vezes ele chega aqui falando toda a vida dele, como se fosse intimidar os alunos, por ser o tal, que ele pode tudo, que ele não tem medo da SEDUC. Mas, só isso! (ENTREVISTADO 06).

A nossa relação com os professore é boa. Eles se aproximam o máximo da gente. Tirando esse professor, ocorreu uma situação, que aí que eu vi que a nossa turma é unida. Foi pelo fato desse professor vim querer me expulsar da sala, pelo fato de eu não estar fazendo nada, pelo fato de eu estar quieta. E, tipo quando ele me expulsou realmente da sala, todo mundo se levantou e foi saindo da sala, foi uma forma de protesto que eu nunca pensei que todo mundo da turma fosse fazer (ENTREVISTADO 03, 2017).

É uma relação de respeito. Não é chegar aqui e ver eles apenas como pessoa que está dando conteúdo em sala de aula sobre determinado

assunto de uma determinada disciplina, mas eu vejo eles como mestres, eu tento buscar essa relação para mim, que eles estão aqui e eles já foram com eu, um dia eles foram alunos. Então, eles buscaram por uma profissão e eles escolheram a profissão de professor. Eles enfrentam todo dia dificuldades para estar ali dentro de uma sala de aula (ENTREVISTADO 05, 2017).

Eu chamo alguns de mestres, os caras são bons no que fazem. E, eles têm muitos problemas e dificuldades em muitas vezes chegar aqui, porque tem professor que chega atrasado, é uma luta deles. Acho isso muito estimulante, principalmente para nós que estamos terminando agora, as vezes eles enfrentam chuva, sol pra vim dá aula pra gente (ENTREVISTADO 01, 2017).

As falas dos estudantes mostram a importância atribuída aos professores no seu processo de ensino e aprendizagem, assim como têm nos professores uma referência de incentivo e coragem para prosseguir os estudos. Essa centralidade atribuída aos professores é relevante e importante neste estudo por várias razões.

Entre essas razões pode-se citar: os professores fazem diferença na vida desses jovens, tanto de forma negativa (falta de professores), como positiva, uma vez que os professores são motivadores desses jovens em muitos sentidos, seja em relação ao incentivo aos estudos, como também exemplos em suas vidas, além do mais, muitos desses professores estão próximos da realidade desses jovens.

Um segundo aspecto diz respeito ao âmbito da convivência, os alunos atribuem e tendem enfatizar mais os professores quando são respeitados e reconhecidos em suas potencialidades, deste modo, percebe-se que as interações entre estudante e professor apresentam certa normalidade, em condições de trabalho nem tanto propícia para os professores.

Assim nota-se em outros relatos:

Eu acho ela uma escola muito boa. Os professores são bastante atentos, não são muitas matérias difíceis, os professores são muito companheiros e a secretaria também é bastante atenta aos alunos (ENTREVISTADO, 11, 2017).

Eu quero mudar o rumo da minha história, não ficar do mesmo jeito que meus pais ficaram, nessa mesma. É o último ano, pelo meu desempenho e pela escola e professores, eles fazem de tudo pra gente não repetir, e, a gente tá muito bem. (ENTREVISTADO 03, 2017).

É constante nos discurso dos entrevistados que os professores são sensíveis a realidade dos estudantes, essa sensibilidade mostra como a relação estabelecida entre os professores é importante no processo de escolarização desses jovens, pois,

neste caso, não é uma relação da indiferença, mas sim reconhecimento de ambos nos seus limites e possibilidades de convivência.

Assim, retoma-se o debate sobre o outro conforme Dussel (1993); Zanella (2008) e Arroyo (2011), o outro não é um ser isolado de nossas ações e convivência, o que projetamos para os outros, no caso os estudantes do ensino médio, esses outros com diversas particularidades. E assim,

tentando observar um pouco mais os contornos dessas relações intersubjetivas com os jovens que nos constituem professores do Ensino Médio, vemos que elas são sempre uma relação com o outro e com o diverso. E aqui encontramos um segundo grupo de palavras “que sabem mais longe”: diversidade / alteridade. Eles não são o que somos, eles não são como somos. Eles são outros sujeitos, outras individualidades, outras subjetividades (TEIXEIRA, 2014, p. 19).

Pode-se constatar que diante dos professores estão sujeitos com histórias parecidas quando dizem respeito às desigualdades sociais, mas totalmente díspares em relação ao modo de ser de cada jovem, suas limitações e barreiras, seus sonhos e projetos. De todo modo, mesmo diante de todos os desafios, os jovens têm impressão positiva dos professores, com reflexos positivos nos seus processos de escolarização.

Às vezes, uma palavra, um abraço, pode fazer toda diferença na vida dos jovens, pois, o diálogo, o respeito e a alteridade (Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro¹²), entre os jovens e os professores são princípios fundantes de uma escola democrática. Na sociedade contemporânea, é um grande desafio uma escola democrática, uma escola que respeite as diferenças, e que coloca-se no lugar do outro, não como uma extensão do meu “eu”, mas outro como ele mesmo.

5.4 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Ao tratar desta categoria Família, sua relação com o processo de escolarização dos jovens tem-se em mente duas perguntas: primeiro é saber se os pais ou responsáveis dos jovens participam das reuniões ou outras atividades da escola? E a segunda pergunta, tange a se os jovens consideram que a participação dos responsáveis influenciam nos seus processos de escolarização? Em ambas as

¹² Conceito encontrado na filosofia, este conceito pode ser encontrado no Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007, p. 35).

perguntas as respostas não foram unânimes. Tomando-se como referências os autores Silva Filho e Araújo (2017); Dayrell (2003) e outros, assim como, outras fundamentações.

Krawczyk (2014) destaca que a relação dos alunos com a escola tem uma estreita relação como o meio social em que o sujeito está inserido, entretanto, a autora salienta que o sucesso e o rendimento do estudante têm conexão direta com o que lhes é proporcionado, uma vez que as conquistas dos filhos dependerão em grande medida das condições de suas famílias.

Assim, frequentemente na periferia, condições financeiras não boas, pouco estudo dos pais e moradia precária são obstáculos presentes na realidade dos jovens. Autores como Polonia e Dessen (2005, p. 304), chamam a atenção para a realidade do processo de escolarização e a importância da participação dos responsáveis no desenvolvimento e acompanhamentos de seus filhos:

Quando o foco de debate é o papel dos pais na escolarização dos filhos e suas implicações para a aprendizagem, na escola, há aspectos a serem ressaltados. A família como impulsionadora da produtividade escolar e do aproveitamento acadêmico e o distanciamento da família, podendo provocar o desinteresse escolar e a desvalorização da educação, especialmente nas classes menos favorecidas.

Quando se pensa a participação da família deve-se pensar em dois aspectos: o primeiro ela pode contribuir para a evasão, com também para permanência, tomamos como premissa que a família é uma das incentivadoras e motivadoras para que seus filhos prossigam nos estudos. Sobre a participação dos responsáveis, foi feita a seguinte: seus pais ou responsáveis participam das reuniões e ações que acontecem da escola? Nas respostas constatamos que 8 responderam que os responsáveis não participam das atividades e reuniões, 4 responderam que sim, e 3 foram mais elucidativos, cujas resposta seguem transcritas: “- Diretamente não, porque como minha família quase toda mora em Cametá, mas o meu irmão participa aqui comigo, fora isso ninguém” (ENTREVISTADO 12, 2017); “- Quando tem, sim!” (ENTREVISTADO 02, 2017);

Sou do interior de Cametá, eu vim para cá pela dificuldade de estudar lá. Quando eu terminei a quinta série a gente teve a notícia que não ia ter mais a sexta série, porque não tinha demanda suficiente de alunos para eles irem atrás de professores. Eram dez alunos apenas na quinta série. Então, por conta disso eles fizeram uma reunião e avisaram para os pais que não ia ter aula para a sexta série em diante. Aí foi que meus pais conversaram

comigo, porque tinham outras localidades que tinham escola com a série que eu iria estudar só que na época eu sentia muitas dores nas minhas pernas e meu pai ficou com medo porque eu teria que caminhar por um caminho assim... era uma caminhada boa, pegava barco e tinha que pegar um caminho de novo pra poder chegar na escola. Então, eles preferiram conversar comigo para eu vim estudar aqui com meus padrinhos que seria melhor para mim. E, como desde pequena eu me dou com meus padrinhos, então não foi tão difícil chegar aqui por eu ter o apoio da minha família. Considero muito os meus padrinhos. Então, em relação a minha família e meus estudos, eles sempre me apoiaram, graças à Deus, e sempre falaram 'olha, tu só vai conseguir alguma coisa se tu estudar', porque o trabalho que tem lá, infelizmente, é a roça, não menosprezando, mas é trabalhoso. Então, eles sempre me apoiaram para mim estar aqui (ENTREVISTADO 05, 2017).

A minha família mora longe, aí não tem como eles virem. Eu vim pra cá e pra mim foi muita dificuldade também porque eu nunca tinha saído da minha cidade, sou de Gurupá/AM. Eu nunca tinha saído de perto da minha mãe, dos meus pais. Lá até tem o ensino médio, mas é muito baixo, aí a mamãe chegou e conversou comigo que a minha tia estava precisando de alguém aqui pra ficar com ela. Aí ela ligou pra mamãe e falou se eu não poderiam vim. Eu tinha terminado lá a oitava série e a mamãe perguntou pra mim se eu não queria vim fazer o ensino médio pra cá. Logo no começo eu 'não, não', mas aí logo depois eu 'tá, tudo bem'. Eu vim e 2012 e passei o primeiro ano sem estudar porque eu achava muito chato (ENTREVISTADO 01, 2017).

As respostas dos jovens permitem compreender que a relação dos jovens com suas famílias são dinâmicas, um dos pontos que chamam atenção: alguns jovens vêm dos interiores para a casa de amigos, tios, padrinhos e etc.¹³ para prosseguir nos estudos, é o que se pode notar nas falas dos entrevistados 01, 05 e 12, essa realidade comum a muitos jovens que para continuarem seus estudos, deixam suas famílias para irem em busca de sonhos mais altos.

Todo modo, na maioria, a família não participa de atividades da escola. Dado que chama atenção, pois "os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos" (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 305). Essa afirmação pode justificar porquê os estudantes em sua maioria acham importante a participação dos responsáveis na dinâmica da escola e como isso pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem. Pois, quando perguntado sobre: você considera a participação de seus responsáveis na escola como fator importante para o desenvolvimento de seus estudos? As respostas foram: 02 entrevistados disseram que não influencia, e outros 13 responderam que sim, destacamos as

¹³ Não foi possível localizar pesquisas que mostrem o número de jovens que estão nesta situação. Entretanto, acreditasse que número seja significativo, uma vez que é comum encontrar jovens vivendo essa realidade.

respostas mais explicativas sobre o porquê ser importante a participação dos responsáveis na vida escolar. As respostas são as seguintes: “- Talvez sim, por causa que tendo o apoio da família a pessoa se sente incentivada a estudar (ENTREVISTADO 12, 2017); “- Eu acho que influencia um pouco (ENTREVISTADO 09, 2017);

Acho que sim. Porque para mim eles deveriam ir na escola saber como eu estou saber mais da responsabilidade. Sendo que em todas reuniões que tinham na escola eles não iam. Para mim uma boa parte, eu queria que eles fosse participar da reunião (ENTREVISTADO, 14).

Sim a ajuda da família é muito importante, porque se dependesse só das amizades, muitas amizades só querem gazetar aula, por exemplo, jogar bola, fazer coisas que não se diz respeito à escola. Mas, a família não, ela sempre incentiva, apoia, diferente de algumas amizades (ENTREVISTADO 06).

A família nunca vai querer ver o seu filho, o seu parente na pior. Eles sempre vão querer dar conselho para tentar fazer que a gente se torne uma pessoa superior a eles. E, a minha me apoia muito, ela me incentiva muito pra mim não só terminar meu ensino médio, mas sim cursar uma faculdade, conseguir ser alguém superior ao resto da minha família (ENTREVISTADO 03, 2017).

De certa forma eu creio que sim, porque tem vezes que a gente tá muito pra baixo precisando de uma palavra principalmente da mãe, porque somos mulheres. E, tem hora que chega a cabeça quer explodir e a gente não tem com quem conversar. Mas aí da mesma forma que a gente pensa em desistir, a gente pensa no esforço que a mãe da gente tá fazendo lá para a gente continuar aqui (ENTREVISTADO 05, 2017).

Influencia, eu acho que muita gente e muito dos casos dos alunos que evadiram por conta de desinteresse, às vezes é falta de conversa com a família, falta de diálogo com a família, falta de uma fé na pessoa. Os meus pais eu vejo que eles têm fé em mim, eles acreditam em mim, o tempo todo eles estão falando comigo, ligam para cá. Eles não podem estar aqui, infelizmente, para estar vindo em reunião, mas eu tenho certeza que se eles tivessem aqui eles viriam em reunião. Mas minha mãe sempre pergunta ‘e aí minha filha como está indo na escola? Está tirando nota boa’, o papai é a mesma coisa. Eles sempre falam ‘olha, não vai se meter com coisa errada’, ‘não vai atrás de mal companhia’. Então, eles estão sempre ali do meu lado me incentivando para eu estar fazendo coisas boas (ENTREVISTADO 01, 2017).

Deste modo pode-se constatar que a família, na perspectiva dos jovens é uma instituição importante para os estudos. Pode-se observar nas famílias o valor atribuído a esta instituição, não só pelo seu valor como família, mas pelo fato das famílias estarem ligadas à formação primária desses sujeitos.

5.5 PARTICIPAÇÃO E MOBILIZAÇÃO: LUTA PELA EDUCAÇÃO

Conforme destacado no tópico contextualização da escola e do bairro, os estudantes da escola têm e tiveram intensa participação na luta por educação e um prédio para escola, luta essa que continua, mas mostra como os jovens tiveram papel importante nesse processo.

Essas categorias são importantes no processo de formação dos jovens. Dayrell e Carrano (2014), salientam que ao falar da participação dos jovens é preciso considerar aspectos complementares dessa categoria ligadas a uma formação teórica, com respeito à vida cidadã; aprendizagem de valores, conteúdos cívicos e históricos da democracia, regras institucionais e também, a criação de espaços e tempos para a experimentação cotidiana do exercício da participação democrática na própria instituição escolar e em outros espaços públicos.

Assim, o Estado tem se mostrado ausente, ou seja, não tem cumprido com sua obrigação de garantir a todos os jovens a educação, o lazer e etc. Suas políticas para os jovens na escola têm sido mínima, assim, quando os jovens se mobilizam e participam, a escola tende ser uma verdadeira promotora de formação política, onde os jovens são participativos e ativos na luta por seus direitos, nas palavras da Professora Rosana (ENTREVISTA, 2017):

o Celso Malcher, hoje é isso, um bom entrosamento, é uma unidade, apesar de todos os problemas, mas acho que é uma unidade muito forte, é M1TR01 um movimento muito forte dentro da Terra Firme, ele não é só uma escola, ele é um movimento social que tem força

A escola Dr. Celso Malcher está para além de uma simples escola, ela é isso um grande movimento social dentro da Terra Firme. Segundos os jovens, a participação e mobilização eram realizadas de diversas formas.

Sim, nós participamos, era uma causa boa porque nós queríamos tudo e tal, mas em compensação nós perdemos aulas, aí com isso vai aumentando nosso tempo na escola. Já era para a gente ter acabado o ano letivo, mas com esses protestos acabou nos atrasando (ENTREVISTADO 06, 2017).

Foi no tempo da diretora Regina, e ela fazia que a SEDUC não soubesse que por trás das manifestações a gente estava tendo aulas normais para não prejudicar os alunos. Então, a gente fazia barulho mesmo, ia para a rua. A gente chamou a atenção das autoridades, fomos lá para frente do Mário Barbosa. A gente fez mesmo barulho para que prestassem atenção na gente e vissem o que estávamos passando (ENTREVISTADO 03, 2017).

Primeiramente, a diretora tentava junto com os outros órgãos da escola uma conversa com o pessoal da SEDUC. Mas, eles ficavam só na promessa... aí ela chegava aqui e falava para nós irmos pra rua que assim era mais

provável de eles nos concederem nossos direitos. E, sempre nós íamos pra rua, ficávamos protestando, pedindo melhoria. Nisso veio até a retirada dela aqui da escola, porque eles não estavam mais gostando de tantos protestos, tanta cobrança. Ela saiu, mas depois veio tudo que nós reivindicamos (ENTREVISTADO 06, 2017).

Nas falas dos jovens constam-se suas intensas participações e mobilizações nos atos mencionados na caracterização da escola, os jovens na escola Dr. Celso Malcher são agentes de transformação de sua própria condição e realidade social. Assim, deduz-se que estes movimentos foram e são importantes para a formação cidadã e democrática de desses jovens, uma vez que a reivindicação por suas necessidades são feitas por eles mesmos, são ativos frente às diversas situações.

O que se assemelha à concepção de Carrano e Dayrell, (2014, p. 121):

A noção de participação é ampla e diversa. Há vários sentidos para a palavra participação e várias formas de realizá-la. Em um sentido mais amplo, a participação nos remete à ideia de adesão das pessoas em agrupamentos produzidos nas variadas dimensões de organização da sociedade. Em um sentido mais estrito, a noção de participação nos remete à presença ativa dos cidadãos nos processos decisórios das sociedades. E essa noção tem a ver com a participação política ou com a participação cidadã. Os espaços e tempos da participação podem promover a educação para a vida pública, o aprendizado da cidadania e dos valores democráticos. Dito isso, afirmamos que a experiência participativa é, por sua própria natureza, uma experiência educativa e formativa.

Assim sendo, a noção de participação é importante para compreender o processo de experiência desses jovens na mobilização (foto 12), pois, é por meio dessas participações e mobilizações que os jovens aprendem construir pautas, projetos, formando vínculos de solidariedade e respeito com outros, excitando a alteridade.

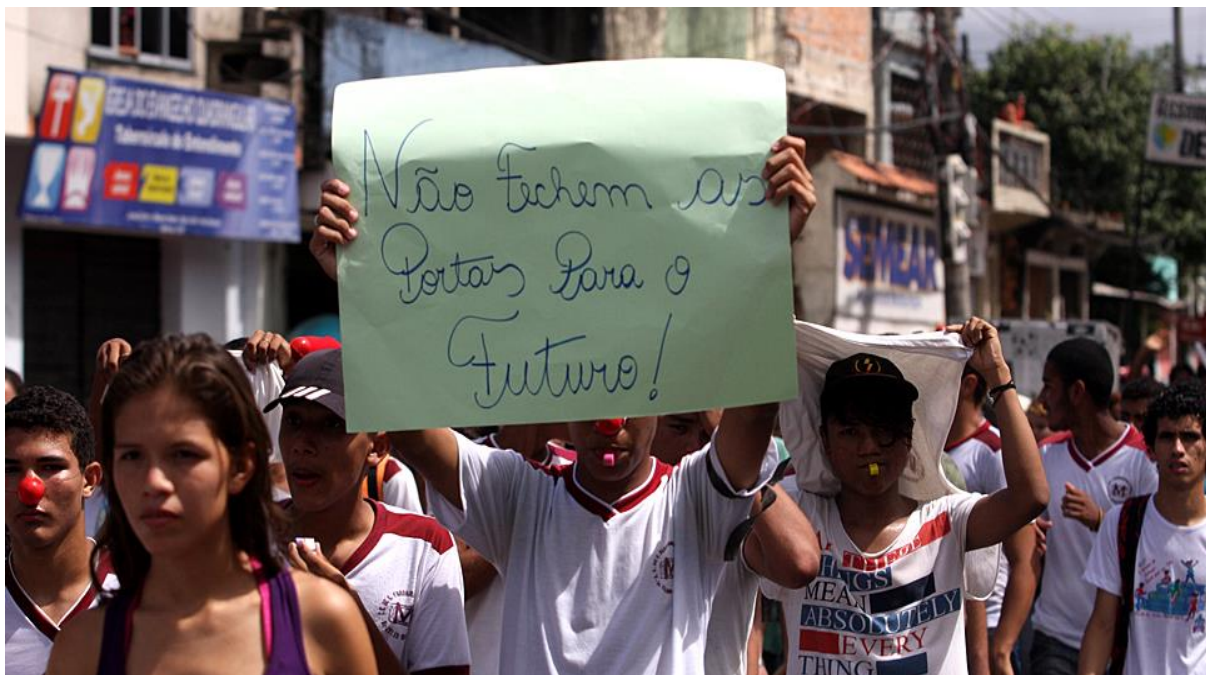


Foto 12 - Momento de Mobilização e Participação dos jovens
Fonte: Portal ORM/Galeria (2013).

A foto acima, retirada em um dos momentos de participação e mobilização dos jovens, mostra como eles compreendem que a educação é importante em suas vidas, e sabem que o Estado tem sido omissos na questão. Convictos de que esse bate na se exaure, por aqui, tratemos sobre o ser jovens na perspectiva desses jovens.

Deste modo, vê-se não existir uma juventude no singular, e sim, no plural juventudes, neste sentido, pergunta-se o que seria ser jovem para os jovens moradores das camadas populares, as respostas são diversas empolgantes e cheias de significados. Como as transcritas a seguir:

É tá buscando por liberdade, mas com responsabilidade. Eu sempre falo que as pessoas costumam confundir isso 'ah, eu sou jovem, tenho que fazer isso, fazer aquilo outro'. Não! Muitas das vezes vai tá só confirmando certos pensamentos errados sobre o jovem. Eu acho que ele tem que pensar que ele pode estar ali se divertindo, eu gosto de me divertir, gosto mesmo, mas eu sempre tô ali, tem uma frase que eu e minhas primas sempre fala 'a tua cabeça é o teu guia', tu sabe o que tu faz. Tu vai para alguma lugar, tu vai ali beber, tu vai ali fazer alguma coisa, mas vai consciente que se tu fizer algum ato ruim só vai te prejudicar. As pessoas não confiam na gente quando a gente não tem responsabilidade. Eu sempre tento demonstrar que sou responsável, pra buscar a minha independência, quero ter a minha liberdade. Então, não quero dar o motivo para as pessoas não confiarem em mim (ENTREVISTADO 05, 2017).

Viver uma constante batalha, porque a gente tem que sempre tentar superar barreiras que algumas vezes aparecem. Como a gente não ser responsável,

não ter consciência, algumas ideias que as pessoas têm sobre os jovens, mas na maioria das vezes não é verdade (ENTREVISTADO 04, 2017).

Durante a escrita desta dissertação, buscou-se demonstrar a construção histórica do conceito de jovens, e o que é ser jovens. Buscou-se frisar com acuidade a realidade dos jovens das comunidades populares, a relação com as categorias aqui apresentadas, mas deixando claro, que as compreensões sobre os jovens são diversas.

Como muito bem coloca o entrevistado número 04, a realidade dos jovens é uma constante batalha de superação de muitos obstáculos, mas também é juventude viva, capaz de grandes coisas, e não pequenas e simples, eles são a Escola Dr. Celso Malcher.

Portanto, compreendemos o processo de mobilização e luta dos jovens no seu escolarização e constante, pois os jovens das camadas populares ser demarcado significativamente pelos fatores aqui estudados, alguns de forma negativa como o trabalho, a infraestrutura e ausência da família nas reuniões e atividades escolares, e outras de forma positiva como a relação boa entre professores e alunos, a participação e mobilização e o ser jovem. Notasse as três últimas categorias ligadas à formação política e democrática desses jovens.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Entende-se que o debate sobre o processo de escolarização dos jovens de camadas populares não se esgota aqui. Pois é temática viva e atual em qualquer contexto. E o processo de escolarização dos jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola Dr. Celso Malcher, menos ainda.

Refletir tais questões sempre será necessário. Ou pelos menos enquanto houver exclusões sociais, desigualdades e desrespeitos aos direitos fundamentais dos jovens. Educação, lazer, segurança, saneamento, condições dignas para viver e concluir os estudos na educação básica de forma satisfatória, condições de prosseguirem os estudos no nível superior, se for o desejo destes sujeitos, jamais podem figurar fora dos anseios das juventudes.

Apontar para o fim deste trabalho, obriga destacar a tarefa difícil que foi construí-lo. No entanto, um percurso de rica aprendizagem. As várias idas à escola, as entrevistas com os sujeitos que dele se dispuseram participar possibilitaram vivenciar as diversas realidades e dificuldades enfrentadas por esses sujeitos dentro do bairro da Terra Firme e interna e externamente à Escola Dr. Celso Malcher, assim como possibilitou-nos compreender quão importante é o processo de mobilização social. Construir estratégias de enfrentamento e de resistências frente às barreiras resultantes da falta de políticas públicas voltadas aos espaços pesquisados faz parte das constituições de seus atores, e a isso, rendemos louvores.

Poder entrar em lugares desconhecidos, porém ricos de cultura e experiência, em alguns momentos, requereu conter os sentimentos, pois a cada entrevista, uma particularidade, uma superação. A vontade era querer parar e abraçar e dizer sua história, não é só sua, ela é comum a muitos jovens, inclusive a este que vos escreve.

Esta investigação esteve ancorada em diversos autores que estudam Juventude e Escola no contexto brasileiro, tais como Dayrell (2009); Forquin (1999); Groppo (2000); Libâneo (2016); Novaes (200); Paes (2003); Sposito (2009); Thomé (2009); Carrano (2013, 2014); Lombardi (2011); Frigotto (2004, 2008) e Silva Filho e Araújo (2017). Tendo como base estes autores, foi possível criar arcabouço teórico que possibilitou compreender o fenômeno estudado, assim como responder aos objetivos e indagações desta pesquisa.

O Bairro da Terra Firme, conforme mostrado, remonta à década 1940 e é marcado por grande contraste social desde as suas origens, nascendo de uma demanda de expansão populacional da Cidade de Belém, e ao mesmo tempo devido ao grande fluxo de pessoas de outros estados e do interior do Estado do Pará que buscavam por moradia própria. Assim, o bairro foi construído ao longo de sua história, a partir de lutas dos moradores pela garantia de suas propriedades e melhorias em relação a saneamento básico.

Tendo a mobilização dos moradores por melhores condições como característica principal frente às necessidades e demandas do bairro, justifica-se o seu grande número de centros e associações comunitárias, assim como grupos culturais. As entrevistas com alguns de seus moradores antigos revelaram como os ocupantes se mobilizaram e buscaram melhorias para o lugar onde moram, também foi possível constatar que a expansão do bairro foi lenta e gradual, pois foram realizadas várias invasões de ocupação das terras que à época pertenciam à Universidade Federal do Pará, sendo a mais recente a ocupação denominada Parque Amazônia, nos anos 1990.

Dado importante a destacar corresponde à forma como se originou a Escola Dr. Celso Malcher, que assim como o bairro que a abriga, nasceu de demanda social em virtude da expansão da comunidade estudantil do lugar, que buscava por espaços que proporcionassem prosseguimento aos estudos dentro da própria comunidade, já que as escolas existentes não supriam esta necessidade. O que teve na mobilização de alunos e moradores fator mais relevante à consecução do referido espaço.

A história da escola Dr. Celso Malcher desde sua origem, que segundo o PPP datado de 2002, é marcada por lutas dos estudantes e professores por um prédio fixo, uma vez que a escola não possui estrutura própria.

O estudo revelou que desde 2002 até a presente data, a escola já foi alocada em três diferentes lugares, marcados por grandes problemas estruturais, no que tange às condições necessárias para funcionamento e acolhimento de estudantes e funcionários. O que também culminou em mobilizações e participação dos jovens da escola em prol do direito a uma educação digna, tendo apoio da comunidade e de seus professores. Tais reivindicações foram importantes para sensibilizar o poder público para as condições do espaço pesquisado.

Nesta investigação foram eleitas, a priori, a partir da banca de qualificação, duas categorias: Desigualdades e Contradição. As quais permearam o debate deste texto dissertativo. Durante a pesquisa de campo, na execução das entrevistas salientou-se mais 6 categorias: Infraestrutura; Trabalho; Relação Professor/Aluno; Relação Família/Escola; Participação/Mobilização e Ser Jovem.

Assim, a não existência de um prédio fixo ou um espaço adequado às demandas dos alunos tende dificultar um desenvolvimento satisfatório do processo de ensino e aprendizagem dos educandos, levando à evasão escolar, com consequências à vida dos jovens desta pesquisa.

Categoria analisada neste texto de cabal importância, é a categoria “Trabalho”. Pois, os alunos entrevistados que estudam e trabalham são os que mais apresentam dificuldades de acesso e permanência na educação básica, o que resulta em não participação nestas atividades e mobilizações promovidas na escola.

Conforme as entrevistas, no aspecto relação com os professores, a maioria dos estudantes atribuíram como sendo boa a relação e convivência com os educadores e que veem neles, formas de incentivos para o enfrentamento dos problemas e barreiras cotidianas. Entretanto, no aspecto família, os dados mostram pouca participação dos responsáveis na vida escolar dos estudantes, pois, para a maioria dos estudantes, os pais não dão a devida importância à participação em reuniões e atividades na escola. Toda via, os mesmos afirmam que a participação dos responsáveis na vida escolar é importante para o bom desenvolvimento do processo de escolarização.

Ao analisar as categorias “Participação/Mobilização” verificou-se efetiva participação de significativa parcela dos jovens na organização, atividades e manifestações que buscavam melhorias para a escola, o que inevitavelmente tende a contribuir para uma formação mais cidadã e democrática deste indivíduos.

Por fim, ao analisar a categoria “Ser Jovem” ratificou-se a ideia de que falar de juventude, é falar de jovens no plural, pois, existem juventudes em diferentes contextos e realidades. Ao que ser jovem, na concepção dos próprios, é algo dinâmico. Assim, este estudo é um contributo para a história da Escola Dr. Celso Malcher, para o Bairro da Terra Firme. É um trabalho que buscou a origem do Bairro a partir das narrativas de moradores antigos, que participaram do processo de ocupação, de construção, de consolidação do Bairro. E, principalmente, este estudo

revelou alguns fatores (categorias) que influenciam nas trajetórias escolares e no processo de escolarização dos jovens moradores das camadas populares, por muito tempo alijados de seus direitos fundamentais.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. éd. São Paulo: Mestre Jou, 2007

ABRAMO, Helena. (Coord.) **Estação juventude**: conceitos fundamentais – pontos de partida para uma reflexão sobre políticas públicas. Brasília DF: Secretaria Nacional da Juventude, 2014.

AJN. Agência Jovem de Notícias: **ativistas marcham contra mortes nas periferias de Belém** [on-line]. Disponível em: <<https://www.agenciajovem.org/wp/movimentos-sociais-realizam-marcha-contramortes-nas-periferias-de-belem/>>. Acesso em: XXXXX.

ALVES, João Paulo da Conceição; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Abordagens sobre a condição de Classe das Juventudes no Estado Do Pará. **B. Téc. Senac**, Rio de Janeiro, v.43, n. 1, p. 234-255, jan./abr. 2017. Disponível em: <www.bts.senac.br/index.php/btsarticle/view/414/376>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES José Francisco. Contexto escolar e indicadores educacionais: condições desiguais para a efetivação de uma política de avaliação educacional. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 177-194, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a12.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

ANDRADE, Josemberg M. de; LAROS, Jacob A. Fatores associados ao desempenho escolar: estudo multinível com dados do SAEB/2001. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.23, n. 1, p. 33- 42, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n1/a05v23n1.pdf>>. Acesso em: 05 Nov. 2017.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester. **Educação e cidadania**: quem educa o cidadão. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Os jovens, seu direito a se saber e o currículo. In: Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo /. Org. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ASSIS, Simone G.; DESLANDES, Suely F.; SANTOS, Nilton C. Violência na adolescência: sementes e frutos de uma sociedade desigual. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.. Brasília: Ministério da saúde, 2005.

BELTRÃO. Jimena Felipe. Escola da Terra Firme tem o maior Ideb do Ensino Fundamental na rede pública. [S. 1]. **Notícias. 2014**. Acesso em 10 out. 2016.

BARBER-MADDEN, Rosemary; ABE SABER, Bruno. A situação dos jovens no mundo. **In:** BARBER-MADDEN, Rosemary, SANTOS, Taís de Freitas. A juventude brasileira no contexto atual e em cenário futuro. Brasília: UNFPA, 2010.

BARBER-MADDEN, Rosemary; SANTOS, Taís de Freitas. **A juventude brasileira no contexto atual e em cenário futuro**. Brasília: UNFPA, 2010.

BARBOSA, D. Dimas Lara. **Juventude: possibilidades e limites** / Candido Alberto Gomes, organizador. - Brasília: UNESCO: UCB, 2011.

BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves. **Solos Culturais**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Boletim da Democratização Cultural** – [S.1]. 2016. Entrevista. Disponível em <<http://www.blogacesso.com.br/?p=85>>. Acesso em 10 out. 2016.

BRASIL. **Código de Menores de 1927**. Decreto Nº 17943-A, de 12 de outubro de 1927.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Diário Oficial.

_____. **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Saúde/Ministério da Criança. Brasília. 1990.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

_____. **Plano Nacional de Educação 2014-2024** [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

_____. **Medida provisória nº 746, de 23 de setembro** de 2016. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível

em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

_____. DEED/INEP. **Indicadores de Fluxo Escolar da Educação Básica**. Brasília, 2017.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez (orgs). Brasil. MEC. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio**, etapa I - caderno II: O Jovem como sujeito do Ensino Médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

_____. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega À Escola. **In:** Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo.; Carrano, Paulo; Dayrell, Juarez; Maia, Carla Linhares (Orgs), – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CATANI, Afrânio; GILIOLI, Renato. **Culturas Juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2006.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho? **In:** Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo /. Org. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

CORTELLA, Mário Sergio. **A escola é o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez, 2011.

CORTI, Ana Paula. Ser Aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. **In:** Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo /. Org. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

COSTA, Célio Juvenal; MELO, Joaquim José; FABIANO, Luiz Hermenegildo. (ORGS). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS : Ed. UFGD, 2010. 350p.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Minas Gerais. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>> Acessado em: 22 de outubro de 2016.

_____. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em: 25 de out. 2017.

_____. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização da juventude. **In:** VIEIRA, Maria Manuel (Coord.). Atores educativos: escola, jovens e media. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

_____. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Minas Gerais. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acessado em: 22 de outubro de 2016.

DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, Ensino Médio e os Processos de Exclusão Escolar. **Educ. Soc., Campinas**, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.-jun., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v37n135/1678-4626-es-37-135-00407.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2017.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a pratica da pesquisa qualitativa. **In:** DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DOE. Diário Oficial do Estado do Pará. **Contrato de comodato nº 511003**. 11 de abril de 2013.

DOL. Diário on-line. Alunos ocupam escola estadual na Terra Firme. Caderno Notícias/Pará. 23 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-386514-alunos-ocupam-escola-estadual-na-terra-firme.html>.

_____. Momento de reunião para exigir aulas na escola **[foto]**, 2015.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**: 1492 a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

ESCOLA DR. CELSO MALCHER. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Belém. 2005.

FAPESPA. Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas. **O Mapa de Exclusão Social do Pará**. Fapespa, 2017.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. **Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio**. *Cad. Pesqui.* [online]. 2004, vol.34, n.122, pp.411-423. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742004000200007>. Acesso em: XXXXX

FREIRE, Jacqueline C. S. SOCIEDADE: Ser jovem na Amazônia. **Teoria e Debate nº 80** - janeiro/fevereiro 2009. [on-line]. publicado em 25/06/2009. Disponível em: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-antiores/sociedade-ser-jovem-na-amazonia>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Sujeitos e Conhecimento: os sentidos do ensino médio. **In:** CIAVATTA, Maria; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

_____. Gaudêncio. Projeto societário, ensino médio integrado e educação profissional: o paradoxo da falta e sobra de jovens qualificados. **In:** O Ensino Médio

Integrado à Educação Profissional: concepções e construções a partir da implantação na Rede Pública Estadual do Paraná. Curitiba: SEED/PR, 2008. P.15-35.

_____. Ensino Médio no Brasil: “Juventudes” com futuro interditado. **In:** BRASIL. Ministério da Educação. Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio/Salto Para o Futuro. Ano XIX, boletim 18. Brasília, DF: MEC, nov. 2009.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **Ensino médio ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

GOMES, Alberto Albuquerque. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA A PESQUISA CIENTÍFICA. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br>. Acessado em: 22 de outubro de 2016.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Participação Juvenil e Escola: Os Jovens. **Revista Última Década**, nº37, CIDPA, Valparaíso, diciembre 2012, pp. 87-109. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v20n37/art05.pdf>>. Acessado em: 12 de nov. de 2016.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**. A no 13 - n 0 25 - dezembro / 2004.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. **Os movimentos sociais e a luta pelo direito à cidade no Brasil contemporâneo**. Serv. Soc. São Paulo, n. 124, p. 721-745, out./dez. 2015. Acesso em 01 de out. de 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0721.pdf>>. Acesso em: 14 de nov. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características da população e dos domicílios**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

_____. Nove a cada dez jovens acreditam que é possível mudar o mundo Perfil da juventude. [on-line]. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/04/nove-a-cada-dez-jovens-acreditam-que-e-possivel-mudar-o-mundo>>. Acesso em: 24 de nov. 2017.

JESUS de Nazaré. Associação dos Amigos da Terra Firme “logo” **[foto]**, 2017.

_____. Anexo da Paróquia São Domingos de Gusmão **[foto]**, 20107.

_____. Associação de Moradores Unidos na Luta “frente” **[foto]**, 2017.

_____. UIPP/lugar onde funcionava o galpão que abrigava a escola [foto], 2018.

JORNAL AMAZÔNIA. **Estudantes da Escola Estadual Dr. Celso Malcher, na Terra Firme, interditaram três vias do bairro numa caminhada de protesto por um novo prédio.** Edição: 24 de janeiro de 2013.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KRAWCZYK, Nora. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. *In:* Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo /. Org. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEÃO Geraldo, NONATO, Symaira. Juventude e trabalho. *In:* Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio /. Org. CORREA, Licinia Maria; ALVES, MAIA Maria Zenaide, Carla Linhares. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo: Loyola, 2014.

LOMBARDI, José Claudinei. **Textos sobre Educação e Ensino.** Karl Marx e Friedrich Engels. Campinas, São Paulo: Navegando, 2011.

MAIA, A. J. V *et al.* Juventude e política: observando a UFBA. *In:* SAMPAIO, S.M.R. (org). Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2011. pp. 169-186. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acessado em: 22 de outubro de 2016.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. *In.* FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Global Editora, 2006.

_____. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MELO, Joaquim José; FABIANO, Luiz Hermenegildo. (ORGS). **Fontes e métodos em história da educação.** Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010. 350 p.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. Eternizando a imagem pioneira. *IN* ALVES, N & SGARBI, P. (Orgs). **Espaços e imagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

NOVAES, Regina. Juventude e Participação Social: apontamentos sobre a reinvenção da política. *In:* ABRAMO, Maria; FREITAS, Virginia; SPÓSITO, Marília (orgs.) Juventude em Debate. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.), **Juventude e sociedade:** trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004.

OLSEN, Wendy. **Coletas de dados:** debates e métodos fundamentais em pesquisa social- Porto alegre: Penso, 2015.

PAES, José machado. **Culturas Juvenis.** Editora Porto, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública.** São Paulo: Xamã, 2016.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém:** estudo de geografia urbana. Vol II. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. Disponível em: <https://ufpadoisponzero.wordpress.com/2013/07/10/belem-estudo-de-geografia-urbana-vol-i-e-ii/>. Acesso em: 10/09/2017.

_____. **Televisão e Escola:** Conflito ou Compreensão? São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Educação Contemporânea).

PINA, Selma Nazaré Pina. **VIOÊNCIA SIMBÓLICA NO ESPAÇO URBANO:** a percepção dos atores sociais da Escola de Aplicação da UFPA acerca da criminalidade no bairro da Terra Firme, em Belém (PA).2013. 132f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano, Universidade da Amazônia/UNAMA, Belém, 2013.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. *In:* Revista Brasileira de Educação- ANPED – Juventude e Contemporaneidade. n. 5 e 6, 1997.

PEREGRINO, Miriane. Terra Firme: cultura e resistência na periferia de Belém do Pará. **Agência de Notícias das Favelas** – ANF. Dez de 2014. Disponível em: <http://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/>. Acesso em 20 de out. de 2017.

PIMENTEL, Thaís Pimenta. PROTAGONISMO JUVENIL E VIOLÊNCIAS: caminhos e possibilidades para o enfrentamento das violênciasna escola Dr. E.E.F.M. Celso Malcher. 2015. 41f. **Monografia** (especialização em educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface — Comunic, Saúde, Educ.** 1997 <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>. Acesso em 20 de out. de 2017.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005 Volume 9. Número 2 303-312. Acesso em: 05 Nov. 2017. <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>.

PORTAL ORM. Estudantes protestam por novo prédio para a escola Dr. Celso Malcher. Galeria. **[foto]**, 2013. Disponível em: <http://galerias.orm.com.br/galeria.asp?id=2077&%7CEstudantes+protestam+por+novo+pr%E9dio+para+escola+%27Dr.+Celso+Malcher%27>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

_____. **Euforia toma os aprovados após resultado do vestibular.** [on-line]. Disponível em: <<http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=571498&#.WvWF-KQvzdc>>. Acesso em: 25 de mar. 2017.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. **In:** Poupart, Jean. A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, Vozes, 2010.

RAMOS. Sílvia. **Juventude:** possibilidades e limites / Candido Alberto Gomes, organizador. - Brasília: UNESCO: UCB, 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e Juventude: o que fica da energia. **In:** NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.), Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004, 304 p.

RIBEIRO, Eliane; LANES, Patrícia; CARRANO, Paulo. Diversidade de perfis caracteriza as juventudes brasileiras. **Revista Democracia Viva**, n. 30, 2006. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/ibasetnet_dv30_indicadores.pdf>. Acesso em 05/01/2016.

RODRIGUES, Maysa Gomes. Dos dizeres sobre a história, a infância e a escolarização: diálogos pertinentes. **Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú.**, Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 7 n. 8 p. 11-40 jan./jun. 2010.

ROSSI, Marina. Metade dos jovens não consegue concluir o Ensino Médio até os 19 anos. [on-line]. **El País**. São Paulo, Edição de 8 dezembro de 2014. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/05/politica/1417813081_342486.html>. Acesso em: 21 de mar. 2017.

SABOYA, Patrícia. A juventude brasileira e a violência. [S. 1]. **Jornalística**. 2016.. Acesso em 10 jan. 2017

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação obrigatória:** o seu sentido educativo e social. Porto: Porto Ed, 2000.

SANFELICE, José Luís. HISTÓRIA, INSTITUIÇÕES ESCOLARES E GESTORES EDUCACIONAIS. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art4_22e.pdf. Acessado em: 20 de out. de 2016.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. **In:** DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

SILVA, Michel Goulart. Juventude, marxismo e revolução. **Mosaico Social** – Ano IV – n. 4. Florianópolis, 2008.

SILVA, Lúcia I. C. **Entre risco e proteção: o ser jovem em Belém do Pará**. Relatório final de pesquisa. ICED/UFGA, 2013.

SILVA, Maria do Socorro Rocha; SÁ, Maria Elvira Rocha. Medo na cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA). Revista **Argumentum**, Vitória (ES), v. 4, n.2, p. 174-188, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/3049>>. Acessado em: 20 de out. de 2016.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017.

SITE. Escolacreche.com.br. Descrição Detalhada da Escola de Ensino Fundamental e Médio Doutor Celso Malcher (EEEFM). [online]. Disponível em: <<https://guia-para.escolasecreches.com.br/ensino-medio/ESCOLA-ESTADUAL-DOCTOR-CELSO-MALCHER-belem-belem-para-i15540405.htm>>.

SOEIRO José; FERREIRA, Ricardo Sá; MINEIRO, João. Juventude, precariedade e desigualdades: as classes contra o fim da história », **Revista Angolana de Sociologia**. Disponível em: <<http://ras.revues.org/198>>; DOI: 10.4000/ras.198.>. Acesso em: 03 Novembro 2017.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira : educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. Nº. 24, Dez 2003.

SPOSITO, Marília Pontes; SILVA, Hamilton Harley de Carvalho e; SOUZA, Nilson Alves de. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação**, 2006, 11(32), 238- 257).

TEIXEIRA, Inês. Uma Carta, Um Convite. **In:** Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo /. Org. Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

TELA FIRME - TERRA FIRME #02. A Direção: Francisco. Belém/PA, 2014, 11min42seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gjSq294yphQ>>. Acesso em: 04 de out. de 2017.

THOMÉ, Luciana; CASSEPP-BORGES, Vicente; KOLLER, Sílvia. A Juventude Brasileira no Mundo do trabalho: proteção e vulnerabilidade social. **In:** LIBÓRIO,

Renata; KOLLER, Silvia. (orgs.) *Adolescência e Juventude: risco e proteção na realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

TOLEDO, ARNAUT DE C. de A. e GIMENEZ, J. C. Educação e Pesquisa: fontes e documentos. In: CASIMIRO, A. P. B.; LOMBARDI, J. C.; MAGALHÃES, L. D. R.(orgs.) **A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

TOMAZETTI, Elise Medianeira; SCHLICKMANN, Vitor. Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido. **EDUc. Pesqui**, São Paulo, 42, n 2, p. 331-342, abr/jun. 2016.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANELLA, AV. Escolarização formal e cidadania: possíveis relações, relações possíveis? SILVEIRA, AF, et al., org. **Cidadania e participação social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 84-91. ISBN: 978-85-99662-88-5. Available from SciELO Books.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS
1. ASPECTO: O PERTENCIMENTO DOS ALUNOS COM A ESCOLA
a) Como você sente-se em relação a sua escola? Cite algumas características que você mais gosta na escola?
b) Você participa de algum movimento social dentro da escola, tais como grêmio estudantil, grupo de discussão?
c) Você participou das manifestações pela permanência e melhorias da Escola Dr. Celso Malcher?
2. ASPECTO: RELAÇÃO DOS JOVENS COM OS COLEGAS DE ESCOLA
a) Como você avalia a sua relação com os seus colegas de turma e das outras turmas de sua escola?
b) Você já teve algum conflito com algum colega de classe? Se teve, explique.
3. ASPECTO: RELAÇÃO DOS ALUNOS COM OS PROFESSORES
a) Como você avalia sua relação com os professores do ensino médio?
b) Você já sofreu algum problema com um (ou mais) professor(s) no decorrer do desenvolvimento do ensino? Se sim explique.
4. ASPECTO: SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO MÉDIO
a) Quais foram as maiores dificuldades que você encontra para se manter no ensino médio? Caso você tenha vivenciado alguma dificuldade? Explique.
b) Durante o seu desenvolvimento no ensino médio você já teve a oportunidade de participar da construção do Projeto Político Pedagógico?

5. ASPECTO: SOBRE A RELAÇÃO DE SUA FAMÍLIA COM A ESCOLA
a) Seus pais ou responsáveis participam das reuniões e ações que acontecem da escola?
b) Você considera a participação de seus responsáveis na escola como fator importante para o desenvolvimento de seus estudos?
6. ASPECTO: SOBRE A RELAÇÃO DOS JOVENS COM O BAIRRO DA TERRA FIRME
a) Você gosta do bairro em que mora. Explique sua relação com sua comunidade.
b) Você participa dos movimentos sociais do seu bairro? Acha que esses movimentos contribuem de alguma forma para o desenvolvimento do bairro?
c) O que significa ser morador do bairro da Terra Firme?
d) O que significa ser jovem para você?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES
ASPECTO: PROCESSO DE OCUPAÇÃO
Como foi o processo de ocupação do Bairro? Você lembra como foram as ocupações? Quantas houveram? Como foi o processo de loteamento?
ASPECTO: SOBRE CHEGADA NO BAIRRO
Quais motivos levaram sua família ou você a vir morar/ocupar este espaço? Quais eram as condições quando chegaram?
3. ASPECTO: PODER PÚBLICO
Como você avalia a presença do poder público no bairro:
4. ASPECTO: SOBRE A RELAÇÃO DOS JOVENS COM O BAIRRO
Como você analisa a participação dos jovens no bairro?
5. ASPECTO: OS CENTROS E ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS
Qual a importância dos centros comunitários e associações no processo de ocupação do bairro?
6. ASPECTO: TERRA FIRME OU MONTESE
Você pode explicar por que Terra Firme ou Montese?
7. ASPECTO: O BAIRRO HOJE
O que vocêalaria sobre o bairro da Terra Firme hoje?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA (AUXILIADORA)

1. Quando a senhora começou a trabalhar no CM?
2. Quais as condições de trabalho lá no galpão?
3. Ficou quanto tempo a escola no galpão?
4. O que levou à mudança para a Paróquia de São Domingos?
5. Como foi o projeto de mudança do galpão?
6. Nesse processo os alunos foram bem participativos?
7. Quanto tempo a escola ficou no prédio da igreja?
8. Como eram as condições de trabalho no prédio da igreja?
9. Como se deu a negociação com a igreja para a escola ir para lá?
10. O que levou a mudança da igreja para o prédio da CELPA?
11. Durante o período no prédio da igreja os alunos participaram dos movimentos pela permanência da escola? Houve ameaça de a escola fechar?
12. Durante o período no prédio da igreja os alunos participaram dos movimentos pela permanência da escola? Houve ameaça de a escola fechar?
13. Como foi o processo de mudança para o prédio da CELPA?
14. Como eram as condições de trabalho quando chegaram no prédio da CELPA?
15. Como surgiu a escola e por que o nome CM?
16. A escola começou já com o ensino médio?
17. Como eram expedidos os documentos da escola?
18. Como os jovens se organizavam nesse período?
19. Você chegou a participar desses movimentos?
20. Como você poderia resumir a história da escola?
21. Há uma participação efetiva dos professores nesse processo?
22. Uma situação envolvendo aluno?
23. Como é a relação dos alunos com a secretaria?
24. Quais as principais dificuldades para trabalhar na secretaria?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA (ROSANA)

1. Idade e quanto tempo trabalha no CM?
2. Você trabalhou no prédio onde hoje fica a UIPP? Quais as condições à época?
3. A escola ficou quanto tempo no galpão?
4. Como era a organização dos professores frente a todos os problemas da escola?
5. O que levou à mudança para o prédio da igreja?
6. Como foi o processo de mudança?
7. A escola ficou quanto tempo no prédio da igreja?
8. Como eram as condições de trabalho no prédio da igreja?
9. O ensino médio sempre existiu na escola?
10. Como era a organização dos alunos?
11. E o que levou o processo de mudança da escola para o terceiro local?
12. Como foi o processo de mudança do prédio da igreja para o prédio da CELPA?
13. Como eram as condições iniciais de trabalho?
14. Você sabe o porquê do nome da escola?
15. Fale sobre a organização dos professores em todos esses momentos da escola.
16. Como você avalia a organização dos jovens?
17. Uma situação envolvendo alunos que você lembra.
18. Um resumo sobre a história da escola.
19. Fale sobre o Agente Jovem.
20. Fale sobre os projetos desenvolvidos na escola.
21. Como foi o jornal Celsinho?
22. Quer falar mais alguma coisa sobre a escola?

APÊNDICE E – ROTEIRO ENTREVISTA (TAYNARA)

1. Você estudou quanto tempo na escola CM?
2. Qual a condição dada aos alunos na época do galpão?
3. Como foi a organização dos alunos por melhoria daquele espaço?
4. Como foi o processo de mudança do galpão para a igreja?
5. Quais as condições no prédio da igreja?
6. Como era a organização dos jovens no prédio na igreja?
7. A escola ficou quantos anos no prédio da igreja?
8. Como foi o processo de mudança do prédio da igreja para o prédio da CELPA?
9. Como você avalia o seu processo de escolarização no CM?
10. Você teve dificuldades durante a sua educação básica?
11. Você teve dificuldades no ensino médio?
12. Você participou de movimentos/projetos dentro da escola?
13. Havia participação dos professores nesses movimentos de vocês?
14. Como você se sente em relação a escola?
15. Como era a organização dos alunos?
16. Para você a juventude do CM teve papel importante?
17. O que significa ser jovem para você?
18. Como você vê a relação do bairro e a escola?
19. Como você viu a organização da direção em prol da juventude?
20. O que significa ser jovem morador da Terra Firme?
21. Você lembra de algum projeto que você participou dentro da escola?
22. Como a escola contribuiu para sua formação?
23. Como você avalia a relação com seus colegas?
24. Então você pode dizer que se a escola existe foi pela participação dos jovens nesse processo?
25. O que o CM representa na sua vida?
26. Você pode falar um pouco da resistência dos alunos e das promessas do governo?
27. Comente sobre as ameaças que você recebeu.